



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer

EDUARDO DE OLIVEIRA BUENO QUEIROZ FONTES

**O TORCER NO FUTEBOL: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OS RELATOS
AUTOBIOGRÁFICOS DE NICK HORNBY (ARSENAL) E GRANT FARRER
(LIVERPOOL)**

Belo Horizonte

2020

EDUARDO DE OLIVEIRA BUENO QUEIROZ FONTES

**O TORCER NO FUTEBOL: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OS RELATOS
AUTOBIOGRÁFICOS DE NICK HORNBY (ARSENAL) E GRANT FARRER
(LIVERPOOL)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer

Linha de pesquisa: Lazer, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen

Belo Horizonte
2020

F683t Fontes, Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz
2020 O torcer no futebol: um estudo comparado entre os relatos autobiográficos de Nick Hornby (Arsenal) e Grant Farred (Liverpool). [manuscrito] / Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes – 2020.
177 f., enc.

Orientador: Élcio Loureiro Cornelsen

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 156-166

1. Lazer - Teses. 2. Futebol na literatura - Teses. 3. Autobiografia - Teses. I. Cornelsen, Élcio Loureiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



**ATA DA 61ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
EDUARDO DE OLIVEIRA BUENO QUEIROZ FONTES**

Às 14h00min do dia 30 de outubro de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma “Google Meeting”) a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*O TORCER NO FUTEBOL: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE NICK HORNBY (ARSENAL) E GRANT FARRER (LIVERPOOL)*” requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (Orientador)	X	
Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias (UFMG)	X	
Prof. Dr. Francisco Ângelo Brinati (UFJF)	X	
Prof. Dr. Gustavo C. Guimarães (U. Eduardo Mondlane)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **Aprovado**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 30 de outubro de 2020.

Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (Orientador)

Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias (UFMG)

Prof. Dr. Francisco Ângelo Brinati (UFJF)

Prof. Dr. Gustavo Cerqueira Guimarães (Universidade Eduardo Mondlane)

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)

AGRADECIMENTOS

Após uma longa trajetória acadêmica e pessoal, chegar à conclusão do trabalho nos leva a um momento muito importante: os agradecimentos. Aqui, os âmbitos pessoal, profissional e intelectual se misturam.

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, Vera Lúcia, por ser sempre um exemplo de retidão, lisura, sabedoria e eterna persistência.

Ao meu pai, Cid, pelo exemplo de tenacidade e de hombridade na vida e por ter me apresentado o São Paulo Futebol Clube e dele ter me feito torcedor.

A minha esposa, Luciana, por todo o carinho, amor, paixão e companheirismo. Ainda pela paciência com as ausências e tensões com a pesquisa. Independentemente de minhas escolhas, sempre se mostrou orgulhosa porque nunca duvidou de mim. Sei que dizer apenas obrigado é muito pouco para tão grande amor.

Aos meus filhos, Felipe e Beatriz, e demais familiares, por acreditarem em mim e por me apoiarem nessa minha trajetória.

Para não ser injusto, agradeço aos meus amigos do século passado, que, apesar da distância e da correria do dia a dia, sempre torceram por mim. Aos amigos mais recentes, de outra fase da vida, devo também sinceros agradecimentos. Em especial, agradeço aos companheiros dos clubes de Judô da Semel e do Campestre em Varginha-MG, pelas inúmeras mensagens de apoio e incentivo.

Agradeço, ainda, aos colegas de trabalho do CEFET-MG, Campus – VIII Varginha-MG, pelo irrestrito apoio durante essa longa caminhada. Especialmente aos colegas do Departamento de Formação Geral, os quais, brilhantemente, “seguraram as pontas” durante o meu afastamento.

Aos antigos professores, do fundamental ao mestrado, pelos ensinamentos, dedicação e, principalmente, pela paciência.

Ao meu orientador, Prof. Élcio Loureiro Cornelsen, devo um agradecimento mais do que especial, pelos ensinamentos acadêmicos e pessoais. Apesar de toda sua bagagem acadêmica e profissional, me mostrou, com humildade, que o intelectual necessariamente tem de ser humano.

Agradeço, ainda, aos professores e professoras do programa de pós-graduação dos Estudos do Lazer da EEEFTO da UFMG com os quais tive a satisfação de conviver e aprender, pois, mesmo oriundo de uma área diferente ao programa, me aceitaram e incentivaram a todo momento.

Ao secretário Danilo, que, além de um excelente profissional, me auxiliou nessa caminhada com seus conselhos que me fizeram chegar até este momento.

Aos membros da banca: Prof. Francisco Brinati, pelas dicas no processo de qualificação; Prof. Cleber Dias, pela acessibilidade, pelas contribuições e sugestões de importância ímpar para a conclusão do trabalho; ao Prof. Luciano Pereira pelo aceite e pelas considerações histórico futebolísticas e ao Prof. Gustavo Guimarães, pelo aceite mesmo estando tão distante.

Aos colegas do programa de pós-graduação dos Estudos do Lazer da EEEFTO da UFMG, pelo coleguismo, debates e pela grande amizade construída ao longo desse tempo.

Agradeço especialmente ao Sidney Daniel e ao Daniel Venâncio, pela amizade incondicional, com quem pude discutir sobre minha pesquisa e ouvir excelentes conselhos que me ajudaram muito na construção da tese. Pelas boas risadas e pelas longas horas de estudo.

Por fim, quero agradecer aos meus antigos alunos, sobretudo aos meninos do CEFET-MG, que sempre me apoiaram e tiveram a sensibilidade de compreender a necessidade do meu afastamento. Saibam que, apesar da distância, sempre torci, e torço, pelo sucesso de todos vocês.

RESUMO

Esta tese realiza um estudo comparativo entre as obras *Fever Pitch*, de Nick Hornby, e *Long Distance Love – a passion for football*, de Grant Farred. A proposta é analisar o que se refere aos conceitos de “memória e identidade” e “autobiografia esportiva”, como também investigar a forma como os autores apresentam o “ato de torcer” em suas obras para, então, preencher uma lacuna em relação ao estudo comparativo, nos apropriando das diferenças e semelhanças entre as narrativas. Para isso, a metodologia escolhida tomou como base a pesquisa das teorias autobiográficas, em especial o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune e Andrew C. Sparkes. Ademais, foram utilizados os conceitos sobre memória e identidade adotados por Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak e Maurice Halbwachs, e as definições sobre historiografia de Alain Courbin, Martin Polley e Matthew Taylor. Além da leitura analítica dos livros selecionados, realizou-se uma pesquisa em trabalhos publicados sobre os autores em livros, jornais e periódicos. As décadas de 1970 e 1980 foram selecionadas para que fosse possível efetuar uma comparação entre as obras, considerando que têm, como centralidade, além do torcedor de futebol e sua passionalidade clubística, a literatura esportiva inglesa. Nick, torcedor do Arsenal. Grant, torcedor do Liverpool. Ambos apresentam suas tragédias e epifanias, exibidos num enredo em que a paixão pelo futebol e, principalmente, por seus times, é tratada como uma obsessão, pois promove uma junção entre *viver* e *torcer*, tornando-os elementos inseparáveis. Os autores viviam em realidades diferentes. Nick, branco, morava na Inglaterra e podia acompanhar o Arsenal nos jogos. Grant, negro, morava na África do Sul em pleno regime do Apartheid e torcia para o Liverpool, um time eminentemente racista, que não aceitava jogadores negros. A realidade dos torcedores/autores foi retratada nesta tese de forma a mostrar que a relação entre eles é bem maior do que se pode ler em uma autobiografia.

Palavras-chave: Atividades de Lazer. Autobiografia. Futebol. Nick Hornby. Grant Farred.

ABSTRACT

This thesis performs a comparative study between the works *Fever Pitch*, by Nick Hornby, and *Long Distance Love - a passion for football*, by Grant Farred. The proposal is to analyze what refers to the concepts of “memory and identity” and “sports autobiography”, as well as to investigate the way in which the authors present the “act of supporting football” in their works to then fill a gap in relation to the comparative study, appropriating the differences and similarities between the narratives. For this, the methodology chosen was based on the research of autobiographical theories, in particular the autobiographical pact of Philippe Lejeune and Andrew C. Sparkes. In addition, the concepts of memory and identity adopted by Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak and Maurice Halbwachs and the definitions of historiography by Alain Courbin, Martin Polley and Matthew Taylor were used. In addition to the analytical reading of the selected books, a research was carried out on published works about the authors in books, newspapers, and periodicals. The 1970s and 1980s were selected so that it was possible to make a comparison between the works, considering that, in addition to the soccer fan and his clubistic passion, English sports literature is central. Nick, Arsenal fan. Grant, Liverpool supporter. Both present their tragedies and epiphanies, displayed in a plot in which the passion for football and, especially, for their teams, is treated as an obsession, as it promotes a junction between living and cheering, making them inseparable elements. The authors lived in different realities. Nick, white, lived in England and could follow Arsenal in the games. Grant, a black man, lived in South Africa under the Apartheid regime and rooted for Liverpool, an eminently racist team that did not accept black players. The reality of the fans / authors was portrayed in this thesis to show that the relationship between them is much greater than what can be read in an autobiography.

Keywords: Leisure activities. Autobiography. Soccer. Nick Hornby. Grant Farred.

RESUMEN

Esta tesis realiza un estudio comparativo entre las obras *Fever Pitch*, de Nick Hornby, y *Long Distance Love - una pasión por el fútbol*, de Grant Farred. La propuesta es analizar lo que se refiere a los conceptos de “memoria e identidad” y “autobiografía deportiva”, así como indagar la forma en que los autores presentan el “acto de torcer” en sus obras para luego llenar un vacío en relación al estudio comparativo, apropiándose de las diferencias y similitudes entre las narrativas. Para ello, la metodología elegida se basó en la investigación de teorías autobiográficas, en particular el pacto autobiográfico de Philippe Lejeune y Andrew C. Sparkes. Además, se utilizaron los conceptos de memoria e identidad adoptados por Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak y Maurice Halbwachs y las definiciones de historiografía de Alain Courbin, Martin Polley y Matthew Taylor. Además de la lectura analítica de los libros seleccionados, se realizó una investigación sobre trabajos publicados sobre los autores en libros, diarios y publicaciones periódicas. Las décadas de 1970 y 1980 fueron seleccionadas para que fuera posible hacer una comparación entre las obras, considerando que, además del aficionado al fútbol y su pasión clubista, la literatura deportiva inglesa es central. Nick, fan del Arsenal. Grant, seguidor del Liverpool. Ambos presentan sus tragedias y epifanías, desplegadas en una trama en la que la pasión por el fútbol y, especialmente, por sus equipos, es tratada como una obsesión, ya que promueve una unión entre vivir y alegrar, convirtiéndolos en elementos inseparables. Los autores vivieron diferentes realidades. Nick, blanco, vivía en Inglaterra y podría acompañar al Arsenal en los partidos. Grant, un hombre negro, vivía en Sudáfrica bajo el régimen del Apartheid y tenía raíces en el Liverpool, un equipo eminentemente racista que no aceptaba jugadores negros. La realidad de los fanáticos / autores fue retratada en esta tesis para mostrar que la relación entre ellos es mucho mayor de lo que se puede leer en una autobiografía.

Palabras clave: Actividades de ocio. Autobiografía. Fútbol. Nick Hornby. Grant Farred.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 O INÍCIO DE TUDO	30
2.1 As obras que compõem o corpus e alguns questionamentos	30
2.2 Sobre os autores e o Estado da Arte	49
2.2.1 <i>Nick Hornby, de Fever Pitch</i>	49
2.2.2 <i>Grant Farred, de Long-Distance Love</i>	52
3 O TORCEDOR NO FUTEBOL.....	55
3.1 O torcedor, o que é torcer no futebol.....	55
3.2 Futebol, torcedores e lazer	66
3.3 Futebol, história, narrativas e autobiografias	70
3.4 Procedimentos metodológicos	86
4 MUDANÇAS NO ATO DE TORCER	96
4.1 O início de tudo: da infância à adolescência	99
4.2 Mudanças no torcer, problemas sociais, culturais e econômicos	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
AUTOBIOGRAFIAS.....	154
REFERÊNCIAS.....	155
ANEXO I.....	164
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, MINHA PAIXÃO.....	164
ANEXO II.....	169
ARSENAL VS. LIVERPOOL.....	169

1 INTRODUÇÃO

Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.

(Nelson Rodrigues)

O futebol em geral e os clubes de todos os confins do planeta – em especial, na Inglaterra, o berço do futebol – têm se destacado, desde longa data, pela facilidade com que conseguem mobilizar ampla quantidade de pessoas. O que mais impressiona, contudo, não é a quantidade, mas a diversidade desse público e, talvez por isso, seja difícil defini-lo de maneira precisa.

O antropólogo brasileiro Arlei Damo (1998, p. 132) nos diz que, para esse público diverso do futebol, “a sociologia das décadas de setenta e oitenta usava o termo *massa*”. Entretanto, nesta pesquisa, não adotaremos esse termo, corrente nas referidas décadas, pois o consideramos inadequado para o enfoque que pretendemos dar ao fenômeno do torcer. Acreditamos que o ato de torcer e a torcida em si não só precedam os integrantes do próprio time de futebol, mas que lhes ensejam maior grau de importância.

Portanto, ao invés de lançar mão do conceito de “massa”, nesta tese, procuraremos observar e analisar o ato de torcer como possibilidade de lazer, tendo como referência apenas dois torcedores e, para tanto, elegemos duas autobiografias esportivas como integrantes do corpus deste estudo. Decidimos selecionar as autobiografias *Fever Pitch* (1992), de Nick Hornby, e *Long Distance Love: A Passion for Football* (2008), de Grant Farred, pois ambos nos descrevem o que é, segundo suas visões, ser um torcedor de futebol, ser um fã, e o que são suas identidades a partir de ângulos e posições diferentes, dentro das possibilidades de lazer.

O lazer, aqui, é adotado num sentido mais amplo, definido por Nelson Carvalho Marcellino, pesquisador brasileiro dos Estudos do Lazer, da seguinte forma:

O lazer é entendido aqui como cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivência (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. (MARCELLINO, 2007, p. 11).

Marcellino (2007, p. 11) também nos apresenta a ideia de que o lazer não é efetuado, mas, sim, “funciona como uma das esferas de ação humana historicamente situada”. Por ser um campo de atividade em estreita relação com as áreas de atuação do homem, podemos considerar que as alienações, as insatisfações e as pressões sofridas pelos dois torcedores, autores das obras aqui estudadas, serão fatores preponderantes para a comparação das duas autobiografias, ao entendermos o torcer como uma possibilidade de lazer.

Leon Davis, professor britânico de gestão do esporte, também apresenta que o torcer pode ser definido como uma atividade de lazer, sendo este entendido por ele como um fenômeno social em que os sentimentos de alegria e pertencimento são a busca do indivíduo:

A busca pelo lazer de torcer por um time de futebol jogando em casa era o local onde os fãs podiam se expressar em conjunto, apoiar seu time e se identificar com o clube, como se sentissem em casa, e demonstravam uma paixão diferentemente do que fariam no local de trabalho. (DAVIS, 2015, p. 423, tradução nossa).

Por sua vez, o sociólogo norte-americano Robert Stebbins (1992) propõe uma visão diferente de lazer em relação à atitude de ser fã de acordo com a forma de engajamento do indivíduo, algo pertinente ao estudo das autobiografias de torcedores, proposto nesta tese. Stebbins nos traz uma breve definição de sua perspectiva sobre o “lazer sério”, que seria:

[...] a busca sistemática de uma atividade amadora, um hobby ou atividade voluntária, na qual seus participantes a considerem suficientemente substancial, interessante e gratificante, que, num caso típico, onde se lançam em uma carreira centrada (de lazer) na aquisição e expressão de habilidades especiais, conhecimento e experiência. (STEBBINS, 1992, p. 3, tradução nossa).

Além disso, autobiografias esportivas evidenciam as tensões e relações dos narradores com os motivos distintos da própria escrita, por exemplo, o desenvolvimento de suas identidades como torcedor durante a infância e a adolescência, a relação com a família e a sociedade, e a formação do próprio “eu”. O lazer dos torcedores, quaisquer que sejam suas atividades enquanto tais, envolve

a satisfação de suas aspirações. Um critério usado para a escolha das obras foi a escrita efetiva, ou seja, ambas foram redigidas pelos próprios escritores, que, além de autores, se tornam, nas obras, narradores e torcedores (isto é, personagens principais) de suas próprias narrativas. E, além dele, também consideramos a escrita afetiva, pois a escrita afetiva é um jeito de se colocar no mundo para narrar algo sobre alguém, alguma situação, algum ambiente, alguma organização, algum organismo. É um convite a viver e nomear o vivido; a sentir e nomear o sentido; a afetar(-se) e nomear o afetado e afetivo.

Antes de entrarmos na parte teórica que diz respeito às autobiografias, gostaríamos de citar um trecho da obra de Liz Stanley, socióloga britânica, que nos fala, de forma bem cativante, o que deve ser e o que devemos esperar de uma autobiografia. Ela diz:

Esperamos que a nossa vida e a de outras pessoas tenham altos e baixos, tenham "significado", tenha personagens mais e menos importantes, heróis e vilões, que sejam vistos como lineares e progressivos e que a cronologia forneça os meios mais importantes de compreensão deles, uma forma e estrutura que são características da literatura. (STANLEY, 1993, p. 12 *apud* WOOLRIDGE, 2008, p. 624, grifo e tradução nossos).

Ao estudarmos autobiografias, uma definição desse conceito se faz necessária. A definição proposta pelo teórico francês Philippe Lejeune tem sido a mais estudada e trabalhada em várias áreas. Ela será nossa principal referência ao tratarmos das autobiografias que integram o corpus da pesquisa. Lejeune diz que “uma autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Outro aspecto apontado por Lejeune, que será trabalhado nesta pesquisa numa perspectiva mais geral, é que, para uma autobiografia se configurar como tal, é preciso haver uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem (LEJEUNE, 2008, p. 14). Essa relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem é, geralmente, marcada pelo emprego da primeira pessoa na narrativa, ou seja, em termos literários, trata-se de uma narração autodiegética.

Neste estudo, trabalharemos com autobiografias esportivas, que seguem as mesmas linhas de outras autobiografias, tendo como diferencial o tema esporte.

Essas autobiografias versam, geralmente, sobre a vida de algum atleta famoso ou mesmo alguém ligado ao esporte. Talvez por isso não sejam tão aceitas no meio acadêmico e, muitas vezes, sejam relegadas a outro tipo de literatura. Mesmo que nem todas as autobiografias esportivas contemplem o contexto histórico buscado por pesquisadores e sejam assertivas nas referências e informações escritas pelo autor, Martin Polley aponta uma evidente mudança: “existe, cada vez mais, um aumento de interesse popular e acadêmico pela história esportiva” (POLLEY, 2003, p. 166). O historiador britânico também acrescenta que essas histórias, mesmo não tendo a pretensão de serem reais, são, em contraste, muito autênticas.

Com relação às autobiografias que formam o corpus de análise da presente pesquisa, temos dois torcedores distintos, que torcem para diferentes times de futebol da Inglaterra. É importante salientar que, por serem times efetivamente existentes, consideraremos a qualidade narrativa da escrita em sua relação com a história e a memória, demonstrando que a escrita de vidas dialoga tanto com aspectos históricos, quanto com aspectos pessoais dos narradores e de suas experiências.

No escopo do lazer, Marcellino nos traz a definição de que esse tipo de lazer praticado pelos torcedores das obras em foco – isto é, a frequente ida a estádios, associações, pontos de encontro, manifestações sociais em grupo ou individuais – pode ser classificado como “interesses sociais do lazer”, uma das seis áreas fundamentais definidas pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980) para distinguir os tipos de lazer, entre eles, interesses físicos, manuais, intelectuais, artísticos e turísticos (MARCELLINO, 2007, p. 14).

Para a análise de autobiografias, deve-se levar em consideração também que o estudo da memória se faz importante para entendermos a diferença entre realidade e ficção nas obras, pois temos que a narrativa própria da autobiografia pode ser considerada como produto de uma rememoração. De acordo com a natureza do nosso estudo, as duas obras, escritas em primeira pessoa, nos remetem a uma realidade mais aceitável, já que, na dinâmica das duas narrativas, nas histórias de vida de cada um, emergem a voz e a identidade como o resultado da interação entre o narrador (podendo este ser um historiador), o autor e a personagem que contam uma história aos leitores.

Isso quer dizer que os autores colocam em relação suas vivências do passado e o que delas restam no presente. E, “em suas construções discursivas, mobilizam seu arsenal de experiências, pondo em ação tudo o que lembram, esquecem, comemoram para construir uma narrativa de si e consolidar um novo ‘eu’” (SOUZA, 2014, p. 91).

Não podemos dissociar os estudos da memória dos estudos da identidade para nossa pesquisa. Consideramos que memória e identidade estão intrinsecamente interligadas e, de acordo com o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2011), a identidade significa um ponto de encontro, o nó que une os diversos discursos e práticas culturais a que os sujeitos estão expostos e que os interpelam, convocando-os a assumirem seus lugares sociais (HALL, p. 111-112 *apud* SOUZA, 2014, p. 97).

Sendo assim, partindo dessa interseção entre memória e identidade, dentro de duas obras de caráter memorialístico, pretende-se verificar como o processo de construção de identidade está inscrito em um procedimento memorialístico que envolve reconstituição de um passado, reatualizações, lembranças e esquecimentos de algumas imagens pretéritas. Pois, ao nos basearmos em três critérios apresentados pelo sociólogo franco-austríaco Michael Pollak, “acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos” (POLLAK, 1992, p. 200). Ou seja, haveria a possibilidade de identificar a veracidade dos fatos contados nas autobiografias. Outrossim, seria verificar como esse procedimento memorialístico identitário forjou as bases do torcedor nas duas obras e, ainda, quais semelhanças e diferenças podem ser apontadas. Por fim, há a necessidade de se tecer uma articulação entre as autobiografias com o ato de torcer no futebol como possibilidade de lazer e o que é ser torcedor. Quanto a isso, é preciso considerar que “a memória é vista como a faculdade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas” (SOUZA, 2014, p. 98), enquanto a identidade “é que se faz necessário para recorrer e utilizar-se da memória para a construção da identidade do sujeito” (*ibid.*).

O antropólogo francês Joël Candau afirma que “a memória é a identidade

em ação” (CANDAU, 2013, p. 28). Acreditamos que é preciso trazer a identidade para o entendimento do discurso das narrativas e é a memória usada pelos autores que lhes permite criar uma narrativa daquilo que vivenciaram.

Um dos problemas suscitados por esta tese é a pouca valorização da autobiografia esportiva dentro do gênero autobiografia. O professor e pesquisador britânico Andrew C. Sparkes (2015, p. 3) aponta o grande interesse de estudo por várias áreas, como a Teoria da Literatura, a História, a Antropologia, os Estudos Culturais e de Gênero, mas ressalta o pouco interesse nas autobiografias esportivas. De acordo com Smith & Watson (2010), essa pouca valorização acontece pelo fato de se colocar as autobiografias esportivas no mesmo grupo de autobiografias de celebridades, como cantores, atores e outras figuras públicas (SMITH & WATSON, 2010, p. 239-240 *apud* SPARKES, 2015, p. 4).

Autobiografias esportivas, como dito anteriormente, são, geralmente, negligenciadas, pois, de acordo com Thing & Ronglan, elas não são aceitas como um recurso sério para análise por historiadores, por pesquisadores de outras áreas e por pesquisadores em *Sport, Exercise and Health* (SEH) (THING & RONGLAN, 2014, p. 13 *apud* SPARKES, 2015, p. 5). Os fatores primordiais apontados por Thing & Ronglan são: “a característica comercial da obra e problemas para confirmar a autenticidade da escrita da obra” (2014, p. 13 *apud* SPARKES, 2015, p. 5). Tal fato se dá, principalmente, por se tratar da vida de celebridades esportivas, seus estrelismos, gastos financeiros estratosféricos, apostas, bebidas e tudo mais que desperta o interesse do público em geral, mas não necessariamente da Academia. Acresce que esse tipo de obras, em geral, desperta pouco interesse acadêmico, por, supostamente, serem “fúteis” e, também, por serem comumente escritas com o auxílio da figura do *ghostwriter* ou do redator, explicitamente revelado nos paratextos, como é o caso de *Pelé: a autobiografia* (2006; lançada primeiramente em Inglês sob o título de *My Autobiography*; 2006), cuja autoria é atribuída ao “rei do futebol” e assinada com seu nome – Edson Arantes do Nascimento –, mas que contou com a participação de dois redatores: o jornalista brasileiro Orlando Duarte e, respectivamente, o jornalista britânico Alex Bellos, famoso autor da obra *Futebol: the Brazilian Way of Life* (2002; título brasileiro: *Futebol: o Brasil em campo*). Tal ocorrência se deve ao fato de que vários atletas que publicam autobiografias não se

sentiriam capazes de escrever sua própria história de maneira coerente e coesa.

Outros pontos supostamente negativos associados às autobiografias esportivas são seu caráter mercantil e a influência que os autores/jornalistas/*ghostwriters* sofrem. Essa influência acontece tanto para que escrevam apenas sobre as experiências positivas da celebridade em questão, quanto para evitar tratar de certos temas, que prejudicariam a imagem do atleta e influenciariam negativamente nas vendas do livro (SPARKES, 2015, p. 5).

Em contrapartida, os livros de Nick Hornby e Grant Farred, que compõem o corpus de análise do presente estudo, são obras escritas pelos próprios narradores, contando sobre seu “eu” e testemunhando fatos “reais” que aconteceram em suas vidas. Nesse sentido, temos em mente a pergunta feita pelo teórico norte-americano Paul John Eakin na obra *Fictions in Autobiography* (1985): “O quanto é verdadeiro o que os autobiógrafos dizem que experienciaram em relação ao que realmente experienciaram e o quanto é meramente o que eles sabem como dizer?” (EAKIN *apud* SPARKES, 2015, p. 5).

Além disso, deve ser ressaltado que, se, para determinados historiadores, as autobiografias esportivas seriam passíveis de questionamento enquanto fontes históricas, para pesquisadores do campo dos Estudos Literários, estas também podem suscitar interesse, uma vez que as prerrogativas são de outra ordem: não estaria em jogo apenas “o que” se narra, mas também o “como” se narra. Portanto, não se trata de falar sobre a “verdade” dos fatos narrados, mas, sim, do “dizer verdadeiro” enquanto estratégia discursiva construída na e pela narrativa.

Nas obras aqui estudadas, conforme apontado anteriormente, a memória será analisada sob os referentes identitários, o passado e seu contexto histórico, sob a forma das rememorações e lembranças dos autores. Contudo, antes será necessário situar essa memória, principalmente no que tange à diferenciação entre memória individual e memória coletiva.

O teórico francês Maurice Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva* (2006), originalmente publicada em 1950, distingue memória coletiva de memória individual conforme o passado é organizado sob a forma de lembrança (SOUZA, 2014, p. 99). Entende-se que a memória individual, interior ou pessoal é assim considerada quando uma determinada pessoa encara seu passado do seu próprio

ponto de vista. Já a memória coletiva pertence às lembranças de uma sociedade ou grupo, mesmo sendo imagens parciais, também considerada memória social. Para Halbwachs, a memória coletiva não ultrapassa os limites do grupo e retém, do passado, tão somente o que ainda está vivo ou que é capaz de viver na consciência desse grupo (2006, p. 102 *apud* SOUZA, 2014, p. 99).

Além do mais, Souza nos diz que, segundo Halbwachs, “essas duas memórias se interpenetram”, uma vez que a memória individual incorpora e assimila progressivamente todas as contribuições que lhe são externas – oferecidas pela memória coletiva – a fim de preencher eventuais lacunas e tornar as lembranças individuais mais exatas (SOUZA, 2014, p. 99). A memória individual, para Michael Pollak, “é um fenômeno construído”, pois, para o sociólogo franco-austríaco, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Esse trabalho de organização será analisado nas narrativas das obras. Podemos aqui afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é um fator importante no sentimento de continuidade e reconstrução de uma pessoa.

Outro fator interessante para o estudo da memória em autobiografias são as diversas projeções que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens. Pollak nos diz que “há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que ficou gravado como data precisa de um acontecimento, e, que, em função da experiência de vida, será assimilado, separado ou faltará no relato pessoal” (POLLAK, 1992, p. 201). O autor completa dizendo que “toda documentação usada em relatos pessoais é socialmente construída” e que é “trabalho do pesquisador/historiador fazer a construção mais positiva da interpretação do documento” (POLLAK, 1992, p. 201).

Como justificativa para o desenvolvimento da presente pesquisa, primeiramente, remete-se à minha formação na área da Linguística Aplicada, principalmente na área de Língua Inglesa, que me fornece suporte adequado para lidar com questões de linguagem no que diz respeito às obras que formam o corpus de análise, escritas e publicadas em língua inglesa. Necessário ressaltar, especificamente, que estamos vinculados aos Estudos do Lazer, área que nos

desperta o interesse nas manifestações sociais, particularmente o futebol.

Entendemos o futebol como sendo uma imensa projeção de um drama praticado pelos jogadores, mas, além disso, o futebol contempla uma complexa e sutil rede de argumentos e inferências relativas à vida, ao destino e às relações sociais dos que dele participam. Flores (1982) indicou, entre outros aspectos, como o futebol fascina o público por aquilo que veicula de igualdade e possibilidades de exercer escolhas – de exercitar a liberdade (FLORES, 1982 *apud* SILVA, 2001, p. 9). Tenho grande paixão por um clube, o São Paulo Futebol Clube, e penso que, mesmo tendo havido, nos últimos tempos, número significativo de trabalhos que versam sobre o tema, especificamente sobre futebol e torcidas, ainda existe uma demanda por estudos produzidos na universidade que tratem da relação específica do torcedor com seu clube e a respeito da explicitação dessa relação, sobretudo quando nos indagamos sobre o gênero literário da autobiografia esportiva.

Em virtude dessa potencial demanda, criou-se um interesse crescente em desenvolver uma pesquisa que tivesse como base autobiografias ou obras que versassem sobre a vida do torcedor e que fossem centradas em uma única pessoa, e não de uma “massa” anônima de torcedores, como colocado por Damo. Outrossim, que também se identificassem com minha própria vivência como torcedor, minha própria identidade, que abrangessem a vida de outros torcedores e fornecessem *insights* valiosos e privilegiados sobre os processos e mudanças psicológicas e sociais. Essa gama de necessidades me levou a adotar as obras de Nick Hornby e Grant Farred. Esses autores-torcedores nos trazem, em suas trajetórias de vida, os mais íntimos sentimentos daqueles que, gradativamente, se tornam parte inseparável do universo futebolístico.

As afirmações aqui colocadas também são contempladas por Christianne Luce Gomes, numa definição mais específica de todos os elementos do torcer acima indicados. Para a teórica e pesquisadora dos Estudos do Lazer,

[n]esse âmbito, compreende-se o lazer como uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos. (GOMES, 2011, p. 34).

A preferência por este estudo baseou-se na nossa própria afetividade

memorialista em relação ao São Paulo Futebol Clube¹, desde a infância e na formação como torcedor até a fase adulta. Assim, despertou-se o interesse por estudar obras que versam sobre o mesmo tema, num recorte que contemple a relação entre Lazer/Torcer e Esporte/Futebol. Nesse sentido, as autobiografias em tela, do britânico Nick Hornby e, respectivamente, do sul-africano Grant Farred, resultam de suas memórias do torcer, que, em certa medida, dialogam com minhas próprias memórias sobre o ato de torcer enquanto lazer, assumindo a feição de lazeres que têm significados e sentidos singulares. Pois, entendemos, aqui, o lazer da mesma forma que Gomes: “O lazer é uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas” (GOMES, 2014, p. 3).

Neste caso, o presente trabalho é de um professor de Inglês, que se identificou com a área dos Estudos do Lazer e que não tem a intenção de tomar-se antropólogo, nem sociólogo, nem historiador (sem desmerecimento a essas áreas e reconhecendo a contribuição dessas abordagens na presente pesquisa), mas que, por opção, será sempre um torcedor são-paulino, assumindo os riscos de falar "de dentro" do grupo. Conforme relatou Minayo:

A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévi-Strauss (1975): 'numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação' (1994, p. 14 *apud* SILVA, 2001, p. 13).

Partindo do entendimento do que chamaremos de subgênero da autobiografia, a autobiografia esportiva, cabe reiterar que o objetivo principal desta pesquisa é comparar a narrativa do livro *Fever Pitch* – da trajetória do torcedor do Arsenal² da Inglaterra, Nick Hornby –, com a narrativa do livro *Long Distance Love* – da trajetória do torcedor do Liverpool³ da Inglaterra, Grant Farred – no que diz respeito ao ato de torcer enquanto lazer. Afinal, o lazer pode ser entendido como

¹ Para maiores informações e curiosidades sobre o São Paulo Futebol Clube, consultar o Anexo I, p. 163.

² Para maiores informações e curiosidades sobre o Arsenal, consultar o Anexo II, p. 168.

³ Para maiores informações e curiosidades sobre o Liverpool, consultar o Anexo II, p. 168.

“uma necessidade humana fundamental, pode ser satisfeito de múltiplas formas, em cada contexto histórico, social e cultural” (GOMES, 2014, p. 3), sendo essa tríade de contextos base fundamental para a análise das obras.

Para a escritora e pesquisadora britânica Joyce Woolridge, uma outra possibilidade, que também será analisada neste estudo, é a de “examinar as distorções, omissões e evasões que podem às vezes ser discernidas através da comparação com evidências históricas, quando as houver” (WOOLRIDGE, 2008, p. 622).

Para efeitos de comparação, o contexto histórico das duas obras, principalmente relativo às décadas de 1970 e 1980 na Inglaterra, terra natal de Nick, e na África do Sul, onde nasceu Grant, será considerado. Também farão parte da pesquisa aspectos literários específicos, como a estrutura e a autenticidade das obras, bem como a concepção da narrativa como seu traço mais significativo na construção da representação do torcer. Outro aspecto determinante é o desdobramento do sujeito da enunciação – o autor –, em narrador e personagem principal da própria obra, assim como apontado por Lejeune e que será aprofundado na sequência da tese.

Um dos objetivos da comparação é o de buscar, nas referidas obras, possíveis olhares em relação à formação do torcedor, como aconteceram em contextos diferentes, seus medos e angústias, suas decepções, e, como não poderia deixar de ser, suas alegrias incontidas.

Ao compararmos com o modo de torcer nos dias de hoje, onde temos a mídia que nos aproxima da informação, da velocidade dos fatos, afetando diferentemente os modos de torcer, poderemos entender melhor o modo de torcer dos dois torcedores das obras estudadas num contexto social e histórico totalmente diferentes, onde o acesso à informação era, além de escasso, lento e desigual. Esta pesquisa, de alguma forma, contemplará essa diferença de mediação com os dias de hoje ao analisar os modos de narrar sobre o ato de torcer presentes nas duas autobiografias.

Para tanto, o modo como a memória se faz presente nas obras em questão será analisado no primeiro capítulo da tese, sendo, para isso, vinculado aos referentes identitários de cada autor e aos respectivos contextos em que as obras

foram escritas, bem como às representações do passado a partir de memórias e de lembranças evocadas nas narrativas. Faz-se necessária, portanto, a discussão em torno do conceito de memória associada ao subgênero autobiografia esportiva.

Neste percurso, pretendemos também analisar os discursos sobre a atuação de outros torcedores e personagens presentes nas narrativas, notadamente nos períodos que cercam as partidas de futebol em que nossos torcedores participam. Além disso, queremos tentar entender quais e se esses outros torcedores e personagens, dentre eles familiares, amigos, entre outros, têm alguma influência sobre os dois, isto é, se participaram de sua formação como torcedores, de suas identidades, e, ainda, como memória, lembrança, esquecimento e comemoração nos dão embasamento para tal reflexão.

Outro aspecto a ser contemplado por esta pesquisa diz respeito à análise de como se desenvolveu e se ampliou o pertencimento clubístico, tendo em mente a classificação de Damo para que aconteça esse pertencimento: “frequência aos estádios, o domínio de informações de bastidores, o consumo de mercadorias associadas à imagem do clube e o comportamento durante os jogos” (DAMO, 1998, p. 65). Isso significa buscar entender como se fortaleceu o amor de Hornby pelo Arsenal e de Farred pelo Liverpool, tomando por base, para isso, seus relatos autobiográficos.

Entendemos também a necessidade de tipificar e ponderar sobre os torcedores, pois são eles que, por predileção a um determinado time, manifestam a sua adesão contribuindo para a realização e a beleza do esporte.

Como será analisado nesta tese, ambos torcedores-escritores nutrem, por seus respectivos clubes, a mesma paixão que tenho pelo meu clube de coração, o São Paulo Futebol Clube. Desse modo, me arrisco a descrever, a seguir, uma parte de minha experiência de torcedor do São Paulo para justificar a minha predileção pelo tema e a escolha das obras que seguem uma cronologia semelhante.

Eu era um ótimo jogador apenas nos meus sonhos, pois, na realidade, com os pés sempre fui um belo fiasco. A natureza do esporte não favorecia os que tinham os pés pouco treinados. Era sempre o último a ser escolhido nas partidas da escola e, talvez por nunca ter tido grande habilidade, acabei por jogar basquete e handball, esportes que primavam pela destreza, habilidade e precisão com as mãos,

e nos quais, mesmo sendo esportes menos populares que o futebol, tive sucesso. No Brasil, diz-se que o futebol cresceu em popularidade pelo fato de ser praticado com os pés, portanto, menos preciso do que aqueles praticados com as mãos (DAMO, 2007, p. 83). Mas nem por isso desisti do futebol. Como grande fã do esporte, sempre acompanhei meu time de coração, o tricolor do Morumbi. Desde a infância na Rua da Mooca em São Paulo, sempre fui cercado por muitos torcedores São-paulinos. No prédio onde morava, na vizinhança, na escola, mas, principalmente, em casa, pois todos da família são São-paulinos, com exceção de um tio que é palmeirense, uma vez que nem todos são perfeitos.

Como nos coloca o sociólogo Luiz Henrique de Toledo (2000, p. 158), a condição de torcedor de futebol é apenas mais um entre tantos papéis sociais desempenhados pelo indivíduo na sociedade. Tudo isso explica como a sociedade é classificada pela preferência por times de futebol e sobre o modo de vida nela contido. Aspectos que serão analisados nas autobiografias e que moldam também o meu modo de torcer.

Meu maior motivador no âmbito do torcer sempre foi e sempre será meu pai. Desde pequeno, ele me contava histórias de jogos do São Paulo, mais eloquentemente, das grandes jogadas do Leônidas da Silva, também conhecido como o famoso “Diamante Negro”, que, para alguns, foi o inventor da “bicicleta”. Este, como dizia meu pai, jogava e fazia gols incríveis. Também não deixava escapar da memória a “venda” do Estádio do Canindé, que pertencia ao São Paulo e que foi cedido à Portuguesa, quando o São Paulo iniciava a construção do seu atual estádio, o imponente Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. Aquele momento fora, para o clube, o pior em termos de elenco que o time já teve, pois todo o dinheiro era usado para a construção do estádio e os diretores só contratavam jogadores de baixa expressão e qualidade técnica. Mas, após o início dos anos 1960, quando ocorreu a primeira e parcial inauguração do estádio, já que houve uma série de expansões posteriores, tudo começou a melhorar. Muitos títulos e glórias a um dos maiores do Brasil.

A escolha do clube do coração é realizada desde muito cedo, ocasião a partir da qual o indivíduo torna-se pessoa, passando a fazer parte de um mundo mais amplo que a casa e a família, o que lhe permite se definir e exercitar como

parte de uma totalidade, vivida na rua, em pleno domínio público (DAMATTA, 1994, p. 32). Tendo escutado histórias do time e, logicamente, sempre uniformizado em dias de jogo, eventos familiares e, principalmente, no Natal, quando esperava receber um novo uniforme, o torcer pelo São Paulo se tornou questão de honra para mim. Algum tempo depois, quando meu pai achou que eu já tinha a idade certa para ir ao estádio, assim fomos. Ele já levava meus irmãos mais velhos e eu ficava em casa apenas esperando o retorno deles.

Anos 1970, sem Internet ou telefone celular, tempo impensável para a juventude atual, apenas o rádio para acompanhar a partida ao vivo. Lembro-me que o São Paulo iria jogar contra a Ponte Preta, mas isso não importava para um menino de cinco anos indo pela primeira vez ao estádio de futebol para ver seu time jogar. A emoção de cruzar a cidade, partindo da Mooca até o Morumbi, o que era uma distância considerável, mesmo de carro, era uma aventura. Na rua, havia muitos torcedores do São Paulo, gritando, cantando e portando muitas bandeiras, o que era comum. Pedi uma bandeira ao meu pai e ele logicamente disse não. Mas não me importei. Era o ano de 1979, estacionamos próximo ao estádio, andamos até a entrada onde tomamos uma “Crush”, que era o refrigerante da época, e comemos alguma coisa. Eu estava em êxtase, meu pai e meus irmãos falavam comigo, mas eu não conseguia entender o que eles diziam. Só queria entrar no estádio.

Em seguida, nos dirigimos à bilheteria, compramos os ingressos e, então, passamos pela roleta. Finalmente, estava dentro do estádio. Achei que estava no auge da emoção, mas não, algo ainda maior estaria por vir. Comecei a subir as escadarias em direção à arquibancada, porém, no último lance, meu irmão mais velho me segurou pela mão e disse que, agora sim, eu poderia dizer que estava dentro do estádio. Realmente, ele estava certo, pois, ao subir o último lance, comecei a ver a arquibancada do outro lado, os refletores acesos e, então, o momento sublime, vi pela primeira vez o gramado do estádio, lindo, plano, brilhava como um diamante. Naquele momento, já poderia ir embora, pois eu já estava extremamente feliz. Ao sentarmos, meu pai contou a história de como e por que a Ponte Preta jamais seria campeã de um título de expressão estadual ou nacional, que seria decorrente da maldição lançada pela mãe do Pitico, que era um jogador da Ponte e, numa final, lá pelos anos 1930, foi cortado do time, e então ela rogou uma

praga sobre a Ponte, que permanece até os dias atuais.

Confesso que tive que recorrer ao meu pai para replicar aqui essa história, pois, naquele momento antes do jogo, estava tão exaltado que não entendia nada o que ele me dizia. Novo êxtase: a entrada dos jogadores, que se perfilaram e então partiram para suas posições em campo. Lembro-me do resultado, São Paulo 1 a 0 Ponte Preta, mas isso também não importava, pois, para um garoto de cinco anos indo ao estádio pela primeira vez na vida, o sentimento ou regras de “pertencimento futebolístico” ainda não existiam em mim. A experiência era mais importante do que perder ou ganhar, algo inusitado para a minha infância e que só viria a entender mais tarde como atleta e como torcedor. Não me recordo se foi um jogo emocionante ou não, apenas sabia que já teria uma ótima experiência guardada na memória para a vida toda. Depois, com certa frequência, íamos aos jogos do São Paulo, não só no Morumbi, mas no Pacaembu e também no Canindé. Também íamos ao estádio da Rua Javari assistir aos jogos do Juventus, o “moleque travesso”, pois não se podia morar na Mooca e não ir à Rua Javari. Indaga-se, então, como e de que modo um garoto poderia compreender o esporte e, particularmente, o futebol e, acima de tudo, torcer por um time?

Esse era o meu lazer, meu momento junto da família torcendo pelo nosso time de coração. Como este é um lazer dependente de um clube de futebol, que, no caso, está localizado na cidade de São Paulo, o maior centro urbano do país, a definição de lazer urbano de Victor Andrade de Melo é a que melhor reflete as experiências fruídas dentro e fora do estádio, pois, para o teórico dos Estudos do Lazer, o lazer pode ser majoritariamente compreendido como um fenômeno urbano, herdeiro direto da organização e crescimento das cidades modernas (MELO, 2011, p. 75). É importante considerar que essa definição de lazer nem sempre convive de forma harmoniosa com outras, embora mantenham os sentidos e significados. Lazer urbano, torcer por um determinado time de futebol e tudo mais envolvido neste ato de torcer são base constituinte deste trabalho.

Conforme é usualmente apresentado pela historiografia especializada no lazer, o ato de torcer por um time de futebol é, geralmente, entendido como uma prática social urbana. Contudo, de acordo com Vitor Melo (2011, p. 35), ainda que, em sua vasta maioria, aconteça em centros urbanos, não se pode descartar alguns

acontecimentos dessa prática em áreas do setor rural. Mesmo no interior do Estado de São Paulo ou de Minas Gerais, essas práticas sociais do torcer acompanharam o processo de crescimento econômico de algumas cidades em virtude do dinheiro gerado pelo café e pela agropecuária, a chegada do trem e a figura do caixeiro viajante como fatores que proporcionavam o crescente interesse no futebol, que era trazido da capital pelos grandes fazendeiros, políticos e industriais.

Ressaltando o viés histórico desta pesquisa, uma vez que serão analisadas as décadas de 1970 e 1980 em contextos e lugares diferentes, mas baseando-se na experiência de torcedores de times ingleses, é pertinente uma explicação da necessidade de se estudar futebol, o ato de torcer no lazer e autobiografias num contexto histórico. O historiador francês Alain Corbin reforça e dá sentido à ideia de relevância da memória do futebol e do torcer como experiências de lazer. Para o autor:

O exemplo do futebol põe em evidência as múltiplas funções do lazer e do espetáculo esportivo que depressa conseguem polarizar o tempo cotidiano, ordenar as referências de memória. A partir do final do século XIX o futebol constitui o seu território. É já fator de integração social. Já participa da construção de identidades. No seio dos grupos de *supporters*, o reafirmar da oposição entre “nós” e “eles” suscita a autopromoção. O espetáculo que o jogo constitui permite à multidão, para além dos prazeres visuais, sentir as emoções do regozijo coletivo. (CORBIN, 2001, p. 267 *apud* SILVA; NETO; CAMPOS, 2011, p. 121).

A relevância dos estudos da memória, dentro de um contexto histórico, é melhor explicada pelo historiador francês Pierre Nora, que expõe os lugares da memória. Esses, por sua vez, desvirtuam a própria memória e a tornam história, pois, desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (NORA, 1993, p. 9 *apud* SOUZA, 2014, p. 101). São, pois, esses elementos desvirtuantes da memória que a tornam história, construtos preponderantes das autobiografias aqui estudadas.

É importante considerar, aqui, a dicotomia entre futebol e lazer. Podemos, assim, considerar que:

Entre as várias vivências cotidianas entendidas como momentos de lazer, o futebol tem grande destaque. É quase consenso que esse esporte, criado na Inglaterra em meados do século XVIII, tenha se tornado uma das principais manifestações culturais (e de lazer) da população brasileira.

(SILVA; NETO; CAMPOS, 2011, p. 111).

Quanto a isso, acrescentaria que, nas últimas décadas, o futebol tornou-se uma das principais manifestações culturais e de lazer da população mundial, corroborando o argumento de Dumazedier (1976), que entende o lazer como um fenômeno moderno, cuja necessidade se acentua nas sociedades industrializadas, sendo, em nossa pesquisa, a sociedade inglesa e a sul-africana.

Retornando a minha história, em meados dos anos 1980, mudamos de São Paulo para Belo Horizonte. Fiquei muito triste em não poder acompanhar com tanta frequência o meu time nos estádios. Apenas quando íamos de férias ou feriados prolongados para São Paulo, ou quando o São Paulo viesse a Belo Horizonte. Dessa forma, mudei um pouco minha forma de torcer, deixei de ser apenas um torcedor de estádio e comecei a ser também um torcedor de informação, portanto, aquele que acompanha as notícias do time, que necessita buscar informações esportivas em jornais, revistas ou outros veículos informativos da época.

Não era uma jornada exitosa, considerando-se que tanto os programas televisivos quanto os jornais locais só traziam reportagens dos times mineiros, principalmente os de Belo Horizonte. Como a TV a cabo não existia, tínhamos apenas cinco canais de televisão, raríssimas eram as ocasiões nas quais as reportagens traziam alguma informação do São Paulo. Muito do que apurava sobre o São Paulo eu conseguia com muita dificuldade em algumas edições da famosa *Gazeta Esportiva*, um jornal esportivo de São Paulo que circulava em todo o Brasil. Sua marca principal era sua primeira página cor de rosa.

Recentemente, passei pela mesma experiência de uma partida de futebol do São Paulo, mas com meu filho. Dessa vez, foi diferente. Viajamos de Belo Horizonte a São Paulo, eu, meu filho (que, naquele momento, tinha oito anos) e meu pai. As experiências foram diversas, meu pai não ia ao Morumbi já há muitos anos, eu, um pouco menos e meu filho estava indo ao estádio de futebol pela primeira vez na vida.

Assim sendo, meu encantamento foi com a emoção de meu pai ao voltar ao Morumbi, e com a emoção sem limites do meu filho ao participar de um evento daquele porte pela primeira vez. O jogo era São Paulo e Mirassol, nada grandioso,

pois, nos dias de hoje, levar uma criança ao estádio é recomendável só num jogo calmo e sem muita torcida. Prestei mais atenção em meu filho do que no jogo, ele não sentou um segundo sequer, tomamos chuva e sol, vimos os gols do São Paulo, apenas dois, mas que, para ele, foram milhares. Pude perceber claramente que, em sua percepção do jogo, ele não se preocupava em ver seu time vencedor, só queria participar e torcer, estava em consonância com Damo, apresentando seu verdadeiro pertencimento clubístico, que, para meu filho, foi facilmente alcançado. Afinal, para ele, as regras de ganhar e perder foram menos importantes do que fazer parte da experiência como torcedor.

Desde o fim do jogo, desde a saída do estádio escutando o hino até o hotel e a volta para casa, ele não parou de falar em cada detalhe que, para ele, será uma eterna memória. Na verdade, um dos principais motivos da nossa instigante viagem foi para ver jogar um dos principais jogadores do São Paulo de todos os tempos, na minha humilde opinião, o ex-goleiro Rogério Ceni.

Podemos assim dizer que o universo dos torcedores de futebol é tão amplo, tão categorizado, que por sua característica interdisciplinar, o campo dos Estudos do Lazer se apresenta como âmbito privilegiado para explicá-lo. Gomes e Faria (2005) nos trazem a ideia de que o “lazer integra o campo das práticas humanas”, como, por exemplo, o torcer no futebol, “e pode ser visto como um emaranhado de sentidos e significados partilhados nas construções dos sujeitos”, em particular nas autobiografias aqui estudadas, sendo assim, “o lazer participa da complexa trama histórico-social” (GOMES, 2014, p. 12), inerente à nossa pesquisa.

Considerar a perspectiva e o contexto histórico em que essas situações aconteceram, de certo modo, nos levou a focar não só nas duas autobiografias esportivas, mas em outros trabalhos acadêmicos e autobiografias esportivas, cujas análises nos fornecerão subsídio para o desenvolvimento da tese.

A relevância para os Estudos Históricos se dá, de acordo com Polley, pela escolha de autobiografias como objeto de pesquisa, pois, para ele, “o uso de autobiografias se torna necessário e dinâmico para os estudos históricos dos esportes pós-guerra”, frente a “um crescente número de estudos acadêmicos voltados para este tema” (POLLEY, 2003, p. 168). Todavia, para além dos Estudos Históricos, devemos considerar, aqui, o próprio caráter interdisciplinar da pesquisa,

uma vez que envolve também os Estudos do Lazer, bem como os Estudos Literários.

Alguns fatores metalinguísticos nos ajudarão a entender a minha relação pessoal como torcedor e as duas autobiografias. Na nossa própria narrativa e na construção das narrativas da tese, elementos como a memória lacunar, imprecisão, recordação de certos detalhes e esquecimento de outros estão presentes e fazem parte da construção autobiográfica. Nossa consciência de adulto frente às descobertas de um menino de cinco anos na sua jornada para se tornar um torcedor também está presente na jornada de cada autor das obras da tese, evidenciando uma construção de identidade baseada em fatos reais de suas vidas.

No intuito de atender a essas prerrogativas, a presente tese será dividida em três capítulos.

Primeiro Capítulo – O início de tudo. Nesse capítulo, discutiremos e compararemos como se deu a formação dos torcedores Nick Hornby e Grant Farred face ao contexto familiar e histórico em que se encontravam. Apresentaremos as obras e seus autores.

Segundo Capítulo – O torcedor no futebol. Nesse capítulo, pretendemos apresentar o conceito de autobiografia e delimitá-lo de acordo como é empregado no presente estudo. Refletiremos, ainda, sobre o ato de torcer, o contexto histórico vivenciado e as teorias do estudo da memória e da identidade que nos darão embasamento para a comparação pretendida.

Terceiro Capítulo – Mudanças no ato de torcer. Nesse capítulo, discutiremos e compararemos a questão do torcedor já formado em fases diferentes do contexto social, histórico e familiar. Por assim dizer, parte-se dos pressupostos teóricos e contextuais para, em seguida, nos centrarmos no desenvolvimento do ato de torcer, do modo como é enunciado nas autobiografias que formam o corpus de análise.

Para complementar o embasamento sobre lazer, adotaremos as definições sobre Lazer e as Fases da Vida propostas pelos professores e pesquisadores Helder Isayama e Christianne Luce Gomes, pois, ao descreverem o lazer nas fases da vida, eles distinguem o tipo de lazer e suas definições em quatro fases, sendo as três primeiras de nosso interesse. A primeira fase versa sobre “O

lazer na infância”, que colabora com o lazer de nossos torcedores no início de suas vidas envolvidos com o torcer no futebol; a segunda, “Lazer, juventude e cultura jovem”, que nos traz elementos para entender o lazer de nossos torcedores nesta fase da vida; e, por último, para nosso interesse, “O lazer dos adultos e a centralidade do trabalho e do consumo”, que será interessante para entender o lazer de nossos torcedores na fase adulta frente às diferentes esferas da obrigação humana (ISAYAMA; GOMES, 2008, p. 155-167). A título de informação, os autores terminam seu artigo falando do lazer na velhice, mas, em virtude do recorte da pesquisa, essa fase não será trabalhada.

Em suma, este é o trabalho que procuraremos desenvolver nesta pesquisa de Doutorado, pois pretendemos discutir as estratégias formais e literárias de construção da narrativa nas duas autobiografias esportivas (narrador, autor, leitor, pacto autobiográfico, espaço da autobiografia, entre outros). Além disso, articularemos esses aspectos com a contextualização social, histórica, política e cultural vivenciada pelos autores/torcedores na Inglaterra e, respectivamente, na África do Sul, nas décadas de 1970 e 1980.

2 O INÍCIO DE TUDO

2.1 As obras que compõem o corpus e alguns questionamentos

Como parte introdutória ao estudo, apresentamos um extrato das duas autobiografias já contando e recontando suas histórias, pois, para Sylvia Molloy, “a autobiografia é sempre uma representação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa” (MOLLOY, 2003, p. 27).

Nas obras analisadas nesta tese, o resgate da historicidade dos clubes acontece nas duas narrativas. Para os torcedores, a história dos clubes, recontada por eles, lhes interessa à medida que eles próprios figuram como partícipes e podem descrever com suas próprias palavras o que vivenciaram.

De certa maneira, esse subitem nos apontará caminhos para respondermos a uma pergunta vital ao trabalho: como os autores representam, dispendo de seus recontos individuais da memória, suas identidades, os atos de torcer como possibilidade de lazer em suas obras?

A autobiografia *Fever Pitch* é narrada em três partes importantes, temporal e cronologicamente definidas. De 1968 a 1975, primeiramente, estabelece-se o *início*, onde o narrador tem apenas onze anos de idade, quando do princípio da paixão de Hornby pelo Arsenal; o *debut*, momento no qual ele vai ao primeiro jogo com seu pai em Highbury (antigo estádio do clube que hoje não existe mais, pois o clube se mudou para o majestoso Emirates Stadium), pois já estavam cansados de, aos sábados, dia da visita do pai, ir ao zoológico ou almoçar num hotel deserto. Neste momento, seu pai já estava divorciado de sua mãe, e começava uma bela relação entre pai e filho nos momentos em que o torcer falava mais forte. Naqueles anos, tinha início sua obsessão pelo time, começava a frequentar mais jogos, conheceu um jogador do clube e até apareceu na televisão. Mas, como existia a ausência de títulos durante seus primeiros anos de torcedor, também sofria as angústias de ser um torcedor frustrado, especialmente entre seus colegas na escola, pois era o único torcedor do Arsenal.

Por conseguinte, na segunda fase, entre os anos de 1976 a 1986, momento em que já era um jovem adolescente, consegue mudar de lugar no estádio. Até então, assistia aos jogos das cadeiras cativas, junto com pessoas de mais idade e outros jovens como ele. Mas, ao atingir certa idade, Nick Hornby vai para a arquibancada (que, provavelmente, se compararia a nossa antiga “geral”), pois era onde o “povão” ficava, mais precisamente atrás dos gols, onde pode exercer livremente seu poder de torcedor ao gritar, xingar e entoar cânticos e hinos. Neste momento da narrativa, sua namorada o deixa por motivo de seu intenso envolvimento com o clube. Hornby, então, começa a perceber que existem outras atividades prazerosas para além do futebol e que não precisaria ser um torcedor 24 horas por dia. Na sequência desse movimento, já na universidade, ele perde sua paixão pelo futebol e a troca por outras, como, por exemplo, namoradas, literatura, bebidas e festas.

E, por fim, entre os anos de 1986 a 1992, a paixão de Hornby pelo futebol reacende de forma determinante em sua vida, mas agora não só pelo Arsenal, mas pelo futebol, pois passa a acompanhar mais jogos da Seleção Inglesa e do Cambridge United, que é o time da universidade onde estuda. Ele também passa a conviver melhor com sua obsessão pelo futebol, como se isso fosse possível para um amante desse esporte.

Ressaltamos, também, que a base do livro se dá em destaques de jogos específicos, a descrição dos rituais pré-durante-pós jogos, relatando uma série de atividades de lazer que o narrador realiza com o pai, com amigos, torcedores que conhece no estádio e colegas de faculdade, brindando, ao leitor, alegrias e tristezas, histórias e sentimentos sendo contados como que em uma conversa de bar. Tal momento bem parece com o filme brasileiro *Boleiros – era uma vez o futebol*, de 1998, no qual, em um bar de São Paulo, um grupo de ex-jogadores de futebol se encontra para lembrar as antigas glórias e histórias interessantes do tempo em que ainda eram jogadores. Recontar glórias e histórias é uma forma comumente encontrada em narrativas de autobiografias.

Por sua vez, em *Long Distance Love*, Grant Farred nos mostra um outro tipo de torcedor. Ele nasce e cresce em Cape Town, na África do Sul. Talvez aqui já resida o primeiro empecilho para se tornar um torcedor do Liverpool. Farred nos

descreve sua história de torcedor de um ponto de vista totalmente diferente do de Nick Hornby, pois, além de estar geograficamente distante de seu clube, ele ainda tem que conviver com conflitos raciais, por ser negro, diferente de Hornby, e um regime muito forte de segregação em seu próprio país.

Damo nos faz alguns questionamentos sobre esse distanciamento, numa comparação que faremos aqui com o que ele explicita sobre os torcedores do Internacional de Porto Alegre, e o que ocorre com Farred e sua paixão pelo Liverpool. Ele coloca que, “considerando-se ainda que a grande maioria dos 4,5 milhões de colorados (torcedores do Internacional) nunca viu seu ‘time de coração’ jogar ‘ao vivo’, e nem por isso se consideram menos apaixonados, convém uma indagação” (DAMO, 1998, p. 34), a mesma indagação que fazemos sobre a paixão de Farred: “que espécie de pertencimento clubístico é esse? Afinal, o que desperta tanto fascínio no ‘clube do coração’?” (DAMO, 1998, p. 34).

Outro problema encontrado por Grant Farred era a busca de notícias sobre seu clube de coração, pois pouca informação chegava até a África do Sul. Para ele, um garoto negro, num país onde se vivia uma forte segregação racial, torcer e querer ter informações sobre o Liverpool, um time inglês, de origem e suporte da elite inglesa, à época composto por jogadores em sua maioria brancos, não era uma tarefa fácil. Para complicar um pouco mais sua vida, logo ele se muda com a família para a Inglaterra, mas não tem oportunidade de assistir aos jogos de seu time no estádio, pois rapidamente se muda para os Estados Unidos.

Nesse ponto, já é passível de ser estabelecida uma clara comparação por distinção, mas sem entrar em detalhes da tipificação de cada torcedor. Hornby vive e acompanha seu time próximo de casa, enquanto Farred “tenta” acompanhar seu clube de bem mais longe, sem oportunidades de presenciar o time num estádio. Outro fator de possível comparação por distinção é o fato de que, em *Fever Pitch*, questões esportivas e culturais do dia a dia estão mais presentes, enquanto, em *Long Distance Love*, afloram outras questões prementes, como o conflito racial e o cenário político conturbado. Ambos os narradores-torcedores nos fornecem elementos para entender como essas questões influenciam em sua formação de torcedores e em seus momentos de lazer.

Além disso, Farred declara, em seu livro, sua paixão especial pelo jogador

do Liverpool John Barnes, para ele, um dos deuses do futebol: “Entre o panteão dos grandes dos ‘Reds’, John Barnes está sozinho, singular, separado, um pouco acima de todos os outros” (FARRED, 2008, p. 4). Fato inegavelmente interessante, pois, assim como Farred, Barnes era negro e foi a “maior contratação de um jogador negro pelo Liverpool” (POLLEY, 2003, p. 135). Para os torcedores do Liverpool, clube eminentemente elitista e racista (POLLEY, 2003, p. 135), tal contratação gerou uma série de consequências. Mesmo com os comentários do gerente de futebol do Liverpool, Kenny Dalglish, tentando atenuar um pouco sua contratação – “Ele não é um jogador negro, ele é um jogador” (POLLEY, 2003, p. 135) – e defendendo apenas a qualidade do jogador, não convenceu a torcida. Por exemplo, os torcedores do Liverpool entoavam cantos racistas e jogavam bananas na direção de Barnes (POLLEY, 2003, p. 135). Saliento, aqui, que racismo era comum entre grande parte da sociedade britânica. Mesmo exemplificando com uma situação específica do Liverpool e de seus torcedores, era uma prática geral levada a cabo por torcedores de outros clubes, devido à situação turbulenta na qual o país se encontrava. Durante alguns anos, o clube foi chamado de “Niggerpool” (POLLEY, 2003, p. 135) por seus rivais, principalmente o Everton. Contudo, a paixão de Farred pelo Liverpool se aflorou ainda mais, já que, ao contratar um jogador negro, o Liverpool teria ressurgido em Farred sua paixão pelo clube, pois teria se visto representado por ele.

Por sua vez, identificamos certas semelhanças deste estudo – que trata das cenas de torcer e dos modos como os escritores/torcedores traçaram seus caminhos nas respectivas obras – com um estudo realizado pelo teórico literário Rosemar Eurico Coenga (2016), que traça uma análise parecida quando da comparação entre duas obras e, principalmente, de dois autores famosos, sendo eles o escritor argentino Jorge Luís Borges e sua obra *Ensaio Autobiográfico* (2009), e o escritor português José Saramago em *As pequenas memórias* (2006).

Assim como selecionamos as obras de Farred e Hornby, Coenga selecionou as obras de Borges e Saramago por uma série de razões. Tais razões também corroboram as nossas: tratam de experiências pessoais, cenas de suas vidas, talvez inventadas ou esquecidas em parte, sentimentos e valores atribuídos aos fatos marcantes de sua infância que os levaram a torcer por um time específico

de futebol, fatos de sua vida adolescente e adulta, seus contatos com diferentes formas de manifestações, destacando aquelas relativas ao ato de torcer; são, em síntese, memórias da vida de um torcedor. O filósofo alemão Wilhelm Dilthey argumenta e nos auxilia na seleção das obras ao abordar a importância da análise de autobiografias, pois, para ele, “autobiografias representam a maior e mais extensiva forma na qual o entendimento da vida nos confronta” (1833-1911 *apud* TAYLOR, 2013, p. 6).

Essas razões nos remetem ao que podemos chamar de autorreflexão normal de indivíduos. Essa autorreflexão era, para Dilthey:

[...] particularmente valiosa para uma maior compreensão da história: ‘a pessoa que busca os fios de conexão na história de sua vida já criou, sob diferentes pontos de vista, uma coerência naquela vida que ele agora busca colocar em palavras [...]’. (DILTHEY *apud* TAYLOR, 2013, p. 6).

Portanto, elegemos, como fio condutor para este estudo, determinadas questões, dentre outras: o que liam, faziam, do que participavam esses escritores/torcedores na infância em relação aos clubes? Como tinham acesso aos clubes (informação e/ou idas aos estádios)? Como narram suas experiências de torcer? Quem foram os mediadores significativos em seus percursos de torcedores?

Outras questões nos servirão de embasamento para tecermos nossa comparação. Os teóricos americanos Smith & Watson (2010) nos trazem alguns questionamentos para melhor entendermos a narrativa, dentre eles: Quais os modelos de identidade estavam disponíveis culturalmente ao narrador no seu momento histórico determinado? Qual a qualidade de sua experiência? Existia apenas uma identidade no narrador ou elas se alternavam? Qual a relação entre o narrador e sua comunidade? Essa relação é real? (SMITH & WATSON, 2010, p. 239-240 *apud* SPARKES, 2015, p. 20)

Para tentar responder a esses questionamentos e traçar novamente sua correlação com os estudos do lazer, Marcellino nos traz uma definição de lazer que nos auxilia no uso nas autobiografias esportivas aqui escolhidas. Para o teórico,

[...] o lazer é uma prática social e cultural relacionada às diferentes dimensões da sociedade e pode ser entendido como tempo disponível no qual o indivíduo tem a opção de escolher uma atividade cultural (prática ou contemplativa) que lhe proporciona sensação de liberdade e de prazer.

(MARCELLINO, 2007, p. 45).

Corroborando o argumento de Marcellino, Gomes (2004) adiciona: “é, também, uma possibilidade de produção de cultura dos sujeitos por meio da vivência lúdica de diferentes conteúdos culturais inter-relacionados às ações, ao tempo e ao espaço-lugar” (GOMES, 2004, p. 19).

Portanto, nosso estudo se baseia nas vivências culturais, nos diferentes conteúdos socioculturais, sensações inebriantes do torcedor – de liberdade e prazer sem restrições –, entre outros. Considerando, pois, que o torcer não só abrange toda essa gama de significados nas obras, mas que também poderá ser entendido como uma das principais manifestações culturais esportivas existentes. Quanto às autobiografias, sua importância em relação a essas questões nos é explicada por Power (2012). Para o autor, “[a]utobiografias são um rico depósito de dados qualitativos” (POWER *et al.*, 2012, p. 42 *apud* SPARKES, 2015, p. 21), dados esses que serão analisados nesta tese.

Na análise, a autobiografia será entendida como um construto tanto cultural e histórico como pessoal, pois, de acordo com o teórico americano John Tosh (2000, p. 63 *apud* TAYLOR, 2013, p. 6), as autobiografias “não apenas destacam o quadro mental no qual o livro foi escrito, mas também o modo como se vivia a vida”.

Por essa perspectiva, a autobiografia esportiva teve influência crescente nas tendências desse tipo de escrita nos anos 1970. Taylor (2013, p. 6) reafirma “um interesse revivido nas vidas das pessoas comuns”, que é o objeto desta tese, e que “reabriu os olhos de muitos pesquisadores para as possibilidades oferecidas por materiais autobiográficos” (2013, p. 6) que não contemplavam a vida de estrelas do cenário esportivo.

Como se sabe, cada clube de futebol tem sua história marcada por altos e baixos, frequentemente atualizados nas narrativas de seus torcedores. Tais fatos e circunstâncias são identificados com determinada época, local e personagens, dentre os quais, o próprio torcedor ocupa, invariavelmente, um lugar de destaque (DAMO, 1998, p. 13-14).

Por meio da comparação das obras, pretendemos traçar um perfil do contexto histórico dos torcedores em questão, uma vez que acreditamos ser

possível pesquisar, em ambos os livros, momentos do futebol que, de alguma forma, sejam correlatos em razão ou de datas, ou da dimensão com os momentos descritos nos respectivos livros, levando-se em consideração o ato de torcer como uma atividade ou possibilidade de lazer.

Também se pesquisa, aqui, sua dinâmica interna, suas relações com o exterior do jogo, suas condicionantes e ramificações, interferências e inferências, suas influências socioculturais em cada um dos torcedores aqui estudados. Isso nos daria embasamento para tentar tipificar o torcedor descrito nos momentos de cada obra, de modo que, assim, partindo de suas representações, teremos elementos para poder atestar mudanças sociais, culturais e seus interesses por atividades de lazer ocorridas com o passar dos anos.

Como mero exemplo do que seria essa comparação, enfocamos dois jogos, um do Arsenal e um do Santos. Primeiramente, o jogo de 27 de dezembro de 1969 entre Arsenal e Newcastle, um jogo no qual Hornby descreve a monotonia e a chatice de seu time como argumentos de frustração pelo jogo morno, que acabou com a vitória do Arsenal por 1 a 0. Hornby chega a dizer, inclusive, que preferiria ter ido ao zoológico com o pai. Em seguida, o comparamos ao jogo de 19 de novembro de 1969, no qual Pelé marcou seu milésimo gol pelo Santos contra o Vasco no Maracanã. Por fontes escritas e por arquivos de gravações da TV, sabe-se que a torcida estava eufórica e invadiu o campo, e que monotonia e chatice eram argumentos que não cabiam àquele jogo. Trata-se de duas formas diferentes de torcer em partidas que aconteceram em épocas semelhantes, para que se possa salientar o aspecto da comparação.

Até o ano de 1969, Farred não havia tido nenhuma conexão com o futebol inglês, algo que aconteceria alguns anos depois. Contudo, ele nos traz uma passagem que, logo no início de sua vida como torcedor, corrobora a fala de Hornby sobre a chatice do seu time. Farred diz: “o chato Arsenal, tão excitante como um filme mudo no rádio, era minha visão dos ‘Gunners’, como são conhecidos seus torcedores, o que inclui meu avô, por parte da minha mãe” (FARRED, 2008, p. 5).

Outro ponto em questão para a pesquisa seria a possibilidade de também fazer uma comparação entre as atividades de lazer e modos de torcer de torcedores durante as décadas de 1970 e 1980 na Inglaterra e na África do Sul. Para

entendermos as atividades de lazer, temos que ter em mente o contexto de vida de cada um. Histórias de vidas, sendo, neste estudo, a de torcedores, não são escritas em isolamento cultural e social. Várias informações estão à disposição dos autobiógrafos, entre elas, informações sobre a vida cultural, política e social de suas regiões.

A Inglaterra dos anos 1970 e 1980 passava por uma séria crise econômica, política, cultural e social. Essa crise levou o país a uma grave recessão, com trabalhadores fazendo greve e protestando contra o governo. Na questão racial, o país também enfrentava graves confrontos entre negros e brancos, e, nesse momento, jogadores negros começaram a jogar na primeira divisão do futebol inglês. Até então, poucos esportistas negros haviam conquistado algum destaque no futebol britânico. Podemos citar, aqui, o jogador de futebol sul-africano Albert Johanneson, que jogou no Leeds United nos anos 1960.

No que diz respeito ao futebol, esse tipo de confronto era acirrado, pois, como alguns times eram extremamente racistas, não permitiam jogadores negros em seu elenco, muito menos os torcedores permitiam tal ato (POLLEY, 2003, p. 166-168). Podemos citar o próprio Liverpool, West Ham e Chelsea, entre outros. Essa situação também ocorria entre dirigentes e técnicos.

Controversamente, essas décadas foram chamadas de “The Golden Age”, a Era de Ouro, pois, naqueles anos, os times ingleses venceram seis vezes a *Champions League*, naquela época chamada de *European Cup*, entre os anos de 1977 a 1982. O Liverpool venceu três copas, o Nottingham Forest duas e o Aston Vila, uma. Além dessas conquistas, o Ipswich Town venceu a Copa da UEFA em 1981.

Mas não só o problema racial acontecia no futebol. Outra dificuldade enfrentada pelos times eram os elevados salários pagos aos jogadores, e os clubes, desde os anos 1960, procuravam uma forma de limitar esses salários, mas também restringir as transferências de jogadores entre os clubes. George Eastham, famoso meio campista inglês que jogou no Arsenal nos anos 1960, criou uma situação nos tribunais para sua mudança do Newcastle United em 1959, e atuou no clube londrino até o ano de 1973. Tendo levado seu time à corte, Eastham iniciou um novo processo que proporcionou maior liberdade salarial, transferências de jogadores

entre clubes e uma melhor relação entre clubes e jogadores (POLLEY, 2003, p. 116).

A população, em geral, podia recorrer a duas válvulas de escape de toda pressão econômica, social e política que o país enfrentava para poder praticar suas atividades de lazer como torcedores. A primeira e a mais comum era frequentar os jogos de futebol, pois, na famosa “no-man’s-land”, nossa querida e saudosa “geral”, os ingressos eram vendidos a preços bem módicos. Mas, mesmo com preços baixos, de acordo com Polley, “esta foi uma era de declínio catastrófico para esportes com espectadores em geral” (POLLEY, 2003, p. 71).

Ironicamente, na mesma época em que o país passava por uma séria crise em todos os aspectos, as décadas de 1970 e 1980 foram as que mais notadamente apresentaram patrocínios das camisetas dos clubes de futebol relativas às indústrias tabagistas e de bebidas alcoólicas. Muito conveniente esse tipo de divulgação para uma população já fragilizada, o que ocasionou uma onda crescente de consumo desses produtos e o conseqüente vício. Obviamente, os clubes tinham outros patrocínios, mas o que era mais interessante, como colocado por Polley:

Não era o patrocínio de alguns produtos relativos ao esporte, como, *Mitre Sportswear* e *Patrick boots*, mas sim, o patrocínio de alguns produtos que não só não possuíam nenhuma ligação com o esporte, mas como iam de encontro ao que não era saudável nem para os jogadores nem para os torcedores, como *Fabergé Cosmetics*, *Nabisco* e *Heinz foods*. (POLLEY, 2003, p. 123).

As razões que permeiam o crescimento dos patrocínios dos clubes de futebol são complexas, mas Polley argumenta que, em sua maioria, elas “são relativas ao desenvolvimento da propaganda no período pós-guerra, o crescimento esportivo em geral e principalmente os comerciais televisivos que surgiram em 1955” (POLLEY, 2003, p. 69).

Outra possibilidade de lazer se dava no campo cultural, principalmente no campo da música. Essas décadas foram efervescentes no surgimento de bandas de heavy-metal, como Iron Maiden, Motorhead, Venom e Def Leppard, e as bandas da cena punk, como Sex Pistols e The Clash.

Em resumo, na Inglaterra dos anos 1970 e 1980, a população podia jogar

futebol e torcer para seu time, ou participar de shows de heavy-metal ou rock'n'roll. A situação em que se encontravam não lhes permitia outras formas de lazer. Apenas o lazer doméstico ou atividades ao ar livre, como ida a parques e feiras. Evidentemente, não estamos descartando outras incontáveis atividades de lazer da época. Muitos pesquisadores, inclusive, citam a participação religiosa como uma possibilidade de lazer. Também não estamos reduzindo o lazer da população de um país como a Inglaterra em duas frentes principais, mas, no nosso contexto, são “as duas vertentes de lazer mais praticadas pelos torcedores de clubes de futebol” (POLLEY, 2003, p. 121-125).

Podemos dizer que a situação econômica, social, política e cultural da África do Sul era bem semelhante à da Inglaterra, com o agravante do regime do Apartheid, que tornava mais violenta e segregada a relação entre negros e brancos. Existia uma separação distinta entre negros e brancos no que se referia aos esportes. Rugby e Cricket eram essencialmente praticados por brancos, enquanto futebol e boxe eram praticados por negros. O futebol era, sem dúvida, o momento mais agradável na vida dos jovens negros. Naquela sociedade segregada, altamente complexa, cujas formas de controle tanto interno quanto externo eram extensíveis às relações humanas, a satisfação no lazer ou a falta desta implicava em sérias consequências. O futebol e o boxe tornavam-se, então, os únicos momentos de lazer permitidos à população negra, e, mesmo assim, com a imposição de limites.

Em razão do Apartheid, a África do Sul foi banida do futebol mundial pela FIFA entre os anos de 1961 a 1992 e excluída dos Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964. Conseqüentemente, o futebol do país pouco avançou nessa época, pois tinha pouca ligação com mudanças no futebol mundial. Informações e notícias sobre o futebol de outros países eram bem escassas e controladas pelo governo. Tal fato é importante para entendermos Farred e sua dificuldade em obter informações sobre o Liverpool.

Os times de futebol da África do Sul foram instruídos a retirar de seus elencos todos os jogadores negros, o que gerou muita revolta e culminou com a criação da Liga Antirracismo para combater os obstáculos criados pelas autoridades brancas.

Um ato político que envolveu, no âmbito esportivo, os dois países de

nossos torcedores, aconteceu no ano de 1977, quando da assinatura da Declaração de Gleneagles pelos países membros do Commonwealth, que pregava “negar qualquer forma de apoio e ... [tomar] todas as medidas práticas para impedir o contato em competições por nossos nacionais com organizações esportivas, equipes ou esportistas da África do Sul” (POLLEY, 2003, p. 32, tradução nossa). Sendo que esse ato em especial prejudicou todos os esportes e os atletas da África do Sul por vários anos, independentemente de sua cor.

Outro ato político, esse com envolvimento direto entre os dois países, Inglaterra e África do Sul, culminou com a proibição e seguido cancelamento do tour que o time de críquete da África do Sul faria pela Europa no ano de 1970. Proibição essa decorrente do regime de Apartheid que não era aceito na Inglaterra.

Ao elencarmos essas situações vividas no contexto histórico-social das décadas de 1970 e 1980, na Inglaterra e na África do Sul, podemos então considerar algumas dificuldades enfrentadas por nossos torcedores-narradores no que tange ao ato de torcer em geral.

Tomemos como exemplo um item apenas: o uso da tecnologia. Era impensável usar-se tecnologia naquela época. Ao compararmos com os dias de hoje, com certeza, notaremos uma grande diferença, principalmente no que tange ao uso da tecnologia para acesso à informação. O torcedor atual está envolto por diferentes mídias, no caso das transmissões televisivas com 16 ou mais câmeras, com os mais diversos ângulos, replays. Cada vez mais, é frequente o uso de imagens simuladas por computadores para elucidar os caminhos lógicos desta ou daquela possibilidade de jogada, a alternativa razoável feita pelo jogador ou aquela pela qual ele deveria, necessariamente, ter optado por realizar. Esse torcedor está no conforto de seu lar, com acesso a todas as notícias nos mais diversos canais pela internet, celular etc. Por sua vez, nossos torcedores dos anos 1970 e 1980 tinham que ir atrás da informação sobre seus clubes, em algumas situações, de forma precária e contando sempre com um grande atraso para ter acesso à informação.

Usando uma expressão norte-americana para descrever o que anteriormente caracterizava aquele que só ficava em frente à TV, “*couch potato*”, poderemos ampliar o escopo dessa expressão também para aquele que, além de

permanecer em frente à TV, torce e vive o futebol intensamente com seu time de coração, mas sem deixar o conforto e a segurança de seu lar, onde está cercado de todos os tipos possíveis de comunicação. Já nas décadas de 1970 e 1980, poucos jogos eram televisionados, o que, realmente, faz com que nossos torcedores tenham tido um pouco mais de gana para acompanhar seus clubes.

Sendo assim, a questão da segurança nos estádios e fora deles para os torcedores deve ser considerada como uma das razões pelas quais esse tipo de torcedor não mais frequente os estádios, mesmo sendo, como apontado por Carvalho (2012, p. 11), um torcedor de raiz. Lembramos que apenas Hornby se enquadra nessa definição de torcedor raiz, aquele que acompanha seu time no estádio, pois Farred não tinha acesso, não só pela distância geográfica, mas também por outros problemas socioeconômicos e políticos. Indagamos, então, o que acontecerá com aquele torcedor que tinha como única forma midiática o velho e bom radinho de pilha, que, por tantas vezes, sofrera com a derrota do time, sendo arremessado em campo, quebrado, pisado, mas que trazia uma grande emoção que, talvez, nem a melhor transmissão televisiva possa nos dar, mesmo atualmente.

Enquanto essas razões podem ser apontadas para explicar as mudanças ocorridas no futebol, no contexto histórico do futebol inglês, durante as décadas estudadas nesta tese, temos três grandes desastres envolvendo as torcidas de futebol de clubes ingleses. Notadamente, temos o desastre de Ibrox, ocorrido em 1971 em Glasgow, na Escócia. No clássico chamado de Old Firm, entre os clubes locais Rangers e Celtic, 66 torcedores morreram num acidente nas escadas do estádio. O segundo desastre ocorreu em 1985, em Bradford, num jogo da terceira divisão da Liga Inglesa entre Bradford City e Lincoln City, matando 56 espectadores num incêndio que se espalhou nas arquibancadas de madeira do estádio. Segue-se para o desastre de Helsey, em maio de 1985, no jogo em Bruxelas pela final da Copa dos Campeões entre o Liverpool e a Juventus de Turim, no qual, pela ação dos hooligans e correria no estádio, 39 vítimas fatais, sendo a maioria torcedores italianos. O mais devastador de todos foi o desastre de Hillsborough, ocorrido em 1989, quando num jogo da FA Cup entre Liverpool e Nottingham Forest, 96 torcedores morreram por causa de uma superpopulação dentro do estádio. Em todos esses desastres, centenas de torcedores e espectadores também se feriram.

Decorrente desses desastres e outros problemas enfrentados pelas autoridades dentro e fora dos estádios, um relatório sobre as causas do acidente em Hillsborough foi gerado, sendo chamado de “The Taylor Report”, pois quem o assinou foi o chefe da justiça chamado Lord Peter Taylor. O relatório recomendou que todos os grandes estádios tivessem apenas lugares marcados com assentos, não mais a região chamada de “no-man’s-land”, ou geral, sem demarcação alguma. As ligas Inglesa e Escocesa introduziram regulamentações para os clubes das duas divisões mais importantes para adotarem novas medidas até agosto de 1994 (POLLEY, 2003, p. 19-20).

Outras recomendações que também foram necessárias, em consequência da violência gerada pelos Hooligans, foram a venda de bebidas dentro dos estádios, que ficou proibida por alguns anos, a retirada de barreiras físicas que impeçam a fuga rápida dos torcedores, a remoção de grades, mudanças no sistema de catracas e de ingressos, entre outras alterações (POLLEY, 2003, p. 19-20).

Volta-se, aqui, à questão da segurança, tema que será abordado quando da tipificação ou delimitação das categorias de torcedor, principalmente utilizando a teoria de “Lazer Selvagem” apresentada por Rojek (2011), que o define o lazer selvagem como sendo “oportunidades baseadas em tipos de quebras de regras, por diversão, transgressões que são interpretadas como resistência contra o controle social” (ROJEK, 2011, p. 144). Toledo, por sua vez, cita a fala do jornalista Flávio Prado, comentarista esportivo da rádio Jovem Pan e do programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, que “reiteradamente conclama os torcedores a se afastarem dos estádios por conta da violência generalizada atribuída à má organização dos espetáculos e à presença de torcedores e torcidas intolerantes” (TOLEDO, 2000, p. 270).

Seria, então, possível notar que fatores como a intolerância nos estádios e entre as torcidas contribuem para a ausência dos torcedores nos estádios, pois estes poderiam estar simplesmente assistindo ou ouvindo as transmissões esportivas de maneira segura em seus lares. Em entrevista à *TV Lance*, Maurício Murad afirma que a violência no futebol é gerada pela mesma violência que acontece contra as minorias, pessoas de bem, prédios públicos e privados, e que, para não entrar em conflito, a população em si, por causa de 5 a 7% dos torcedores

de torcidas organizadas, perde seu direito ao lazer na principal forma popular fora da casa: o futebol. Outro grave problema apontado por Murad (2017, p. 28) é que, “no futebol, as agressões verbais e/ou físicas entre dirigentes, treinadores e jogadores influenciam a violência praticada por torcedores”. Ou seja, o torcedor pacífico fica à mercê de tudo que está à sua volta.

Para Murad, a televisão também detém uma grande parcela de culpa nesse processo. Para passar informações ao torcedor, “a imprensa dá muita visibilidade à violência no futebol” (MURAD, 2017, p. 46), principalmente no que diz respeito a confrontos entre torcidas. Esta prática de o torcedor ter a informação ao seu redor não vem de hoje, mas, sim, desde décadas passadas. Para Machado da Silva, que descreve o futebol como um dos temas que presidem as formas populares de socialização expressadas nas práticas sociais cotidianas:

Outro tema muito abordado é o futebol, sobre o qual todos têm sempre algo a dizer. Este é um dos poucos assuntos constantes [para ele o outro seria a esfera do trabalho] que dá margem a conversas demoradas entre membros de subgrupos diferentes, e permite a participação até mesmo de ‘estranhos’. O interessante – já que futebol é assunto de conversa em quase todas as camadas sociais no Brasil – é que poucos são aqueles que vão pessoalmente a algum jogo, e raríssimos os frequentadores assíduos dos estádios. Toda a informação sobre o tema provém dos jornais, rádio (principalmente) e televisão. (SILVA, 1978, p. 101).

Tal fato nos leva a crer que essa fuga dos estádios ocorre não só pelo aumento da insegurança, como da possibilidade de acesso imediato a qualquer tipo de informação. Essa fuga já se dava quando os torcedores preferiam se reunir em bares, mas, com o grande aumento da violência, mesmo essa opção de lazer está deixando de ser utilizada e outros tipos de lazer com outros torcedores estão surgindo. No que diz respeito às opções de lazer, Aquino (2017) nos aponta, que, “de acordo com a preferência dos torcedores de seu estudo, estes escolhem visitar amigos e familiares para assistir e acompanhar o seu time de futebol” (AQUINO, 2017, p. 71).

Complementando o argumento de Murad, outro elemento que pode servir às ambições interpretativas do futebol é sua imprensa especializada, principalmente a televisiva, e ainda a do rádio. Dias nos aponta que:

No mundo contemporâneo, são poucas as coisas que podem ser mais onipresentes do que os meios de comunicação de massa. Eles podem, sabidamente, influenciar a opinião pública geral, interferindo no rumo de importantes acontecimentos, como as eleições, as relações internacionais ou a diplomacia. No esporte, horários de realização dos jogos e até mesmo suas regras são alteradas a fim de torná-las mais convenientes para as transmissões televisivas. (DIAS, 2008, p. 13).

Creemos que esses meios de comunicação de massa têm grande responsabilidade em comentar formas de violência, podendo também, em algumas situações, fomentar ainda mais a violência no futebol. Eles conseguem um acesso direto ao torcedor, como se todas as possíveis causas e consequências relacionadas à violência envolvendo torcedores se coadunassem com a necessidade desses meios de comunicação de “produzir notícias com apelo popular” (WEBER, 1998 *apud* DIAS, 2008, p. 14). Os meios de comunicação têm um papel na criação e evolução dos torcedores, disseminando informações e criando símbolos e sentidos para essa atividade de lazer.

No caso específico das duas autobiografias aqui analisadas, a questão da violência permeia muitas passagens das narrativas de cada torcedor, fato que será relevado para fins de comparação. Para ambos, a violência acontece mais fortemente fora dos estádios do que dentro, pois, como falo aqui de times ingleses, não há como deixar de fora toda a história do *Hooliganismo*.

Nos anos 1960 e 1970, principalmente na Inglaterra, mas também na África do Sul, o futebol foi indiscutivelmente afetado pelo aumento da violência. Na Inglaterra, houve o surgimento do *Hooliganismo*, um movimento que pode ser atribuído como das classes trabalhadoras face ao enriquecimento do futebol e, claro, das tensões políticas, sociais e culturais da época; ao passo que, na África do Sul, o movimento era oriundo da parcela negra da população, constantemente humilhada e tinha que “aceitar” as imposições do regime discriminatório do Apartheid, um problema que extrapolava o campo social. Em ambas as situações, a violência desses grupos podia ser entendida como um conjunto de comportamentos antissociais, entre os quais se destacam a violência, a agressividade e o racismo.

Nos dois países, as razões para a explosão da violência causada por grupos distintos eram bem parecidas, tendo como uma de suas consequências uma grande redução na frequência de torcedores nos estádios. Polley nos diz que “as

razões para o declínio de torcedores nos estádios eram variadas, mas todas tinham raiz no contexto econômico de recessão, inflação e aumento nas taxas de desemprego” (POLLEY, 2003, p. 71).

Trata-se de uma forma de violência um pouco diferente do que acontece no Brasil, mas cremos que com as mesmas motivações ou bem próximas. Dunning (1999) afirma que os “*Hooligans* sentiam prazer físico e mental para ultrapassar limites estabelecidos”, e que o “exibicionismo e o desejo de mostrar um comportamento ruim servem de busca de aprovação dos outros participantes de suas ações” (DUNNING, 1999, p. 25).

Toledo cita em sua tese as palavras do jornalista José Geraldo Couto, em coluna publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 05 de setembro de 1996, quando diz que mudanças no contexto do futebol vem motivando uma nova conduta torcedora:

(...) A tendência, a longo prazo, é que os próprios clubes percam importância, do ponto de vista do público, em favor de um conceito mais pragmático de espetáculo (...). Acabou o tempo em que o torcedor dava a vida pelo clube. Daqui para a frente, cada vez mais, o espectador vai pagar para ver o jogo que tiver mais craques em campo - como quem escolhe a peça de teatro em função dos atores ou concerto em função dos músicos. É o fim da paixão? (...). (COUTO *apud* TOLEDO, 2000, p. 269).

Essa suposição levanta uma grande indagação para esta pesquisa: será que esse torcedor midiático, que permanece no conforto das tecnologias em seu lar, é um torcedor propriamente dito, que pode ter seu ato de torcer definido como ato de lazer? Será que nossos torcedores demonstram muita diferença em relação a estes novos torcedores? É difícil dizer, pois ambos descrevem em algumas passagens de suas obras autobiográficas seu amor não só pelo clube, mas por um ou mais jogadores. Não estariam eles escolhendo um time baseando-se nos jogadores, num primeiro momento? Suscitamos essas dúvidas no que tange o lazer, pois, de acordo com Padilha *et al.*:

Lazer é uma categoria sustentada por outras propriedades definidoras tais como atividade fora do tempo e do espaço doméstico e do trabalho, preferencialmente realizada aos finais de semana, entre familiares, parentela ou amigos e que contempla, muitas vezes somente um plano idealizado, portanto, outros lugares como parques, lanchonetes e bares da moda, cinema, festas etc. (PADILHA *et al.*, 1988, p. 47).

Entretanto, uma grande questão em torno do futebol é o papel desempenhado pelo próprio torcedor. O torcedor tem conhecimento sobre as informações às quais ele tem acesso? Pode fazer escolhas sobre o que quer ver, ouvir e ler? O que nossos torcedores tiveram que passar para ter acesso às informações sobre seus times? Como descrito acima, ambos os times já tinham empresas patrocinando uniformes, estádios, entre outros. Estaria já, então, esse torcedor tradicional sofrendo e dependendo das empresas de mídia esportiva? Será muito diferente dos dias atuais? Essas são questões que permearão as comparações relacionadas à base informacional de ambas as autobiografias em relação a quão bem-informados eles eram ou não.

Para Murad, as pessoas passam a ficar mais fanáticas em virtude da disseminação do futebol pelas mídias da Internet e pela TV a cabo, mas o sociólogo também afirma um lado positivo dessa propagação pelas mídias: “o futebol se torna mais democrático” (MURAD, 2017, p. 55). Por outro lado, o futebol se torna menos emocional. Como fato que será discutido entre as autobiografias, procuraremos exemplificar, já que, nas décadas de 1970 e 1980, não se tinha Internet, e o futebol na TV ainda não era tão disseminado. Como, então, explicar o fanatismo de nossos torcedores, dada a dificuldade de acesso à informação?

Como explicar que um torcedor, então, independentemente do que acontece extracampo, se apaixona, ama um clube sem restrições? Usaremos a definição do pertencimento clubístico, ou clubismo, esse amor pelo clube irrestrito colocado por Arlei Damo (2007, p. 14). Para o antropólogo, havia a entrega do torcedor independentemente de títulos ou vitórias. O time era mais importante que tudo. O torcedor queria participar de tudo ao seu redor, fazer parte do espetáculo, transformando seu torcer por um clube numa atividade de lazer.

O dramaturgo Nelson Rodrigues nos traz uma explicação mais apaixonada sobre o que seria o pertencimento clubístico. Para ele:

Tudo começa e tudo acaba, dizem. Menos a paixão clubística. A verdadeira, a autêntica e incontrolável paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: - ela escapa do tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas. (RODRIGUES, 1994 *apud* SILVA, 2001, p. 3).

Entretanto, mesmo com toda essa paixão por um clube de futebol, torcedores deixavam de ir aos estádios por uma série de motivos, como aconteceu na Inglaterra nas décadas de 1970 e 1980. Como colocado pelo jornalista e historiador José Eduardo de Carvalho, um dos motivos que levantamos para a fuga dos estádios pelos torcedores é o fato de que “o futebol vem sendo usado como propaganda ideológica para as massas” (CARVALHO, 2012, p. 48), mas numa ideologia midiática e, principalmente, mercadológica. Nesse contexto, o futebol perde seu charme, pois apenas o que está em jogo é o fator financeiro, e o amor pelo clube se esvai assim como o dinheiro. Esse fato é de extrema importância para nossa comparação, pois Farred se torna um torcedor do Liverpool, contra tudo e contra todos, na África do Sul durante o regime do Apartheid. Ele indica, em algumas passagens do seu livro, como sofreu com o regime e como tinha dificuldade de acesso a alguns tipos de informação por não serem permitidos pelo governo.

Um novo questionamento será importante para traçarmos ligações entre nossos torcedores e o lazer. Será que o ato de torcer, sem acesso à informação, num outro país, mas com grande interesse no futebol, pode ser considerado como atividade de lazer ou de tempo livre? Ou, por outro lado, um torcedor que começa a ir a estádios, mas sem realmente torcer, apenas para passar algum tempo com seu pai, será caracterizado como um praticante de atividade de lazer ou apenas tempo livre? Trazemos à tona essas dúvidas, pois Eric Dunning afirma, em seu livro *Sport Matters*, que existe uma grande diferença entre lazer e tempo livre. Para ele, “todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as atividades de tempo livre são atividades de lazer” (DUNNING, 1999, p. 24).

Independentemente das atividades de lazer como torcedores, é importante salientar uma premissa que envolve os esportes, principalmente o futebol. “Boa parte do interesse pelo espetáculo esportivo é dado pela expectativa em relação ao seu desfecho, onde a imprevisibilidade é um dos componentes centrais, pois no futebol, não existe um roteiro pré-definido” (DAMO, 2001, p. 85). Temos que levar em consideração que, no contexto cultural e esportivo, o espetáculo esportivo, mais precisamente o futebol, está “assentado sobre uma dinâmica de forças oponentes, na qual o êxito de uma das partes implica o fracasso da outra” (DAMO, 2001, p. 85).

Por conseguinte, podemos ver que, em vários momentos, não só o futebol, mas ele principalmente, sofreu um uso ideológico por parte de seus dirigentes. Como colocado pela professora e pesquisadora Meily Assbú Linhales, “o uso ideológico do esporte, que o transforma em propaganda de Estado, acontece de forma mais recorrente em regimes autoritários e totalitários dos mais diferentes matizes” (LINHALES, 2001, p. 52). Reforçamos o que Farred passou com o Apartheid na África do Sul, nas décadas trabalhadas aqui: falta de acesso e reserva a certas informações, restrição do que a TV ou o rádio transmitiam, entre outros. Esse uso político e social do futebol também será tema abordado na comparação entre as duas autobiografias, pois, assim como a violência dos *Hooligans* no caso de *Fever Pitch* e eventos de violência política no caso de *Long Distance Love*, outros eventos políticos, culturas e sociais permearam a história de nossos torcedores e terão grande relevância neste trabalho.

Ainda no contexto histórico esportivo Inglês e Sul-africano, voltando para o uso ideológico do esporte, temos o caso chamado de “*Zola Budd affair*”, no qual o atleta Sul-africano Zola, proibido de disputar os jogos olímpicos de 1984 pelo seu país, foi naturalizado inglês em razão de ter um avô inglês. Essa manobra abriu precedentes para que outras federações fizessem o mesmo, sobretudo as federações de futebol do Reino Unido, transformando essas naturalizações em chacota entre os outros jogadores e torcedores e, principalmente, suscitando uma questão: quem ou o que estariam esses jogadores representando? (POLLEY, 2003, p. 37).

Para efeito de nossa pesquisa, baseando-nos no que vimos até agora, poderemos apresentar o que será trabalhado nos próximos capítulos. Por exemplo, iremos analisar, comparar e identificar influências do e no ato de torcer com todas as suas nuances entre duas autobiografias esportivas, o livro *Fever Pitch*, sobre a trajetória do torcedor do Arsenal da Inglaterra, Nick Hornby, com a história do livro *Long Distance Love*, da trajetória do torcedor do Liverpool da Inglaterra, Grant Farred, principalmente nos momentos históricos em que elas se cruzam, nas décadas de 1970 e 1980. Por conseguinte, dois momentos serão de suma importância: o início de suas formações como torcedores até sua adolescência, e já como jovens adultos. Em cada um desses momentos, suas lembranças e memórias

nos darão elementos para traçarmos suas formações identitárias como torcedores.

Nas diferentes experiências temporais, dadas suas especificidades, algumas ideias terão destaque. A análise fornecerá argumentos para se entender o tipo de torcedor daqueles momentos, aprofundar a ideia de clubismo e identificar atividades de lazer pertinentes a cada período. Além disso, para que se possa ter um melhor entendimento de cada obra, pois temos aqui duas obras memorialistas, recorreremos às três categorias fundamentais relativas à memória, de Pierre Nova: lembrar, esquecer e comemorar (NOVA *apud* MARTINS, 2007, p. 1). Essas categorias servirão como base para a análise. Igualmente, caberá focar o ato de torcer como atividade do lazer e delimitar os tipos de torcedores de futebol. E, voltando-nos para as obras, poderemos definir as formas de torcer e do torcedor através dos anos estudados, bem como suas ideologias e suas relações com o esporte e com as mudanças sociais, políticas e culturais ligadas ao lazer e ao ato de torcer. Desse modo, poderemos compreender quais tipos de influências – tanto positivas quanto negativas – interferem no ato de torcer, como, por exemplo, a violência, a informação e a tecnologia.

2.2 Sobre os autores e o Estado da Arte

Para a análise proposta por esta tese, é de suma importância conhecer, ainda que minimamente, as histórias de vida dos escritores. Afinal, por se tratarem de autobiografias, eles também são os personagens centrais das narrativas.

2.2.1 Nick Hornby, de Fever Pitch

Nick Hornby é um escritor, roteirista e editor. Nasceu em Redhill, Surrey, na Inglaterra em 17 de abril de 1957. Teve sua educação superior na Universidade de Cambridge e sua educação futebolística em Highbury, ao norte de Londres, onde mora e onde sua paixão pelo Arsenal teve início.



Figura 1 - **Nick Hornby**

Disponível em: <<https://www.nickhornbyofficial.com/about/>> Acesso em: 16 jul. 2020.

Ao longo de sua carreira de escritor, Nick escreveu 20 livros e fez uma série de adaptações de outros livros para o cinema, escreveu artigos e resenhas para revistas, entre outros. Vários de seus livros receberam inúmeras premiações, entre eles: *Fever Pitch* (1992), que ganhou o prêmio *William Hill Sports* como Livro do Ano; *How To Be Good* (2001), que foi listado para o *Booker Prize* e nomeado o trabalho de ficção favorito do Reino Unido no *WH Smith Book Awards* (o único grande livro do Reino Unido a ser votado pelo público); *31 Songs* (2002), selecionado para o prestigiado *National Book Critics Circle Award* nos EUA; *Long Way Down* (2005), selecionado para o prêmio *Whitbread Novel*; e *A Long Way Down* (2006), selecionado para o Prêmio *Commonwealth Writers*.

Alguns de seus livros foram adaptados e lançados como filmes. Entre eles, estão: *About a boy* (1998); *Fever Pitch* (1992); *High Fidelity* (1995) e *A long way down* (2003).

Nick é um autêntico escritor. Vive para escrever e escreve para viver. Ele assim descreve seus dias atuais de trabalho:

Um dia comum

Tenho um escritório que fica na esquina de casa. Chego entre 9:30 e 10 da manhã, fumo muito, escrevo terrivelmente de duas a três sentenças por vez, com intervalos de 5 minutos. Checo meus e-mails durante cada intervalo, e fico irritado se não tem nenhum. Vou para casa para almoçar. Se busco meu filho eu saio as 3:30. Se não, fico até as 6. É tudo muito sombrio! E tão chato! (HORNBY, n.p, n.d)

Seus trabalhos geralmente tratam de música e esporte, e apresentam protagonistas obsessivos. Já vendeu mais de cinco milhões de cópias, o que o faz dele um escritor nato. Uma de suas falas sobre ser escritor é a seguinte: “Uma vez que você alcançou certa posição em sua carreira de escritor, a menos que você faça uma coisa muito errada, o livro será lançado” (HORNBY, n.p).

Antes de ser escritor, ele trabalhou algum tempo como professor de Inglês no Ensino Médio. Em 1992, lançou seu primeiro livro, uma coleção de ensaios sobre escritores americanos intitulada *Contemporary American Collection*. No mesmo ano, lançou sua autobiografia esportiva *Fever Pitch* e, daí em diante, não parou mais.

Além disso, Nick Hornby é um dos principais doadores para uma instituição chamada TreeHouse, que trata crianças com Autismo, o transtorno que afeta seu próprio filho.

A despeito dessa longa e premiada carreira como escritor, foram encontrados poucos trabalhos acadêmicos relacionados ao livro que integra o corpus desta tese, *Fever Pitch*. Encontramos uma variedade de críticas literárias, resenhas, artigos de jornal e revista, reportagens escritas e entrevistas com o autor. No universo pesquisado nas plataformas Capes, Ebsco, Scielo, Jstor e Google Acadêmico, nos deparamos com apenas dois estudos: um artigo de Hendrik Wonsak e uma tese de doutorado de Natasha Santos Lise.

No artigo de Hendrik Wonsak, o autor nos apresenta a questão da masculinidade na obra de Hornby. Ele inicia o artigo com a interessante citação de uma fala do jogador galês Trevor Ford (1923-2003) sobre como ele considera o futebol em relação à masculinidade: “O futebol não é um jogo de mulheres, não é um passatempo para covardes ou mariquinhas, é um jogo de homens” (FORD *apud* WONSAK, 2016, n.p, tradução nossa).

São discutidas e apresentadas questões sobre a obsessão dos homens pelo futebol, seguindo a cronologia da obra. O autor analisa a representação da masculinidade em *Fever Pitch*, assumindo-a como representante do gênero New Lad da década de 1990. Ele o compara a uma noção hegemônica e tradicional da masculinidade e apresenta o entendimento da masculinidade de Nick Hornby, como torcedor de futebol, homem, com seus defeitos, assim como apresentado no livro.

Na sua tese, Natasha Lise nos apresenta um viés mais literário para a análise da obra de Hornby. A autora também salienta, assim como salientamos neste trabalho, a obsessão de Hornby pelo futebol, pelo torcer no futebol, mas não a aponta como atividade de lazer. O enfoque da autora se baseia na relação entre memória e literatura, que, com certeza, nos ajudará em nossa análise. Ela aponta, assim como Damo, a passionalidade clubística de Hornby. Outro enfoque da obra de Lise é o de legitimar, utilizando a obra de Hornby, as mudanças engendradas nos estádios ingleses, bem como de auxiliar na restauração da imagem do futebol da então recente *Premier League*.

Para tanto, Lise se baseia não só no recorte temporal da obra de Hornby que se inicia em 1968 e se estende até 1992, quando de sua publicação. A autora faz referências a outras obras de Hornby e a outros escritos do autor sobre o próprio livro. Também inclui algumas críticas literárias sobre a obra e reportagens jornalísticas.

Ao longo da tese, Lise ainda cita outras autobiografias que serviram de inspiração a Hornby, pois, assim como *Fever Pitch*, tratam de um tema específico. Na fala de Hornby, “duas das inspirações para *Fever Pitch* foram obras de autores americanos: as memórias de Tobias Wolff, *This Boy’s Life*, e o clássico negligenciado de Frederick Exley, *A Fan’s Notes*” (HORNBY, 2013, p. 12 *apud* LISE, 2018, p. 63). Tanto Exley quanto Wolff não contam sobre suas vidas do nascimento ao momento em que escrevem, diferentemente das obras aqui estudadas, mas relatam momentos que vão desde sua juventude até a vida adulta.

Acreditamos que existam outros trabalhos relativos ao livro *Fever Pitch*, mas que, de alguma forma, não se encontram indexados nas plataformas consultadas.

2.2.2 Grant Farred, de *Long-Distance Love*

Grant Farred é um professor universitário nos Estados Unidos. Nasceu em Cape Town, na África do Sul, em 6 de julho de 1962. Teve seu estudo superior dividido entre os dois países. Realizou sua graduação na *University of the Western Cape*, na África do Sul em 1987, seu mestrado na *Columbia University*, nos Estados

Unidos, em 1990, e seu PhD na prestigiada *Princeton University*, também nos Estados Unidos, em 1997.

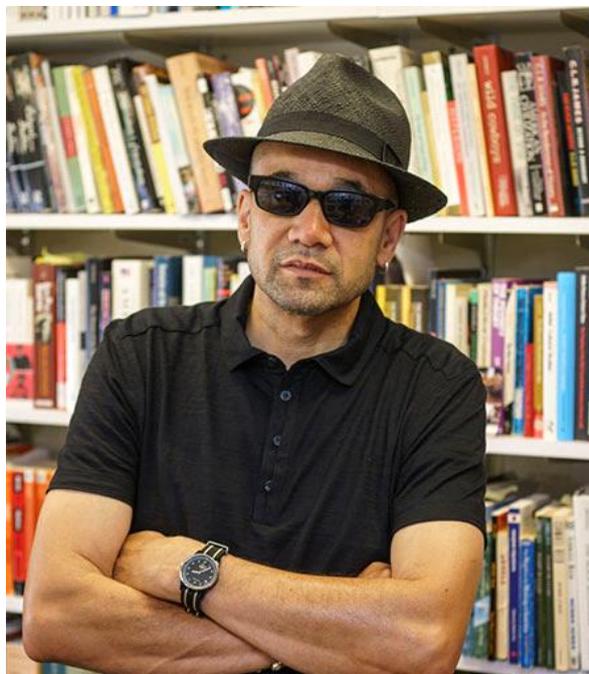


Figura 2 - **Grant Farred**

Disponível em: <<https://english.cornell.edu/grant-farred>> Acesso em: 16 jul. 2020.

Atualmente, Farred é professor de Estudos Africanos na Cornell University. Também leciona disciplinas e participa de grupos de estudo referentes a Estudos Contemporâneos Afro-americanos, Estudos Culturais e Estudos Pós-coloniais.

Ao longo de sua carreira de escritor, Grant escreveu vários livros que têm relação com sua área de formação e trabalho. Entre eles, podemos citar: *Midfielder's Moment: Coloured Literature and Culture in Contemporary South Africa* (Westview Press, 1999), *What's My Name? Black Vernacular Intellectuals* (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2003), *Long Distance Love: A Passion for Football* (Philadelphia, PA: Temple University Press, 2008), *Bodies in Motion, Bodies at Rest: The Event of the Athletic Body* (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2014), *The Burden of Over-representation: Race, Sport & Philosophy* (Temple University Press, May 2018) e *Entre Nous: Between the World Cup and Me* (Duke University Press, Spring 2019).

Em relação à sua atuação como editor, foi Editor Geral do *South Atlantic*

Quarterly Journal (SAQ) de 2002 a 2010. Também editou *Rethinking CLR James* (London: Blackwell Publishers, 1996), que é uma coleção de trabalhos sobre Intelectuais do Caribe nas áreas de História, Crítica Literária e Estudos Culturais. Foi coeditor do livro *Violence In/And the Great Lakes: The Thought of VY Mudimbe and Beyond Pietermaritzburg* (2013). Atualmente, é o editor da série *Thinking Theory* (University of Minnesota Press).

A despeito de sua carreira como escritor e editor, apenas dois trabalhos acadêmicos relacionados ao livro analisado nesta tese, *Long Distance Love*, foram encontrados. Encontramos uma variedade de críticas literárias, resenhas, artigos de jornal e revista, reportagens escritas e entrevistas com o autor. No universo pesquisado nas plataformas Capes, Ebsco, Scielo, Jstor e Google Acadêmico, nos deparamos com apenas dois estudos: um de Jonathan Eburne e outro de SPAAIJ, R. *et al.*

No artigo de Spaaij, R., De Waele, J.-M., Gibril, S., & Glorizova, os autores utilizam a obra de Farred como referência ao tópico do artigo, relacionando futebol à política e suas reverberações. Isto é, não comentam a obra, apenas a citam, assim como citam uma série de outras obras de outros autores que, de alguma forma, têm seus trabalhos relacionados ao tema proposto.

Em sua crítica literária sobre o livro de Farred, o professor Jonathan Eburne apresenta uma breve revisão sobre a obra, defendendo que *Long Distance Love* é mais do que apenas uma história com uma feliz resolução, mas, sim, um desfecho na estória da obra que se dá quando finalmente o Liverpool contrata um jogador negro, e então Farred se torna mais feliz. Eburne nos diz que: “Embora não menos um livro sobre futebol, é também um livro sobre as outras formas de contradição política” (EBURNE, 2008, p. 2). O autor nos elucida como o “amor à distância” é formado e sustentado, mesmo que Farred estivesse afastado da realidade cotidiana da cidade natal da equipe, pois estava em Cape Town na África do Sul enquanto o Liverpool se localiza na Inglaterra. Eburne comenta, ainda, como a obsessão de Farred pelo futebol torna-se a plataforma para uma meditação sofisticada, mas sempre divertida, sobre a política de escolher lados.

Acreditamos que existam outros trabalhos relativos ao livro *Long Distance Love*, mas que, de alguma forma, não se encontram nessas plataformas.

Durante a pesquisa e escrita da tese, tive a oportunidade de trocar uma série de e-mails com o Prof. Grant, que foi muito cortês em responder algumas perguntas e esclarecer alguns pontos que até então estavam obscuros em sua obra. Ele gentilmente me enviou uma cópia autografada de *Entre Nous: Between the World Cup and Me* salientando que algumas de minhas perguntas teriam a resposta nesta outra obra.

Podemos salientar que pouco material acadêmico foi produzido sobre as duas obras desta tese. Creditamos essa escassez de trabalhos, possivelmente, ao fato de serem autobiografias e, ainda mais, autobiografias esportivas que narram a trajetória de torcedores de futebol. Afinal, como já mencionamos nesta tese, a Academia vê esse tipo de livro da mesma forma que enxerga as autobiografias de celebridades, ou seja, sem grande valor acadêmico.

Por outro lado, ressalto a relevância das obras acadêmicas apresentadas acima, mesmo que não tratem do mesmo tema desta tese. Elas nos darão interessante embasamento para aprimoramos nossas discussões e comparações. Destacam-se, por fim, a importância e a originalidade de se fazer um trabalho que aborde autobiografias esportivas no campo dos Estudos do Lazer. Entendemos que uma abordagem diferenciada sobre as autobiografias esportivas poderá ampliar o escopo de estudos da área. A seguir, explicarei os procedimentos metodológicos aqui utilizados.

3 O TORCEDOR NO FUTEBOL

3.1 O torcedor, o que é torcer no futebol

Assim como Nick Hornby e Grant Farred, também passei por muitas alegrias e decepções com meu time, como é comum no futebol. Durante minha vida como torcedor, experimentei diversas fases que fazem parte do ato de torcer. A princípio, era um torcedor que encarava o jogo de futebol apenas como um momento de lazer com a família. Depois, progredindo para um torcedor que acompanhava o time nos estádios, mas era alheio ao que acontecia com o próprio

time fora dele.

Outras categorias do ato de torcer também fizeram parte da minha vivência como torcedor, e algumas serão retomadas mais adiante. Inclusive, em alguns momentos, cheguei ao extremo de ser um torcedor que sabe tudo (ou acha que sabe) sobre seu time, que frequenta estádios e viaja para acompanhar seu time – comportamento que é categorizado por alguns como “fanático”. Mesmo que não entendesse, na época, que qualquer tipo de torcer seria caracterizado como lazer, hoje, tenho plena consciência disso, pois o ato de torcer é um tempo privilegiado na vida de cada um e que gera mudanças na ordem moral e cultural, como bem aponta o teórico Nelson Marcellino (2007, p. 10).

A atividade de lazer no futebol, o torcer, tem, em seus torcedores, de modo geral, uma atitude ativa, participando intensamente do espetáculo, do ritual da partida, na dinâmica do jogo, como nos descreve Damo:

Raros são os torcedores que vão ao estádio – *nenhum*, como sugere Veríssimo (1996), é **hiperbólico** – para *assistir* ao seu time e muito menos para assistir a jogos em *que seu time do coração não esteja envolvido*. Vai-se aos jogos para torcer, empurrar o time ou, em certas circunstâncias, para protestar, por meio das vaias – a forma de participação política mais contundente no futebol. (DAMO, 2001, p. 86, grifos no original).

Como torcer é e deve ser muito mais do que um simples gostar de algum time no futebol, é, para alguns, uma forma de religião, que demanda uma rotina asfixiante que dura muito mais que os 90 minutos regulamentares de uma partida de futebol, pois envolve todo o movimento antecipatório ao jogo em si e o pós-jogo, que pode durar dias. Por um lado, essa demasiada euforia gerada em uma partida de futebol nos torcedores é relativamente passageira e nos deixa em estado de glória, principalmente em caso de vitória ou de conquista de um título; por outro lado, em caso de derrota, o que ocorre não é a “euforia”, mas, sim, o contrário, uma “disforia”, que pode perdurar ainda mais por ser fortemente negativa. Conforme ressaltam o sociólogo alemão Norbert Elias e o sociólogo britânico Eric Dunning, “o caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração dos tons mentais através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137-138), sendo essa euforia duradoura e de altos e baixos, nada mais é do que o torcer no futebol, ato principal de lazer para os torcedores de futebol ao

torcerem por seus clubes.

Sendo assim, o ato de torcer é o que norteia a nossa experiência como torcedor e, principalmente, a experiência dos torcedores das duas autobiografias analisadas nesta tese. Ambos passaram por momentos parecidos e compartilharam, em seus livros, todo o movimento de criação dessa paixão que se traduz no ato de torcer no âmbito do futebol: felicidade e tristeza, momentos de puro êxtase com seus times e de puro descontentamento. Tudo isso culmina nesta tese, que tem por meta traçar uma comparação estruturada entre os dois memorialistas.

Pois, de acordo com Damo (1998), como torcedores, “os códigos, valores e atitudes que temos, dizem muito acerca de quem somos” (DAMO, 1998, p. 13). E, como no caso da culinária e do vestuário, onde se afirma que “somos o que comemos e vestimos”, no futebol, “somos o clube para o qual torcemos” (FINE E LEOPOLD, 1993 *apud* DAMO, 1998, p. 13).

A importância de se tratar de duas obras de caráter memorialístico sobre torcedores nos traz a questão da memória individual. Para Michael Pollak (1992, p. 200), a memória individual se produz na interação do coletivo, mas são as lembranças do próprio sujeito que as despertam. Para ele, três elementos da memória individual são importantes: os acontecimentos vividos pessoalmente; os acontecimentos vividos por tabela, isto é, por pessoas, família e personagens; e, por fim, lugares (POLLAK, 1992, p. 200). Verificar como tais elementos se fazem presentes nas narrativas das obras a serem analisadas é uma das tarefas assumidas nesta empreitada.

Ao especificar o torcedor e suas histórias de vida, em cada autobiografia utilizada como fonte principal deste estudo, deve-se também entender que, para o sucesso em particular do entendimento do torcer no futebol, aponta-se para a necessidade crescente de uma participação e um engajamento efetivo de outros atores que não os próprios jogadores, fazendo-se necessária a participação do torcedor, de dirigentes, de técnicos, entre outros, seja ela ativa ou passiva. Luiz Henrique de Toledo nos oferece uma bela descrição do que seria o torcedor no futebol: “(...) aqueles que se prestavam ao incentivo e elevação da tensão e da incerteza extracampo como elementos cruciais na fruição e ampliação da emoção por este esporte (...)” (TOLEDO, 2000, p. 245).

Partindo dessa interpretação, devemos salientar as várias possibilidades do torcer em um contexto histórico para entendermos tais torcedores tão específicos.

Para Eduardo Galeano (1998, p. 7-8), há uma distinção entre os tipos de torcedor. De acordo com o escritor uruguaio, que era amante do futebol, existem o *Fã* e o *Fanático*. O *Fã* seria aquele que, uma vez por semana, veste o uniforme do seu time do coração, vai ao estádio, mesmo podendo permanecer no conforto de seu lar e assistindo à partida pela televisão. Esse fã tem sentimento de posse, pois, como diz Galeano, ele não fala “meu time joga hoje”, mas sim, “nós jogamos hoje”. Após a partida, volta para sua casa e retoma sua vida normalmente. Já o *Fanático*, afirma Galeano, é um *fã dentro de um hospício*, ele vive o jogo o dia todo, anda em blocos, pinta o rosto, assiste à partida, mas não vê o que acontece, fica nervoso, só se interessa pela revanche a qualquer custo. Para ele, o estádio é seu campo de batalha e, em seu linguajar, evidencia-se a metáfora do futebol como “guerra”.

O professor e pesquisador dos Estudos do Lazer Silvio Ricardo da Silva nos aponta que existe um sentido que norteia a vida social do torcedor. Segundo ele, esse comportamento apaixonado do torcedor pode parecer sem sentido para muitos, mas, para o torcedor em si, é totalmente normal, na medida em que encontra, em outros torcedores, atitudes semelhantes (SILVA, 2001, p. 30). Essas atitudes semelhantes podem aqui ser entendidas por protocolos ou sistemas da organização da vida social dos torcedores durante o ato de torcer. A ideia fundamental, de acordo com Durham, “é que a vida social é ordenada através de símbolos organizados em sistemas” (1984, p. 72 *apud* SILVA, 2001, p. 31) e que esses sistemas nem sempre são aceitos por outros grupos. Como exposto por Magnani, que diz: “[...] enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre as diferenças que, de forma sempre renovada, continuarão a ser o domínio da antropologia” (MAGNANI, 1996, p. 17 *apud* SILVA, 2001, p. 31).

Afinal, o que desperta a paixão do torcedor pelo futebol? A história do futebol pode ser lida como uma viagem inebriante que se inicia com algo apenas belo e simples até chegar ao ponto de se acabar com a alegria do jogo em virtude de uma ditadura rígida de treinos, jogos excessivos e principalmente a

monetarização do futebol. O futebol teve seu início como uma atividade pedagógica, não era uma atividade de lazer, mas sim de formação. Em outras palavras, os jogos deixam de ter seu caráter lúdico ou a necessidade do lazer para ser feliz para se transformarem em algo mais perverso, voltado, exclusivamente, para a vitória dentro de campo. Nesse contexto, o torcedor entra em cena como assistente, um voluntário do futebol buscando pelo próprio prazer, defendendo seu time com o mesmo ou maior vigor com que defenderia sua família. Para alguns, torcer é mais do que uma religião, é uma seita. Para esta pesquisa, conforme já salientado anteriormente, torcer é uma atividade de lazer.

Damo (2001) nos apresenta que não só o futebol é considerado algo a mais para os torcedores, mas que o “ponto de vista estético é essencial para se entender a razão pela qual os esportes em geral e o futebol em especial são apreciados intensamente pelo público” (DAMO, 2001, p. 84).

Damo também discute a existência de “verdadeiros fãs” e, para tanto, sugere que estes devam seguir uma série de comportamentos, critérios e conceitos para que sejam considerados torcedores de verdade. E, ainda, que possam compreender estas categorias que tornam o torcer no futebol algo tão envolvente. Os critérios apresentados por ele são:

- O resultado do jogo é um componente importante não apenas para entender o juízo dos torcedores, senão para entender a própria lógica dos esportes, especialmente do futebol;

- Ao invés de verdadeiros – e falsos – torcedores, existem diferentes modalidades de vínculos entre torcedores e clubes e dos próprios torcedores entre si, às quais correspondem formas diferenciadas de expressar o sentimento de “pertencimento”; e, finalmente, que existem alguns critérios bastante gerais, a partir dos quais se pode afirmar, segundo o comportamento dos torcedores, se um jogo é bom ou ruim – e nem tanto se é bonito ou feio;

- Tratando-se do comportamento dos torcedores, na sua interação com a dinâmica do jogo, importa não apenas os juízos expressos verbalmente, mas um conjunto de signos comportamentais que, observados por ocasião dos jogos, indicam se esse é ou não um jogo absorvente (DAMO, 2001, p. 84).

Sobre o contexto histórico do ato de torcer no futebol, nessa esteira, antes

do início do torcer propriamente dito, veio apenas o ato de jogar futebol, que era mais um passatempo do que um esporte, buscando-se o lazer pelo lazer, sem regras impositivas, sem competições, apenas a alegria dos praticantes que se valiam desse passatempo para resgatar sua felicidade, sendo o torcedor, nesse momento, apenas um mero participante do jogo. De acordo com Nelson Carvalho Marcellino (2001, p. 7), deveríamos nos preocupar apenas em participar, pois o lazer e a felicidade, para o teórico, não precisam de nenhuma justificativa utilitarista. E como é colocado pelo historiador holandês Johan Huizinga, o esporte também deve ter a premissa de trazer o prazer ao seu praticante:

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como "não séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. (HUIZINGA, 1950, p. 13, tradução nossa).

O contexto histórico do futebol se torna importante para entendermos de onde e por que tudo que envolve o ato de torcer tem grande relevância. Poucos anos após a criação das regras iniciais em Cambridge, ocorreu a formação da *Football Association* no Reino Unido, e regras mais completas e abrangentes começaram a ser criadas. Já em 1871, um primeiro campeonato havia sido realizado com a participação de 15 clubes britânicos. O futebol também era praticado em outros países, como na França, onde não era considerado um esporte de "elite", e apenas familiares e amigos assistiam aos jogos. Como o futebol se tornava cada vez mais popular, muitas federações também foram criadas na Europa. Contudo, nem com esse início de popularização, quando da revitalização dos Jogos Olímpicos, orquestrada pelo Barão de Coubertin em 1896, o futebol fora aceito como modalidade olímpica, mas apenas como modalidade esportiva de exibição, algo que não foi bem recebido por parte de algumas federações e, talvez, desde então, criou-se uma eterna inimizade entre as entidades que comandam cada uma dessas esferas.

Com a proliferação do futebol pelo mundo, o jogo se tornou um

espetáculo, com poucos protagonistas e vários espectadores. E esse esquema, em todas as partes onde o futebol fora difundido, seria muito próximo, formado por poucos protagonistas, dentre eles o governo, os dirigentes e os empresários. A dependência destes para a tomada de decisões sobre o futebol gera algum tipo de influência sobre os espectadores, sobre a torcida que comparece aos estádios, os que trabalham com informação sobre o jogo, os jornalistas e sobre todos os outros envolvidos de alguma forma com o evento. Talvez, aqui, já tenhamos uma primeira explicação para entendermos a grande dimensão de uma torcida num jogo de futebol dentro de um estádio. No desenrolar de uma partida de futebol, sobretudo aquelas de maior porte e envolvimento social, o cotidiano da cidade sede da contenda pode sofrer uma série de efeitos que podem ser tanto positivos quanto negativos, a exemplo de mudanças no trânsito, meios públicos de transporte utilizados por torcidas numerosas, no caso das organizadas, vandalismo, além de espaços de lazer que são criados para entreter aqueles que não irão ao estádio, como bares temáticos e específicos para um time, praças com telas de exibição, entre outros.

Com toda essa influência, o futebol, com o passar dos anos, como esporte, se torna uma modalidade mais séria, pois está em jogo muito mais do que apenas uma disputa entre dois clubes, principalmente para o torcedor. O que, no princípio, era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade tornara-se uma atividade fim, mas não um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, mas como um fim voltado para o acirramento das rivalidades socioeconômicas, étnicas, locais e regionais (DAMO, 1998, p. 19-20). O futebol, então, perde seu caráter de lazer, de entretenimento, onde se joga para compensar o esforço físico do trabalho, sem competição ou premiação, apenas pelo prazer pessoal. Ele se torna ríspido, mais disputado, dentro e fora de campo. O futebol assume a função de promover mudanças sociais e históricas.

Mas, ao falarmos de futebol, não podemos nos esquecer de seu momento mágico: o gol. De um lado, há os 90 minutos de jogo, com os rituais por parte de todos os participantes antecedendo e sucedendo ao jogo. O momento máximo de uma partida é o gol, que é, na verdade, um raro evento, inserido noutro que é o jogo. Para o crítico teatral Décio de Almeida Prado, “esse é o ritmo do futebol: muitas

ameaças, poucos gols. (...) Há poucos prazeres comparáveis ao de pular e gritar com a multidão, comemorando um gol que passa a ser de todos, por direito de contiguidade emocional” (PRADO, 1997, p. 213 *apud* DAMO, 2001, p. 89). Para a maioria dos torcedores, o tempo do gol é marcado por sua riqueza de significados e não pela sua duração. O torcedor prefere ver apenas um gol de seu time contra seu rival, do que 5 ou 6 gols contra qualquer outro clube. Em razão do gol, as sensibilidades, o modo de torcer, de protestar e de comemorar são atitudes que estão em permanente processo de mudança, pois, assim como o clube muda seus jogadores, o torcedor muda sua forma de torcer.

Sendo assim, para o sociólogo Mauricio Murad, o futebol é mais do que um esporte profissional de alto rendimento acompanhado por meros torcedores, mas tem o poder de proporcionar mudanças significativas na sociedade, pois vai além dele mesmo. Nas palavras de Murad,

[...] o futebol pode servir como ajuda para se enxergar a sociedade onde vivemos... é uma metáfora, uma representação, uma síntese da sociedade, de suas raízes históricas de formação social ... o futebol pode ser um exemplo para outras instituições sociais, porque é um dos maiores e mais importantes eventos da cultura coletiva, da chamada “cultura popular” ou como prefiro chamar da “cultura das multidões”. (MURAD, 2017, p. 121).

O futebol, claramente, tem sua necessidade e importância na sociedade, e, em relação aos torcedores, usualmente é considerado como “o ópio do povo” (DAMATTA, 1982, p. 54), mas não só, pois DaMatta também o interpreta enquanto “drama de justiça social”. Iria além: o futebol promove um movimento de pertencimento a algo que só pode ser vivenciado por aqueles torcedores que se entregam de coração ao jogo. Silvio Ricardo da Silva nos apresenta à socióloga americana Janet Lever que corrobora essa ideia ao refutar o entendimento de que o futebol possa ser apenas o “ópio do povo”. Para ela, o futebol é muito mais, é quando “[...] o contrário acontece, ou seja, embora as divisões entre clubes e rituais dos torcedores possam permanecer os mesmos, o futebol, nosso esporte maior, paradoxalmente é capaz de atuar como força para promover mudanças sociais” (LEVER *apud* SILVA; NETO; CAMPOS, 2011, p. 115).

O futebol também assume um caráter político, seja no Brasil ou em qualquer outro país. Torcer por um clube de futebol é uma atitude política, como

descreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade:

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos fluminenses ou vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. (ANDRADE, s.d., p. 44 *apud* DAMO, 2001, p. 88).

Entretanto, dentro do universo dos torcedores, ainda que nem todos sejam fanáticos a ponto de frequentar os estádios ou mesmo acompanhar seu time por algum tipo de mídia, o historiador José Eduardo de Carvalho nos traz definições bem evidentes dos tipos de torcedores que nos ajudarão a entender e melhor tipificar os torcedores que são objeto de estudo nesta pesquisa:

[...] *Torcedor Eventual*: gosta desse jogo, sente prazer em interpretar símbolos e alegorias, é um apreciador da estética e, em geral, um razoável entendedor das questões do futebol. Mas não “pertence” ao futebol. É um corriqueiro “voyeur”; *Torcedor Espectador*: adepto dedicado, torna o futebol parte importante de sua vida, (...) tem identificação bem clara com algum clube e eventualmente frequenta os estádios; *Torcedor de Raízes*: sua adesão aconteceu no primeiro dia lúdico de sua vida, e continuará crescendo, é um fã apaixonado, se considera parte do processo, sem ele, o jogado estará órfão. Mesmo quando não vai ao estádio, o que é raro, encontra formas distintas de torcer, como rituais próprios, é supersticioso e sempre recorre à fé (...). (CARVALHO, 2014, p. 16-18, grifos nossos)

Nessa tipificação de torcedores, ficaram de fora aqueles que, talvez, tivessem as características do torcedor de raízes, mas que, por algum motivo, tornam-se membros de movimentos organizados, as famosas torcidas organizadas, e passam a viver sua vida em função daquela torcida, mas sem torcer realmente pelo clube, apenas participando de desordem e badernas, quando não de brigas e outros tipos de delitos. Evidentemente, esse é um olhar generalista em relação as torcidas organizadas. Pois, como nos apresenta Murad, apenas uma parte das organizadas oferece potencial violento, enquanto a maioria de seus membros não são adeptos de atos de violência.

[...] levantamentos e pesquisas acerca das práticas distintas de violências e mortes de torcedores, basicamente por conta de grupos transgressores, delinquentes e delituosos infiltrados nas torcidas organizadas, minoritários, mas radicais e preocupantes. (MURAD, 2013, p. 150).

Num outro olhar no que se refere aos torcedores, justificasse separá-los em dois grupos: torcedores comuns, aqueles que vão ao estádio, acompanham seus clubes, consomem seus clubes em produtos e informação; e torcedores organizados, aqueles que participam de uma torcida organizada, brigam e acompanham seus clubes, mas de uma forma diferente, com sentimentos e identidades distintos. Silva (2001) cita que “a relação entre torcedores comuns e torcedores organizados é algo que merece destaque por despertar a ideia de que há diferenças no sentimento de seus integrantes pelo clube para o qual torcem a até mesmo na forma de torcer e se portar” (SILVA, 2001, p. 78).

Em relação à participação em torcidas organizadas⁴ por parte dos torcedores, o trabalho do professor e acadêmico Jefferson Nicássio Queiroga de Aquino nos apresenta um dado bem interessante. Mesmo tendo trabalhado com torcedores do Atlético Mineiro, Cruzeiro e América Mineiro, cremos que o resultado da pesquisa é o mesmo ao compararmos outras torcidas do Brasil e boa parte das torcidas no exterior. Ele nos traz a informação de que se pode dizer que, em geral, um número menor de torcedores de clubes considerados grandes participa de torcidas organizadas, ao passo que, em clubes menores, a participação é mais próxima. Ele afirma:

Quando analisamos os dados referentes à participação em Torcidas Organizadas (TOs), identificamos que os torcedores do América respondentes da pesquisa possuem uma divisão próxima entre torcedores organizados (43,1%) e torcedores comuns (56,9%). Ao passo que atleticanos e cruzeirenses possuem um número menor que respondeu ser participantes de TOs, sendo que os torcedores atleticanos que participam de alguma TO representam 13,4% da amostra e os cruzeirenses representa, 18,2%. (AQUINO, 2017, p. 38).

Sabemos que todos são torcedores e, assim, possuem afinidade por seus clubes. A questão que nos interessa é a identificação do torcedor por seu clube, pois acreditamos que essa identificação, inicialmente, diferencia os torcedores. Uma questão central para esta tese é: como podemos saber qual torcedor possui mais identificação com seu clube do que o outro? Seria Hornby pelo Arsenal ou Farred

⁴ Para aprofundamento em Torcidas Organizadas, juventude e estilo de vida, consultar a tese de Flávia Cristina Soares, ***Em busca do monopólio estatal: a torcida organizada como instrumento de domínio territorial***, UFMG-2018.

pelo Liverpool?

Aquino (2017) apresenta a colocação de Wann & Brascombe (1993) que confirmam a ideia de que existem diferentes graus de identificação do torcedor com seu clube, dizendo o seguinte:

Os torcedores que estão profundamente comprometidos com uma equipe de esportes devem diferir dos menos identificados em termos de seu investimento de tempo e dinheiro, registro de presença em partidas e padrões de atribuição de resultados dos jogos. (WANN & BRASCOMBE, 1993, p. 2 *apud* AQUINO, 2017, p. 57).

Corroborando essa identificação do torcedor por seu clube, Jones (2000) identificou em seu estudo no futebol inglês “que indivíduos com alto nível de identificação com seu time possuem alto investimento, seja de tempo ou de recursos, nesta atividade de lazer” (JONES, 2000, p. 285-98 *apud* AQUINO, 2017, p. 58). Independentemente da identificação que iremos encontrar nas obras, podemos aqui salientar uma razão pela qual os dois autores narraram, em suas obras, suas paixões pelos clubes. Pois, de acordo com Silva (2005, p. 25), “o time pelo qual o indivíduo torce ‘pode representar uma parte da vida que dá certo’, portanto, uma vitória do time pode significar uma vitória na vida do torcedor”.

Ao refletirmos sobre outras possibilidades de tipificação de torcedores, o sociólogo britânico Richard Giulianotti (2012), em seu artigo *Uma Taxonomia de Identidades do Torcedor no Futebol*, nos apresenta diferentes tipificações, principalmente ao perceber o futebol com um caráter mais mercantilista. Ele nos apresenta quatro tipificações para as identidades desses torcedores:

- **Fanáticos:** “torcedor clássico [que] tem um investimento pessoal e emocional de longo prazo com o clube” (GIULIANOTTI, 2012, p. 15);

- **Seguidores:** “definido não por uma jornada itinerante ao lado do clube, mas por dar importância tanto aos acontecimentos dos clubes como dos profissionais do futebol pelos quais se interessa” (GIULIANOTTI, 2012, p. 18);

- **Fãs:** “estabelece uma forma de intimidade ou de amor pelo clube ou por seus jogadores, mas esse tipo de relação é unidirecional em suas afeições” (GIULIANOTTI, 2012, p. 21);

- **Flâneurs:** “adquire uma identidade pós-moderna de torcedor através de um conjunto despersonalizado de relacionamentos virtuais orientados para o

mercado, especialmente através de interações com a mídia fria produzida pela televisão e pela internet” (GIULIANOTTI, 2012, p. 25).

Ao conjecturar sobre as questões relacionadas ao ato de torcer e ao pertencimento clubístico, é importante ressaltar que não há apenas um torcer e um pertencer. A professora e pesquisadora Heloísa Baldy dos Reis (1998) diferencia os indivíduos quanto à assistência em dois grupos: espectadores e torcedores. Para essa autora “o espectador de futebol é todo indivíduo que assiste aos espetáculos esportivos, e o torcedor é o indivíduo que além de ser espectador com preferência por algum clube, é torcedor dele, e que manifesta essa predileção no decorrer dos jogos” (REIS, 1998, p. 6). Completando sua classificação, ela afirma que

[...] torcedor uniformizado, como o próprio nome diz, é aquele que usa camisa de sua equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol. O torcedor organizado é aquele que faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual ele torce. (REIS, 1998, p. 6).

Por sua vez, sabemos que há trabalhos sociais promovidos por torcidas organizadas, entre eles, os trabalhos sociais daquelas que, porventura, também fazem parte do mundo das Escolas de Samba. Essas torcidas organizadas existem no Brasil desde meados da década de 1940 quando eram designadas de “torcidas uniformizadas” (pois essa era a definição da época); passaram a se chamar “organizadas” por volta dos anos 1970 e 1980. Como destaque, entre as primeiras “torcidas uniformizadas” do Brasil está, em São Paulo, de acordo com Toledo, a torcida uniformizada do clube de futebol São Paulo Futebol Clube, que foi criada em 1942. Esse é o mesmo dado que nos apresenta Maurício Murad (2017, p. 109), acrescentando a criação da Charanga Rubro-Negra em 1942 no Rio de Janeiro. Ambas torcidas foram fundadas por personalidades locais daquela época: Laudo Natel (ex-governador de São Paulo) e Manoel Porfírio da Paz, em São Paulo, e Jaime Rodrigues de Carvalho, no Rio de Janeiro.

3.2 Futebol, torcedores e lazer

O gosto pelo futebol ou por um esporte norteia a vida de todos, direta ou indiretamente. Circunscrevendo o futebol ao esporte, o esporte ao campo do lazer e

o lazer ao modo de torcer, destaca-se o caráter compensatório de todas as práticas em questão. Diferentemente da vida doméstica e da rotina de trabalho, os esportes, lazer e torcer proporcionam um espaço-tempo no qual seria possível vivenciar sentimentos agradáveis, de grande excitação e tensão.

Até então, algo parecia faltar para que estabelecesse a comparação desejada entre esporte, lazer e torcer. Entretanto, me deparei com a área dos Estudos do Lazer, até então pouco conhecida por mim. Nesse sentido, constatei que todo embasamento teórico e lúdico dos Estudos do Lazer fornece elementos que, com certeza, complementarão e darão suporte à comparação a ser levada a cabo nesta pesquisa. Marcellino (2012, p. 38) nos explica que “não é possível se entender o lazer, isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social. Ele influencia e é influenciado por outras áreas de atuação, numa relação dinâmica”, e é essa relação dinâmica do futebol com o torcer que interessa à pesquisa.

Podemos aqui acrescentar outra nomenclatura aplicada pelos Estudos do Lazer ao ato de torcer no futebol: a assistência. Para Marcellino (1996), a assistência de práticas desportivas é reconhecidamente uma possibilidade de lazer. Conforme Arlei Damo, “[a]demais, no Brasil, podemos dizer que o futebol se destaca frente aos demais esportes como possibilidade de lazer tanto na prática do esporte” quanto, no caso das obras aqui analisadas, mesmo no contexto do futebol inglês, “no que se refere à assistência” (DAMO, 1998, p. 13).

Os comportamentos dos torcedores “certamente marcaram o entendimento de uma passagem mais explícita da assistência ao ato de torcer no futebol” (SOUZA NETO, 2010, p. 121). Souza Neto nos mostra que a “assistência se configurava como divertimento para seus praticantes e que a mesma ocorria em função do assistir à prática esportiva e não de torcer por um time específico” (SOUZA NETO, 2010, p. 121). A transição entre apenas assistir a uma prática esportiva e começar a torcer por um clube específico, como visto por Damo, “é um dos principais indícios da existência de um pertencimento e de uma paixão clubística” (DAMO, 1998, p. 13).

Segundo Damo, a paixão clubística desafia até mesmo uma máxima, segundo a qual “‘gostar de futebol’ pressupõe ‘entender de futebol’, o que só é conseguido através da prática do jogo” (DAMO, 1998, p. 14). Damo completa

dizendo que “é raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu ‘clube de coração’” e que “pessoas com escassa ou nenhuma prática deste esporte se dizem torcedores fanáticos” (DAMO, 1998, p. 14). De acordo com o autor, “a opção clubística transcende o próprio futebol” (DAMO, 1998, p. 15).

De alguma forma, durante a dinâmica da assistência ou do ato de torcer, todos têm suas vidas modificadas, mesmo aquelas pessoas que são totalmente alheias em relação ao torcer no futebol, pois mesmo sendo alheias, ainda assim existe o sentimento de pertencimento clubístico que, para Damo, faz parte da identidade social do indivíduo.

Sendo assim, é nesse contexto que Marcellino nos apresenta uma ideia do que seria todo esse efeito participado por todos, pois a vivência se torna importante elemento para ligar o lazer à prática de uma atividade. Para ele, a vivência interfere no lazer quando é considerada “um fenômeno gerado historicamente, do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente” (MARCELLINO, 2007, p. 10).

Como descrito anteriormente sobre as torcidas organizadas, destacamos, aqui, independentemente de quem criou as torcidas, seus propósitos de lazer: acompanhar, torcer, elevar o moral dos jogadores e, desde aquela época, promover o time em outras localidades. Esses propósitos das torcidas, esse associativismo, é o que nos interessa em relação ao lazer, pois, para Dumazedier (1980), o Estudo do Lazer deve partir de duas diferentes perspectivas: a primeira, relacionada às diversas possibilidades verificadas na interrelação dos interesses sociais e dos demais interesses do lazer; a segunda, tão importante quanto o ato de torcer, a classificação de grupos, sendo eles organizados, com a frequência a associações ou não (*apud* STOPPA, 2007, p. 119). Portanto, esse grupo de organizadas será, aqui, objeto de estudo específico, utilizado, logicamente, no universo das torcidas britânicas a que fazem parte os dois memorialistas contemplados na pesquisa, para entendermos a relação entre o torcedor das obras e as suas respectivas torcidas.

As torcidas, organizadas ou não, serão um grupo de estudo pertinente à pesquisa, pois o ato de torcer é ato de lazer e, para Marcellino:

(...) o lazer é a utilização do tempo disponível por opção do sujeito, para escolher uma atividade cultural (prática ou contemplativa) que lhe proporciona uma sensação de liberdade e de prazer baseado numa vivência de cultura, toda experiência do torcedor, seja ela como mero espectador ou torcedor de carteirinha, serão importantes para estudarmos as conotações sociais do torcer. (MARCELLINO, 2000, p. 65).

Por conseguinte, a vivência de cultura e de atividades de lazer é o que interessa ao trabalho. Pois mesmo o torcer de forma violenta ainda deve ser considerado lazer, uma vez que, de acordo com o sociólogo e professor britânico Chris Rojek (2011, p. 145), “é no momento de tempo livre que nós possuímos a maior autonomia e flexibilidade para agir conforme queremos”, e também nos aponta que, durante esse momento, “o lazer é um tempo em que as restrições que governam o nosso comportamento são diminuídas” (2011, p. 145). Será muito importante estudar a violência relacionada às atividades de lazer aqui descritas para entendermos um pouco mais da vida de torcedores que trataremos mais à frente.

Ao considerarmos a questão da violência, tomemos Elias e Dunning (1992) como referência, e veremos que “os esportes evoluíram no sentido do controle e restrição à violência física (e não em sentido contrário), mantendo, ainda, um grau variado de violência potencial, presente na estrutura do jogo” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 135), dentro e fora dos estádios, afetando a todos que participam do jogo. Todavia, para os autores, o controle e a restrição à violência no futebol são marcados por uma mudança no foco do futebol, “a mudança de ênfase, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência da agradável excitação prolongada do confronto” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 136).

Para que possamos incluir essa parte nefasta de torcedores neste estudo, temos de entender que, na trajetória dos torcedores, como afirma o professor e pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva (2006, p. 71), “a transgressão às normas nem sempre vinha das classes menos favorecidas”, ou seja, vale aqui salientar que, para tipificarmos os torcedores, não podemos nos basear em classes sociais, pois, independentemente das classes, como ressalta Silva, “as tradições e rivalidades clubísticas e regionais, a alegria das vitórias e a ‘cabeça inchada’ pelas derrotas se tornaram parte integrante de todas as camadas da sociedade” (SILVA, 2006, p. 71).

Mas como não salientar o lado cultural do futebol – como já colocado por Murad – e também do ato de torcer? Partindo para os conceitos pertinentes a esta

pesquisa, Gomes (2004, p. 5) conceitua o lazer como dimensão da cultura, por meio de uma vivência do lúdico em um tempo/espaço conquistado. A autora propõe, ainda, que o lazer é distinto do trabalho, porém, está relacionado a ele, pois serve como descanso e diversão para o sujeito, quando este se distancia do trabalho.

Conseqüentemente, o ato de torcer, que é uma expressão cultural, pode e será entendido aqui como uma atividade cultural do lazer. Para exemplificar bem o que está sendo dito, cito novamente Gomes, que afirma que “o lazer enquanto dimensão da cultura abarca uma ‘multiplicidade de vivências culturais’ carregadas de sentidos e significados” (GOMES, 2014, p. 9) e, com isso, nos fornece embasamento para enfocarmos o torcedor como objeto principal deste estudo.

Porém, para nossa análise, devemos considerar outros aspectos do lazer. Marcellino nos apresenta duas correntes antagônicas do lazer que perfazem o estudo das obras, uma vez que estamos lidando com torcedores e tudo mais que os cerca. São elas:

[...] uma que enxerga o lazer mais como mercadoria, como mero entretenimento a ser consumido, ajudando a suportar, a conviver, com uma sociedade injusta e de insatisfação crescente; a outra, que o vê como gerado historicamente na nossa sociedade, e que dela emerge, podendo na sua vivência, gerar também, no plano cultural, valores questionadores da própria ordem estabelecida. (MARCELLINO, 2001, p. 5).

Nesse sentido, e como aspectos culturais do torcer, também é necessário salientar certas características que fazem parte do entendimento cultural e pessoal de alguns torcedores e sua predileção por algum time: gosto pelo símbolo ou mascote do time, gosto pelas cores do time, parentesco com algum jogador ou algum membro do próprio time, ligações familiares com a localidade do time, entre outros.

3.3 Futebol, história, narrativas e autobiografias

Autobiography's advantage is that, after all, the most fascinating and compelling subject to man is man himself.

(Geraldine Clifford)

Este trabalho propõe a análise de autobiografias, que pertencem a um gênero da Literatura. Não obstante, essas obras, quando se enquadram no âmbito esportivo, são geralmente desdenhadas por pesquisadores e até apelidadas pejorativamente, como é o caso do escritor e colunista americano Bryan Curtis (2007 *apud* SPARKES, 2015, p. 4) que intitula esse tipo de livro como “*Jockography*”. Exemplos como esse evidenciam que, para muitos, este modelo de autobiografia não seria mais do que uma piada (*joke* em inglês) e, portanto, não mereceria ser estudado. Curtis chama a atenção para o fato de que a maioria dessas autobiografias são escritas por *ghostwriters*, repórteres esportivos ou jornalistas.

No século XX, é de se espantar quando uma obra é escrita completamente pelo próprio sujeito, assim como acontece nas obras em análise neste estudo. Tanto é assim que, como nos lembra o professor e historiador Matthew Taylor, o ex-jogador profissional inglês e líder sindical Jimmy Hill começou seu livro *Striking for Soccer*, de 1961, com a seguinte frase: “O mais incrível sobre esse livro é que o escrevi sozinho” (HILL, 1961, p. 1 *apud* TAYLOR, 2013, p. 19).

Outra característica recorrente nas autobiografias esportivas – e que também aparece como argumento para sua desvalorização no meio literário – é que grande parte dessas obras é escrita seguindo uma estrutura única: “iniciam-se com o momento mais importante na carreira do atleta; narra como o atleta iniciou no esporte e momentos difíceis de sua infância; e narram o histórico de suas carreiras até o estrelato” (CURTIS, 2007 *apud* SPARKES, 2015, p. 4). Em alguns casos, por essas e outras razões, autobiografias foram, muitas vezes, consideradas um tema menor.

Contudo, as Ciências Humanas vêm superando os preconceitos e tratando o esporte, o lazer e o tempo livre com a mesma seriedade com que tratam os temas clássicos, como evidencia o professor e filósofo Pablo Alabarces (2000, p. 54). Já para os Estudos do Lazer, campo vinculado às Ciências da Saúde, Cultura e Educação e como programa ligado à área de Educação Física, as autobiografias esportivas parecem ser mais valorizadas e não são desqualificadas como é comum acontecer em outras áreas do saber.

Para Taylor (2013, p. 1), o valor histórico de autobiografias esportivas se dá ao considerá-las não apenas como fonte material, mas como um objeto

merecedor de análise por si próprio, abordando questões de autoria, estrutura e conteúdo nos próprios textos. É plausível descrever possíveis olhares que autobiografias esportivas possam oferecer no percurso desta pesquisa, entre os quais, podemos citar: as relações e tensões entre torcedor e torcida, o torcedor e as esferas públicas e privadas, ou ainda o “eu” e a sociedade.

Em relação às autobiografias esportivas de estrelas do futebol especificamente, seus relatos de vida, dentro e fora do esporte, incluindo situações adversas, polêmicas, doenças e romances, costumam embasar as narrativas, geralmente com o intuito de venda promocional da obra. Porém não só autobiografias das estrelas do futebol ganham relevância. Histórias sobre técnicos, dirigentes, gerentes e, inclusive, árbitros de futebol também estão entre os livros mais populares de memórias do século XX e tal tendência prossegue nas primeiras décadas do novo milênio.

Independentemente da autobiografia, isto é, de quem é o personagem central da narrativa, temos que ter em mente que se tratam de relatos pessoais, de uma maneira subjetiva de contar e interpretar a realidade. O escritor britânico Stephen Wagg (1984) analisou extensivamente as autobiografias durante seu trabalho sobre jogadores, técnicos e mídia do futebol, e foi sincero ao delimitar o próprio material de análise. Para ele, os livros desse tipo “são relatos pessoais e não analisam o mundo do futebol – eles somente fornecem as matérias primas para fazê-lo” (WAGG, 1984, p. xiii *apud* TAYLOR, 2013, p. 2).

Todavia, nem para o âmbito do esporte, nem para o da literatura, autobiografias de pessoas não consideradas celebridades despertariam interesse em serem analisadas. Entre tais autobiografias, encontram-se as obras aqui estudadas. Vale lembrar que, em nossa análise, os autores não são estrelas esportivas, mas, sim, um tipo específico de pessoas da sociedade que têm prazer em acompanhar seus clubes profissionais de futebol dentro e fora do campo, durante diferentes momentos do lazer. E, corroborando a ideia de Wagg, as obras não analisam os torcedores de futebol de maneira geral. Esta é a função deste trabalho: analisar os torcedores dentro das obras em destaque.

Notamos que, nos textos fundados na memória, sejam eles autobiográficos ou ficcionais, há inúmeras figurações do leitor (COENGA, 2016, p.

1), no caso mais específico, o “eu”. Podemos indagar, nessas figurações, as cenas impressas na infância, no meu caso, os jogos do clube, como se deu a formação do pequeno torcedor e quem foram seus principais incentivadores. Autobiografias esportivas de estrelas do esporte estão, como relatado previamente, há muito tempo, entre os livros mais populares de memórias de celebridades (TAYLOR, 2013, p. 2). Portanto, justifico a análise necessária das autobiografias esportivas de Nick Hornby e Grant Farred não só por não serem celebridades, mas, segundo Taylor (2013, p. 2), por figurarem em uma categoria de autobiografia que não é encontrada em estudos jornalísticos e acadêmicos e, provavelmente, por não representarem o corpo de material publicado mais substantivo sobre a história do esporte. Além disso, por serem obras escritas pelos próprios autores, o registro de suas lembranças, os acontecimentos de suas vidas cotidianas, situações inusitadas, entre outras, sob a forma de memória, foram escritos naturalmente, baseados em suas lembranças espontâneas, com recordação ou esquecimento de certos detalhes, sem ter qualquer esforço ou pesquisa para tal escrita, imprecisa, mas verdadeira (TAYLOR, 2013, p. 3).

Dentro deste contexto de lembranças usadas pelos dois autores para a escrita efetiva das obras, também se destaca a rivalidade entre Arsenal e Liverpool, que era uma rivalidade que extrapolava as quatro linhas. Questões sociais, econômicas e culturais inflaram essa rivalidade, principalmente nas décadas sugeridas, de 1970 e 1980. Essa questão da rivalidade também se faz importante na “construção da identidade, que, neste caso, ocorre por meio da diferença, ou seja, não na relação com o *eu*, mas sim na relação com o *outro*” (HALL, 2015, p. 65). Assim, em um “primeiro momento, o *outro* é aquele que se apresenta como adversário ou rival” (HALL, 2015, p. 65).

A fim de que haja o torcer no futebol, é necessário que também haja clubes e torcedores adversários para que o torcer tenha significado. Como acontece com os dois autores das obras, sua formação cultural, enquanto torcedores dentro do contexto histórico do futebol, lhes foi apresentada de formas diferentes, mas não exclui como eles percebem a identificação do que é “adversário”. São torcedores de outros clubes, clubes rivais ao seu time de coração. Notam, contudo, que existe um amor no ato de torcer por torcedores de outros clubes, mas sentem que esse amor

não é tão obsessivo e entusiástico como o que eles próprios nutrem para com seus times.

Clubes como Atlético Mineiro e Cruzeiro, Flamengo e Fluminense, Corinthians e Palmeiras, Boca Juniors e River Plate, Nacional e Peñarol, Arsenal e Liverpool têm fomentado, historicamente, uma grande rivalidade. Tais rivalidades entre clubes acontecem porque as torcidas não se suportam. Como veremos mais à frente, outros motivos para que as torcidas não se aceitem estão relacionados à formação dos clubes. Damo coloca que “no futebol brasileiro, as rivalidades entre as torcidas são causadas pelas rivalidades entre os clubes” (DAMO, 2001, p. 89). Alguns foram fundados pela elite, outros no chão de fábricas. Ou seja, o local, a situação sócio-econômica-cultural dos fundadores e, conseqüentemente, da assistência, colaboram para o acirramento dessa rivalidade. A proximidade, a presença de torcedores “inimigos” na escola, no trabalho ou na rua apenas acirram essa rivalidade. Damo também diz que “os enfrentamentos mais densos são aqueles envolvendo clubes da mesma cidade, cujas rivalidades foram forjadas ainda no tempo do amadorismo” (DAMO, 2001, p. 89). Em todos os casos, essa “definição redundante, contida, não deixa qualquer dúvida sobre a densidade simbólica desses enfrentamentos que movem os torcedores”, conforme bem aponta Arlei Damo (1998, p. 72).

Numa comparação com clubes brasileiros, podemos salientar que, assim como aconteceu com o Arsenal, uma situação que acirrou ainda mais a rivalidade foi o fato de alguns clubes amargarem um longo período sem conquistas importantes. Intrigante é o fato de que, no mesmo período, esses clubes mantiveram sua tradição e ainda receberam adesões de novos torcedores. Além do Arsenal, que não ganhou nenhum título de relevância entre os anos de 1971 a 1989, no âmbito do futebol brasileiro, podemos citar o Atlético Mineiro entre os anos de 1971 e 2013, em campeonatos brasileiros, mas tendo conquistado a Copa Conmebol em duas ocasiões, 1992 e 1997, competição extinta em 1999 e que era considerada a terceira competição em importância na América do Sul, o Corinthians entre os anos de 1954 e 1977, ou então, o meu clube de coração, o São Paulo, que ficou de 1957 a 1970 sem nenhum título de grande importância, entre tantos outros. Na contramão dessas perdas, com o Liverpool, a história se mostra um pouco diferente. O clube

não teve nenhum longo período sem títulos, apenas alguns anos na década de 1990, fato que acirrou ainda mais sua rivalidade com outros times ingleses.

Abrindo aqui um parêntese, gostaria de explicar o porquê da escolha das duas autobiografias que serão utilizadas no trabalho, na sua versão original, em Língua Inglesa. Partimos do pressuposto de que, em traduções, sempre se perde alguma informação, pois estas nem sempre expressam o que o autor realmente queria dizer. Além disso, toda análise discursiva ou narrativa, preferencialmente, pressupõe a leitura e interpretação do texto original, pois vai além do conteúdo. Não só o *que é* dito, mas também o *como é* dito se torna relevante em estudos dessa natureza.

Outro aspecto que foi considerado para a utilização das obras no original em inglês é o fato que a obra de Hornby traduzida para português traz algumas diferenças da versão original e a obra de Farred não existe em português. Para padronizar o estudo, optou-se pelo uso das obras em sua versão original em inglês.

Em especial, essa necessidade da leitura e análise das obras em sua língua original se faz imprescindível no estudo de autobiografias. Pois, ao contrário da ficção, autobiografias se relacionam com experiências e vidas “reais” (TAYLOR, 2013, p. 3) e, por isso mesmo, nada pode ser desprezado, embora autobiografias também possam conter elementos “ficcionalizantes” e romances possam se basear em experiências e vidas “reais”, não obstante o seu caráter ficcional.

Para Lejeune (2009), “a autobiografia é uma prática que pode ser analisada de várias formas diferentes” (2009, p. 4). Ele também nos mostra diferentes possibilidades e campos de pesquisa para o estudo de autobiografias. “A autobiografia pode ser uma *fonte de informação* (para História, Geografia, Sociologia ou Etnologia); um *assunto de estudo* (para Psicologia ou Literatura); ou uma *ferramenta* (para Educação ou Sociologia Clínica)” (2009, p. 4).

Por sua vez, análises de obras de memorialistas, como autobiografias, nos apresentam uma memória social, que pode ser melhor entendida quando não é mediada por uma tradução. Pois, nas autobiografias esportivas, os textos são percebidos como “performances” que detêm significados através de sua “reflexão de significados pessoais e públicos de eventos históricos compartilhados”, citando o professor e pesquisador australiano Gary Osmond (2003, p. 63-64). A força de

argumentação aqui é que, ao focar no leitor, Osmond mostra como autobiografias podem atuar “como instâncias de memória social para o indivíduo e sua época” (ibid.), memória social imprescindível para a análise das obras.

A narrativa apresenta um resgate memorialístico (baseado na realidade), mas também pode contar, para uma melhor elaboração da obra, com fios da ficção. O narrador habitualmente se coloca no tempo presente e, ao olhar para o seu passado, nada mais é do que um testemunho de memórias, de lembranças que não são completamente capturáveis, são moventes, isto é, mesmo que o escritor queira apreender a realidade como ela foi, no momento da escrita, isso já não é mais possível, afinal, as experiências vividas são inapreensíveis (SPARKES, 2015, p. 13-15). É nessa fenda do inapreensível que o ficcional se estabelece e o estudo de memória se faz necessário.

“Autobiografias estão diretamente ligadas à memória, à identidade e ao contexto histórico e literário. O gênero autobiográfico está submetido à história, à literatura e está em constante transformação”, nos diz o professor alemão Heumut Galle (2006, p. 81). Nesse contexto, o horizonte de expectativas que cercam as autobiografias desta tese se amplia na medida em que abordamos o tema da própria vida descrita pelos autores. Importância essa salientada por Galle:

Nas últimas décadas, a escritura autobiográfica proliferou numa multiplicidade de formas que não se adequam tão facilmente aos padrões de gênero que a tradição estabeleceu a partir dos textos clássicos de Sto. Agostinho, Rousseau ou Goethe, inclusive, muitas dessas formas visam subvertê-los. Devido a isso e a fatores específicos da reflexão teórica atual acerca da literatura, o sujeito e a representação, o debate sobre as formas da escritura autobiográfica ganhou uma significativa relevância em diversos campos disciplinares. (GALLE, 2006, p. ii).

No que tange especificamente à construção de identidades, adotaremos os estudos de Stuart Hall (2015), pois esse teórico foi um jamaicano que viveu e trabalhou na Inglaterra, transitando constantemente entre culturas diferentes em seu próprio processo identitário. Essa experiência o motivou e inspirou para as reflexões que construiu acerca da identidade, dentro da perspectiva dos estudos culturais. Para Hall, “a construção da identidade é efetivada por meio do contexto histórico e cultural a que o indivíduo pertence” (HALL, 2015, p. 15-16), contextos esses que servem de base para o entendimento das obras analisadas. O teórico acrescenta

dizendo que “os discursos e práticas presentes neste meio são as representações que são apresentadas a este sujeito e o entendimento destas são fundamentais para o processo de identificação” (HALL, 2015, p. 15-16). A autobiografia é, portanto, a representação escrita em forma de narrativa daquilo que fora apresentado ao autor durante seu processo de diferentes identificações, influenciando-o em sua formação cultural, sua percepção do mundo e das representações sociais que dele fazem parte.

E o que se nota nas obras é que, na questão da memória cultural e identitária de cada um dos autores, suas lembranças estão vinculadas aos momentos incisivos da história de cada clube dentro do recorte temporal da análise. Quanto a isso, é importante destacar que, além da análise das autobiografias em sua composição narrativa e temática, também é intenção deste estudo fornecer um relato histórico, social e cultural sobre os torcedores.

Nesse sentido, serão apresentados o contexto histórico da vida social, cultural, econômica e política da África do Sul, da Inglaterra e do futebol na Inglaterra nos anos 1970 e 1980, que serão importantes para uma compreensão mais ampla dos próprios significados das duas obras em questão. Assim, a análise será pautada pela seguinte questão fundamental: como os autores falam de si e de outros, lembram, esquecem e comemoram, e como eles constroem suas identidades clubísticas dentro desses contextos?

Validando a ideia de se estudar décadas passadas, Victor Andrade de Melo nos traz alguns elementos necessários para a boa realização de estudos históricos que têm o lazer, mais especificamente o torcer no futebol, como tema (MELO, 2011, p. 67). Para uma maior contribuição dos estudos históricos, é interessante destacar o que dizem os pesquisadores brasileiros Fortes, Negro e Fontes. Eles nos lembram que:

Padrões de organização social mudaram e mudam, mas valores e crenças podem sobreviver às transformações. E isso depende de como práticas culturais e instituições lidam com as novas condições advindas de derrotas, crises, inovações tecnológicas etc. Seja no “Velho”, seja no “Novo” Mundo. (FORTES; NEGRO; FONTES, 2001, p. 49).

Para que o trabalho não assuma um caráter anedótico, acontecimentos históricos em relação aos times e seus torcedores apenas serão descritos dentro do

contexto histórico do futebol, a fim de iluminar a análise das autobiografias que são objeto desta tese.

Dentro de um contexto histórico das décadas de 1970 e 1980, podemos citar algumas diferenças entre os atos de torcer de cada um dos nossos torcedores. Por exemplo, enquanto um clube permanece muitos anos sem ganhar nenhum título, neste caso, o Arsenal de Nick; o outro time, o Liverpool de Grant, ganha muitos títulos no mesmo período. Em particular, faço essa comparação, pois, para os dois torcedores, essa diferenciação entre ganhar títulos ou não pôde, sim, criar uma característica nova de torcedores, a de totalmente aficionados por seus clubes.

Além desse tipo novo de torcedor, outro fator preponderante gerado pela falta de títulos é a decadência dos clubes. Independentemente do país, a reação dos torcedores em relação ao seu clube oscila em virtude do rendimento e da performance do próprio time. Damo explica como realmente acontece essa oscilação do torcedor:

Uma das características do público futebolístico é o engajamento, não custa reiterar. Se o amor ao clube é incondicional, a relação com o time que o representa, em contrapartida, está sujeita a oscilações. Quando o time joga mal, os torcedores vão, xingam, fazem ameaças aos atletas, técnico, dirigentes, enfim, a todos os que se acredita que tenham responsabilidade direta sobre o sofrimento, e depois cantam o hino do clube. Se o time apresenta uma série de resultados negativos, a tendência é o esvaziamento do estádio, indicando o arrefecimento das paixões. Se o time vai mal ao ponto de comprometer o status do clube, ameaçando-o de rebaixamento, por exemplo, então os torcedores podem vir a ser mobilizados, lotando o estádio para "empurrar" o time. Mas é certamente quando este vence, sobretudo quando vence em série e torna-se concorrente a um título, que a paixão inflama. A performance do time oscila e a libido dos torcedores também, mas o que importa, como traço distintivo do clubismo, é que eles não deixam de ser fiéis ao clube. (DAMO, 2007, p. 85).

Como exemplo da reação dos torcedores por seus times, podemos citar os grandes clubes cariocas, como Vasco, Fluminense e Botafogo. Esses clubes, além de terem sido rebaixados para a Série B do Campeonato Brasileiro, costumam permear a zona de descenso no decorrer do campeonato quando estão na Série A. Mas, como uma espécie de fênix, as torcidas desses e de outros clubes, quando em situação desvantajosa, renascem e apoiam seu time com muito mais ênfase do que quando o clube se encontra numa posição de destaque. No ranking de torcidas do site *Globo Esporte*, os times considerados grandes, quando caem para a série B,

apresentam um número muito superior de média de público no estádio do que quando estavam na série A. Fato que também é comprovado no futebol do Reino Unido pelo site *Statista*.

Como informação pitoresca, já que estamos falando de futebol e torcidas, o América do Rio de Janeiro, nesta invernada de ser um clube sem muitos títulos – pois, desde a década de 1960, não ganha nenhum título de expressão –, é considerado como um segundo clube do torcedor carioca, todos o querem bem, o que o torna um clube com uma grande torcida. Algo similar acontece com o América Mineiro, que, apesar de não conquistar muitos títulos, é, por vezes, o segundo clube de muitos belo-horizontinos e mineiros. Tal fato, por exemplo, não ocorre com a Ponte Preta, já citada anteriormente, que nunca ganhou nenhum título de expressão estadual ou nacional, apenas títulos da cidade de Campinas e do interior de São Paulo e nem por isso é a queridinha ou segundo clube de ninguém. Ambos os Américas, assim como a Ponte Preta, sempre ascendem ou descendem de séries nos campeonatos que disputam. Estas colocações poderiam também ser explicadas pela teoria do “Apego Ferido”, colocada pelo crítico teatral e ensaísta Décio de Almeida Prado, que nos traz a ideia da derrota que não deve ser explicitada.

Outro fator preponderante em relação às torcidas e o futebol é que, assim como no Brasil, o rebaixamento é uma realidade para todos os times britânicos. Em oposição, como fator de importância, está a busca pelo título (ou, pelo menos, por uma boa colocação) no Campeonato Inglês, pois, assim, se torna possível participar da *UEFA Champions League*, a taça mais cobiçada entre todos os times europeus. Mesmo não ganhando o título inglês, os times ingleses podem participar de diferentes torneios num contexto europeu, como a *Europe League*, não tão prestigiada como a *Champions League*. Situação semelhante acontece no futebol brasileiro, já que todos os times buscam o título do Campeonato Brasileiro ou da Copa do Brasil para poder participar da Taça Libertadores da América, similar à *Champions*, sendo que ambas conferem vaga para a disputa do Campeonato Mundial Interclubes. Além da Libertadores, os times brasileiros melhor colocados podem também disputar outras taças, como a Sul-americana.

Para então tentar explicar o que acontece no futebol, não só dentro, mas também fora de campo, recorro ao dito popular “futebol não tem lógica”, evocado

nas mais variadas situações cotidianas pelos torcedores e por aqueles que, em geral, vivenciam o futebol. Concordo com o dito popular acima e, de um ponto de vista compartilhado por muitos profissionais e especialistas, as expectativas criadas no torcedor em torno dos resultados esperados em uma partida futebol e dos números estatísticos de seus times não condizem, em alguns casos, com a realidade daquela partida e das tabelas dos campeonatos.

O ato de torcer, então, torna-se cada vez mais complicado de se explicar. Questiona-se, assim, o ponto de partida dessa paixão do torcedor pelo time, sendo que este não lhes dá nada em retorno, em alguns casos não superam suas expectativas e, em diversas situações, apenas expõe o torcedor a um risco excessivo, principalmente quando da ida aos estádios.

Salientamos, aqui, que, para nosso entendimento em relação ao torcedor, ao que acontece dentro e fora do futebol e, ainda, de como essas relações influenciaram as identidades de nossos torcedores/autores, a questão da memória se faz presente mais uma vez. Nesse sentido, é importante identificar as representações do que Candau (2013) se referiu como “metamemória, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2013, p. 24).

Em relação à comparação que teceremos nesta pesquisa, entendemos que seria mais produtiva comparar as obras de Hornby ou de Farred com alguma que expressasse essa mesma paixão e trajetória de um torcedor no universo de times do Brasil, para trazermos a discussão para nosso país. Todavia, do nosso conhecimento, não conseguimos identificar esses elementos em nenhum livro que trate do amor do torcedor com seu time, descrevendo jogos e acontecimentos de vários anos consecutivos, traçando uma trajetória completa e escrita pelo próprio torcedor. Encontramos apenas obras que dão destaque a grandes conquistas de cada time, como, por exemplo, o Tricampeonato Mundial do São Paulo, a Libertadores do Atlético Mineiro ou a terceira Libertadores do Santos, entre tantos outros, mas escritos por jornalistas, que apenas narram o acontecido, nenhuma autobiografia esportiva com características semelhantes às das obras analisadas neste estudo.

Para ilustrar a relevância de uma comparação entre duas autobiografias

esportivas, menciono o estudo de Andrew C. Sparkes, *Sporting Heroes, Autobiography and Illness Narratives* (2009), no qual esse pesquisador do esporte faz uma comparação entre as autobiografias de Bob Champion e Lance Armstrong, duas estrelas esportivas. Apesar de muito distintas em relação à modalidade esportiva que cada um desses atletas praticava – um era jockey e o outro, ciclista –, suas trajetórias são muito próximas em suas lutas pessoais, contra a mesma doença, mais precisamente, câncer de próstata. Uma relação de proximidade importante também pode ser atestada na comparação entre Nick Hornby e Grant Farred: o ato de torcer fervoroso por seus times de futebol da Inglaterra.

Bob Champion, nos anos 1970, na Grã-Bretanha, era um dos cinco melhores jockeys da época. Mas, em 1979, ele foi diagnosticado com câncer de próstata. Nos anos 1970, pouco se sabia sobre o tratamento para esse tipo de câncer. Ele se curou e, quando voltou a correr em 1980, ganhou a famosa corrida *Grand National*. Em 1981, com a ajuda do escritor Jonathan Powell, publicou sua autobiografia intitulada *Champion's Story: A great human triumph*. Como exemplo, Sparkes nos mostra o texto de contracapa de *Champion*, em que se atesta a qualidade da obra, ressaltando aspectos específicos dela, isto é, o que a torna relevante:

A emocionante vitória do campeão em Aldaniti no *Grand National* dá ao livro o tipo de final de conto de fadas que normalmente é reservado apenas para sonhos. Antes que esse clímax inacreditável e inesquecível seja alcançado, uma história de coragem se desenrola. (...) Sua coragem diante da adversidade, a habilidade daqueles que o tratam e o amor e apoio de sua família são um exemplo magnífico para todos nós. (SPARKES, 2009, p. 13, tradução nossa).

Como objeto de comparação, quase vinte anos depois, em 1996, Lance Armstrong, que era o melhor ciclista do mundo, também foi diagnosticado com câncer de próstata. Muito já se sabia sobre a doença e seu tratamento naquela época, mas o caso de Lance era mais delicado, pois a doença havia se alastrado pelo pulmão e cérebro, o deixando com menos de 40% de chance de sobrevivência. Entretanto, ele também conseguiu se curar e voltar a competir, vencendo a famosa competição *Tour de France* em 1999. Em 2000, Armstrong, com a ajuda do escritor Sally Jenkins, publicou sua autobiografia intitulada *It's Not About the Bike: My Journey Back to Life*. Também como exemplo, Sparkes nos cita o texto da

contracapa da autobiografia de Armstrong:

A história de Lance Armstrong é extraordinária e inspiradora. Ele era um dos talentos mais precoces que o mundo do ciclismo já havia visto e estava a caminho de se tornar uma lenda do ciclismo. Quando, em outubro de 1996, ele foi diagnosticado com câncer de testículo no estágio quatro ... Contra todas as probabilidades, Armstrong respondeu ao tratamento e em fevereiro de 1997, ele recebeu alta ... Apenas dezesseis meses depois, ele entrou no Tour de 1999 e pedalou 2.500 km nos picos mais altos dos Alpes e dos Pirineus. Ele não apenas completou a corrida, mas ganhou - e no tempo mais rápido de todos os tempos. Esta edição inclui um novo capítulo que cobre sua sensacional vitória em 2000 no Tour de France. Completa uma história inspiradora de imensa coragem e vontade. (SPARKES, 2009, p. 114, tradução nossa).

Em seu estudo, Sparkes traça algumas comparações entre as duas autobiografias esportivas. Importante mencionar que ele nos explica que, em ambas, o modelo narrativo adotado pode ser considerado como próximo do romance. Contudo, temos uma visão um pouco diferente, já que ambas foram escritas por jornalistas com a ajuda dos atletas, o que me remete à ideia de serem mais ficcionais, pois a voz narrativa não é, exatamente, a voz do atleta, e sim a do escritor, já com suas interpretações e prováveis distorções. Entendemos que seja importante, em uma autobiografia, o fato de se ter a pessoa *que fala* sendo a mesma pessoa *de quem se fala*.

Na obra de Philippe Lejeune (2008), *O pacto autobiográfico*, o teórico francês, de modo generalizado, define a autobiografia como sendo uma narrativa em que encontramos unidas as três personas em uma única instância: o autor, o narrador e a personagem da obra. De início, essa ideia vai de encontro ao argumento dos psicólogos americanos Kenneth e Mary Gergen (GERGEN & GERGEN, 1993, p. 29-30), pois esses teóricos afirmam que a autobiografia surgiu da valorização do indivíduo independente, do que faz tudo sozinho, e não com ajuda alheia. Todavia, existem várias autobiografias esportivas de atletas famosos que foram escritas, justamente, com a ajuda de escritores, em geral, jornalistas. Para que possamos considerar uma obra como estritamente autobiográfica, ela precisa ser autêntica, escrita pelo próprio autor.

Nas duas obras que formam o corpus de análise desta tese, também temos textos interessantes nas contracapas, que endossam sua qualidade e importância. Por exemplo, na obra de Hornby, temos o texto escrito por Jim White,

do jornal britânico *The Independent*:

Para muitas pessoas, assistir futebol é um mero entretenimento; para alguns, é mais que um ritual; mas para outros, seus altos e baixos fornecem uma narrativa para a própria vida. Para Nick Hornby, sua devoção ao jogo forneceu uma das poucas constantes em uma vida em que coisas significativas – como crescer, sair de casa e formar relacionamentos, são parentais e românticos – raramente foram tão simples ou descomplicadas quanto ao seu amor pelo Arsenal. (WHITE, 2000, n.p, tradução nossa).

Outro exemplo se dá na obra de Farred. No texto da contracapa, escrito por Bill Murray, autor de *The World's Game: A history of soccer* e *The Old Firm: Sectarianism, Sport and Society in Scotland*:

Mais do que uma carta de amor para o seu amado Liverpool Football Club, esta é uma jornada para o presente, desde os primeiros anos de Farred como alguém desamparado pelo Apartheid da África do Sul, passando pela Argentina de Videla e Espanha de Franco até as docas de Liverpool. É uma jornada tanto espiritual quanto temporal por um fã que torce de longa distância, que lê como os últimos dias de Shankly (gerente do Liverpool), embora com o estilo e a sofisticação de um estudioso. (MURRAY, 2008, n.p, tradução nossa).

Mesmo sendo curtos, esses textos de contracapa nos dão garantia da importância, da seriedade e da autenticidade de cada uma das obras a serem estudadas nesta pesquisa. Justamente por esses motivos e por outros descritos acima, escolhemos as autobiografias de Nick Hornby e Grant Farred. Talvez pelo motivo que vislumbramos ser o principal: ambas foram escritas pelos próprios torcedores, sem intervenção de nenhuma outra pessoa. Arthur Frank (1995) corrobora a mesma ótica que aplicamos ao justificar a escolha das obras. Segundo o sociólogo canadense, “nota-se que a experiência pessoal é a verdadeira fonte de autenticidade, e que a única maneira de alguém entender esta experiência é tê-la vivido” (FRANK, 1995, p. 32).

Da mesma forma, em sua obra *O pacto autobiográfico*, Philippe Lejeune (2008) define autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14), sendo que o teórico ainda acrescenta que “um aspecto primordial para tal conceituação é a presença do pacto autobiográfico, ou seja, a comprovação de que o autor, narrador,

personagem principal se identificam” (LEJEUNE, 2008, p. 15), fato que realmente acontece nas duas obras aqui descritas. Esse suporte teórico de Lejeune é importante, pois é pertinente quanto a ampliar e embasar a discussão sobre o tema. Para Lejeune, existe um acordo implícito entre o autor e o leitor, no qual todos os sujeitos, como autor, narrador e protagonista são idênticos (LEJEUNE, 1989, p. 4 *apud* TAYLOR, 2013, p. 16). É importante que a pessoa que fala seja a mesma de quem se fala. Esse acordo está explícito fora do texto, mas presente no livro, no nome do autor, na capa, na folha de rosto e no narrador, ou seja, nos paratextos da obra.

Para além de serem textos autobiográficos, é importante salientar sua função junto à sociedade. Devido a certo caráter exemplar que assumem, autobiografias ensinam as pessoas como vencer situações difíceis, a aprender com seus ídolos, como interpretar diferenças e similaridades entre suas vidas e as vidas nelas ilustradas. Autobiografias são uma das mais importantes coleções de imagens e narrativas que criam o texto multifacetado do sujeito nela descrito, em sua exemplaridade.

Em sua reflexão sobre o texto multifacetado da autobiografia, Sparkes (2004, p. 17 *apud* TAYLOR, 2013, p. 3) avaliou a construção e a coexistência de identidades e “eus” múltiplos dentro de textos autobiográficos, as histórias individuais e temas para examinar autobiografias esportivas.

Nessa mesma linha de pensamento, a professora e escritora argentina Sylvia Molloy nos apresenta uma forma de definir o porquê da escrita do autobiógrafo. Tal definição ajuda o leitor a entender a fundo o que o autor da obra realmente quis dizer: “Uma vez que ele vive no livro que escreve e se refere à sua própria vida” (MOLLOY, 2003, p. 33), o autobiógrafo “escreve sobre suas primeiras lembranças, suas memórias, a encenação do espaço autobiográfico, isso porque o ato de escrever aparece como uma cena que subitamente confere sentido a toda a vida” (MOLLOY, 2003, p. 33).

Corroboramos a ideia de Coenga (2016, p. 4), ao dizer que as autobiografias de seu estudo partem da concepção de serem representações do ato de ler, e complementamos que as autobiografias desta tese partem da concepção do ato de torcer dos autores.

Baseando-nos nessas afirmações colocadas sobre autobiografias, acreditamos ser mais viável tecer uma comparação entre as autobiografias de Nick Hornby e Grant Farred, pois, além de ambos terem o futebol como tema, são torcedores ávidos, contam suas histórias individuais e apresentam variados “eus” em suas obras. Ademais, se encaixam perfeitamente nas categorias elencadas por Lejeune, que são: a forma da linguagem, expressa por uma narrativa em prosa; assunto tratado, a vida do autor e narrador, a vida individual, a história de uma personalidade; situação do autor, que seja a vida individual do autor e narrador, e cujo nome remeta a uma pessoa real; e posição do narrador, em que haja identidade do narrador e do personagem principal; e a perspectiva retrospectiva da narrativa (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Lejeune também nos premia com o problema de identidade nas autobiografias e nos fornece explicações e exemplos de como e quando a identidade pode ser identificada. Para o teórico, “a identidade de nome entre autor, narrador e personagem pode ser estabelecida de duas maneiras” (LEJEUNE, 2008, p. 14):

- *Implicitamente*, na ligação autor-narrador, no momento do *pacto autobiográfico*, e esse pode assumir duas formas:
 - Uso de *títulos* que não deixem pairar nenhuma dúvida quanto ao fato de que a primeira pessoa remete ao nome do autor (*História de minha vida, Autobiografia etc.*);
 - *Seção inicial* do texto onde o narrador assume compromisso junto ao leitor, comportando-se como se fosse o autor, de tal forma que o leitor não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato de que o “eu” remete ao nome escrito na capa do livro, embora o nome não seja repetido no texto.
- *De modo patente*, no que se refere ao nome assumido pelo narrador-personagem na própria narrativa, coincidindo com o nome do autor impresso na capa (LEJEUNE, 2008, p. 27).

No que pesem algumas ou todas as explicações dadas por Lejeune para o entendimento da identidade nas autobiografias, entendemos que ele quer dizer que a identidade ocorre por um desses meios, mas podemos perceber que, nas obras analisadas, ambos os meios são mobilizados. Utilizaremos esses meios no

decorrer do estudo das obras, tendo em mente que a principal característica para a confirmação da identidade que será por nós utilizada é a possível fidelidade aos fatos e, ainda, o modo como estes são enunciados.

Portanto, procuraremos encontrar semelhanças e diferenças entre o ato de torcer nos distintos âmbitos do futebol, nestes casos específicos, na Inglaterra, a partir de suas representações nas autobiografias de Nick Hornby e de Grant Farred. Como dito anteriormente, trataremos o ato de torcer como uma ação de lazer, pois não só iremos percorrer o percurso histórico e social de cada torcedor-narrador, mas também versaremos sobre o ato de torcer como um fenômeno cultural com várias nuances. Para tal, adotaremos por base Gomes (2011), que nos propõe o lazer não só como uma necessidade humana fundamental, mas também como uma produção cultural humana, que vem sendo satisfeita de múltiplas formas na vida do sujeito social. Afinal, se constitui nela, de acordo com “as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido, por isso, precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado” (GOMES, 2011, p. 33).

3.4 Procedimentos metodológicos

“Vidas esportivas ou ligadas ao esporte não são escritas em isolamento cultural. Vários modelos de construção e modos de contar história estão disponíveis para a prospecção dos autobiógrafos” (TAYLOR, 2013, p. 20).

Ao trabalharmos com autobiografias relacionadas ao futebol, seu valor como material de pesquisa acadêmica deve ser reconhecido. Para Joyce Woolridge:

A autobiografia do futebol, muitas vezes descartada como uma fonte estereotipada cuja qualidade e procedência incerta torna-a periférica, deve ser reconhecida como um dos principais tipos de evidências para o estudo das representações da imagem do jogador de futebol. (WOOLRIDGE, 2008, p. 620).

Esta tese não trabalhará com autobiografias de atletas ou celebridades, diferentemente do que é estudado por renomados pesquisadores e teóricos como Andrew C. Sparkes, Carly Stewart e Gary Whannel, entre outros. Trabalharemos com duas autobiografias esportivas relacionadas ao futebol, mas relativas ao

torcedor no futebol.

Como já colocado, a relação entre o ato de torcer e a tipificação dos torcedores de futebol, aqui problematizada, será abordada a partir da comparação do contexto histórico e de identidade entre duas autobiografias esportivas, *Fever Pitch*, de Nick Hornby, torcedor do Arsenal, e *Long Distance Love*, de Grant Farred, torcedor do Liverpool. Ou seja, haverá uma tangência dos Estudos do Lazer (torcer), com a História, Memória, Identidade e os Estudos Literários (autobiografia). Para Lejeune, “essas autobiografias nos oferecem a possibilidade de se conhecer e entender a instituição do esporte, para esta Tese, o futebol na segunda metade do século XX pelo ângulo de visão do jogador” (LEJEUNE, 2008, p. 45), sendo que nossa intenção é ter essa percepção principalmente pelo ângulo do torcedor. Torna-se interessante o estudo do torcedor, que está sempre no limiar entre seu clube vencer ou perder, pois, segundo o professor e pesquisador britânico Gary Whannel (2002), “a narrativa de figuras menos celebradas, se caracteriza pela oscilação entre o sucesso e a derrota, mas sem uma conclusão vitoriosa” (WHANNEL, 2002, p. 52 *apud* TAYLOR, 2013, p. 21).

A respeito desse tangenciamento entre áreas distintas, entendemos que a questão da rememoração seja pertinente, no sentido de escrita, pois, nesse sentido, o autor pode direcionar os objetivos de sua narrativa. O autor tenta ser mais fiel e diminuir equívocos e distorções. Sendo assim, podemos ter mais exatidão ao analisar os processos de uma autobiografia. O mesmo diz a acadêmica Mariana Souza:

[...] é preciso ter em mente que o trabalho de reapropriação do passado se apoia em resquícios a partir dos quais o processo de rememoração é realizado. Disso decorre a necessidade de conservar o passado sob forma de vestígios, relíquias, testemunhos, discursos, isto é, pistas que permitirão a evocação e reconstrução futura. São, pois, os propulsores do processo memorial, são eles que despertam a memória e fazem imergir as mais intensas imagens do passado. (SOUZA, 2014, p. 107).

A memória trabalha, então, na ordenação e na releitura dos resquícios do passado, o que se consolida numa construção narrativa desse passado, sendo, nesta pesquisa, a construção de autobiografias de torcedores e, conseqüentemente, de suas identidades.

Para a análise das obras, será feita uma leitura sistemática e um

fichamento objetivando encontrar detalhes na representação da memória do ato de torcer em cada um dos livros que sofram influência ou influenciem o torcer dos torcedores-narradores a fim de verificar a identidade de cada um. Dentro desse material fichado, pretendemos selecionar duas décadas apenas, as de 1970 e 1980, pois, nessas décadas, estão os principais momentos onde o contexto histórico de cada time e de vida de cada torcedor se cruzam dentro e fora do campo de futebol. Os autores, sem querer, nos dão uma possibilidade de interseção desses momentos. Dentro do contexto histórico dos times, essas décadas são as mais infrutíferas para o Arsenal, enquanto o Liverpool tem suas melhores décadas da história, e muito da formação de cada torcedor teria a ver com esse contexto.

A questão da autoria também será determinante. Como colocado anteriormente, essas obras são consideradas autobiografias e não biografias. Para tanto, além do *Pacto Autobiográfico* de Lejeune, explicado anteriormente para definir a autoria e a tríade de uma autobiografia, é interessante compartilhar também a diferenciação proposta por Taylor:

(...) podemos dizer que uma biografia é a história da vida de uma pessoa nas palavras de outra pessoa; ao passo que a autobiografia é a história de vida de uma pessoa contada em suas próprias palavras. Tipicamente a biografia é escrita em terceira pessoa e a autobiografia é escrita em primeira pessoa. (TAYLOR, 2013, p. 2).

Ressaltando que um dos principais fundamentos de uma autobiografia é a ligação que deve existir entre narrador, escritor e leitor, o professor e pesquisador britânico A. O. J. Cockshut nota que essa ligação se dá e se reflete nas fontes:

O material primário da autobiografia é a memória; mesmo quando autobiógrafos trazem documentos copiosos para a sua tarefa, o leitor estará ciente do autor da memória da carta que ele ou ela escreveu ou recebeu, e de seu poder de exclusão e escolha. O autobiógrafo não precisa mencionar nada ou ter vergonha de algo que entre em conflito com seus planos literários; diferentemente do biógrafo que pode ter a intenção de revelar ou não certas informações sobre o sujeito que ele descreve. (COCKSHUT, 2001, p. 78 *apud* SPARKES, 2015, p. 3).

Outro aspecto objetado aqui para validar a escolha e uso das duas obras selecionadas, e diferenciando-as das (auto)biografias de celebridades esportivas, é o fato de essas últimas seguirem uma receita pronta, que, de acordo com os

pesquisadores Bale *et al.*, Overman, Popkin e Whannel, pode ser assim descrita:

(...) limitados em sua forma expressiva, previsíveis em sua trama, de natureza estereotipada, superficial em conteúdo, banal e clichê, dominada por anedotas e fofocas, falta de análise e falta de visão humana, e economicamente impulsionada para o mercado jovem. (BALE *et al.*, 2004; OVERMAN, 2003; POPKIN, 2005; WHANNEL, 2002 *apud* TAYLOR, 2015, p. 5).

O sociólogo finlandês Jeja-Pekka Roos (1996) nos traz um referencial interessante para embasamento das autobiografias. Para ele, alguns tipos de autobiografias podem ser entendidos como “autobiografias reais”. Para tanto, o autor nos explica, ainda, o sentido dessa afirmação, dizendo que “(...) nenhum texto é inocente, independente de certos quadros teóricos, conceituais e textuais. Nada que descrevemos ou vemos no mundo, apenas é visto: interpretamos esta visão pela maneira atual de ver as coisas” (ROOS, 1996, p. 1 *apud* SPARKES, 2015, p. 8).

O fato de as autobiografias aqui analisadas não seguirem nenhuma receita pronta, não serem de celebridades esportivas, não estarem direcionadas ao mercado jovem, mas nos darem uma completa visão de como nossos autores viam a realidade ao seu redor e a descreverem através de seus olhares confirma a teoria de Roos de que essas são autobiografias "reais".

O conceito de "real" aqui utilizado, aliás, não significa que a obra estudada não contenha itens ficcionais, mas, sim, que seguiu os princípios de escrita de Lejeune, onde o autor, narrador e a personagem da obra estão unidos em um só. Toda autobiografia é pautada por elementos ficcionalizantes, decorrentes de escolhas próprias do autor e/ou da ajuda, em alguns casos, de um escritor ou jornalista, ou então de um *ghostwriter*. Dentro das escolhas do autor, temos os atos de lembrar e lembrar-se. Nessa dinâmica, a memória desempenha um papel determinante nas escolhas do autor, pois “pode ser provocada, criada, instituída ou efetivada nas lembranças de um determinado indivíduo” (HALBWACHS, 1990, p. 26 *apud* MARTINS, 2007, p. 4-5). O semiólogo francês Roland Barthes (1915-1980) ressalta que obras podem produzir “efeitos de real”, discursivamente marcados, mas que não se encerram em si mesmas, descerram novos sentidos e ampliam as possibilidades de produzir realidade (BARTHES *apud* TAYLOR, 2015, p. 13).

Enquanto reconhecemos que existe uma limitação histórica da memória,

nossa principal preocupação é a de explorar o potencial das autobiografias para localizar semelhanças e contradições no contexto histórico, nas partidas de futebol, e como cada uma desenvolveu seu lado torcedor. De antemão, destacamos que, diante da dificuldade de se acessar documentos históricos pertinentes à pesquisa, sobre os autores e as duas agremiações esportivas abordadas por eles, principalmente em razão da distância geográfica e de fontes fidedignas, acreditamos, em consonância com Melo; Drumond; Fortes; Santos (2013, p. 155), que “[...]o pesquisador deve recorrer ao maior número de fontes e arquivos que não sejam necessariamente ligados a agremiações”. Por exemplo, nesta tese, as duas obras em estudo, textos relativos a outros estudos sobre autobiografias e a história dos dois países em questão. Portanto, utilizaremos fontes ligadas apenas aos dois clubes e, em caso de necessidade de averiguação de alguma informação a respeito de um deles, recorreremos aos sites oficiais de cada clube, que são extremamente ricos e precisos em questão de datas, títulos, nomes de jogadores, tabelas, entre outros. São eles: <http://www.liverpoolfc.com/> do Liverpool e <http://www.arsenal.com/home> do Arsenal.

Isso se faz necessário, pois estudaremos e tentaremos comparar duas décadas da história do futebol desses clubes, mas sem deixar de lado mudanças nos aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais que nossos torcedores vivenciaram no decorrer desse período, em virtude da forte crise econômica, social e política na Inglaterra e do regime segregacionista do Apartheid na África do Sul. Importante também será identificar as mudanças temporais em relação ao futebol e a seus aspectos de espetacularização, sobretudo se considerarmos o futebol como um tipo de relação social que é mediada por imagens que falseiam a realidade do contexto histórico existente (DEBORD, 1997 *apud* LAGE, 2013, p. 17), onde as pessoas se orientam a partir de símbolos e significados sociais (BARTHES, 2009, p. 13.).

Outro aspecto que será estudado na comparação entre os livros é o das revoluções que aconteceram no futebol nas décadas de 1970 e 1980. Entre elas, o uso de cartões amarelos e vermelhos, a possibilidade de mais de uma substituição, a melhora no condicionamento físico dos jogadores, a profissionalização dos técnicos e dirigentes e, algo que exerce certa influência direta sobre nossos

torcedores, o aumento de jogadores negros nos clubes ingleses. Será importante traçar um paralelo de como esses aspectos agem direta ou indiretamente em cada um dos dois. Pode-se dizer, então, que as décadas propostas para estudo nos apresentam uma mudança que nos traz um novo futebol. Outras mudanças se referem ao uso da tecnologia. Durante a Copa de 1970, iniciaram-se as transmissões ao vivo de futebol em cores, pois, desde 1954, já existiam transmissões ao vivo, mas em preto e branco para a televisão. Contudo, o futebol passa a receber um novo olhar, de que, além de esporte de massa, ele poderia ser utilizado como espetáculo.

Essa estrutura do futebol de espetáculo será aqui compreendida a partir do entendimento de nossos torcedores, que, ao participarem das partidas, se tornam os principais atores nesse contexto social, político e cultural, dentro das obras. Esses atores sociais “[...] estão diretamente envolvidos com algum ganho de natureza material [...]” (TOLEDO, 2000, p. 6) e também algum ganho de natureza social, cultural e político ao comparar-se a outros torcedores, pois esses ganhos foram marcantes para cunhar suas personalidades.

Dentro desse contexto social, o historiador e pesquisador britânico Jeremy Popkin (2005) nos traz a noção da necessidade de se ter a subjetividade expressada nas autobiografias por pessoas que não sejam necessariamente os atletas. Para ele: “um aspecto diferenciador é o que é escrito por jornalistas, historiadores, sociólogos e outros (aqui cito os dois torcedores/autores) que não estão dentro das quatro linhas” (POPKIN, 2005, p. 3 *apud* TAYLOR, 2015, p. 11).

Continuando na mesma estrutura do futebol espetáculo, do contexto histórico social e para entendermos mais o torcedor que está em questão, durante a comparação, tentaremos buscar elementos acerca de como a vida e o lazer de nossos torcedores foram ou não influenciados pelo que acontecia ao seu redor, como, por exemplo, o que diziam os comentaristas, jornalistas e pessoas ligadas ao futebol. Nosso intuito é tentar confirmar a tese de Toledo, de que “especialistas midiáticos” impõem ao universo futebolístico espetacularizado sua própria visão de mundo, seus signos, sua identidade cultural e política, e de como, naquela época, atuaram diretamente sobre esses torcedores (TOLEDO, 2000, p. 48).

É de extrema importância entender como se desenvolveu o pertencimento

clubístico para ambos os torcedores, sua identidade com o clube e questões sociais que engendram esse complexo sentimento que é o de torcer no futebol. Em consonância com Damo:

[...] como uma identidade cultural urbana pautada na adesão afetiva de um indivíduo a uma agremiação esportiva, motivada por um complexo sistema simbólico que envolve afinidades e diferenciações historicamente inventadas e emprestadas de outros espaços sociais, como os familiares, de gênero, religiosos e, no caso brasileiro, de classe, territoriais e étnicos – para não dizer “raciais” –, conformando, assim, comunidades de sentimentos locais responsáveis pela produção e circulação de emoções relacionadas ao futebol. (DAMO, 2007, p. 48).

Dessa forma, nossa pesquisa será desenvolvida, basicamente, em termos bibliográficos e terá um caráter comparatista e interdisciplinar. Os estudos de Literatura Comparada, Antropologia, História, entre outros, nos possibilitarão a análise das obras sob novos aspectos. Entre eles, contam a busca de similaridades e de diferenças na forma de torcer, as aproximações do contexto histórico e a reconstrução do passado para o presente e futuro, objetivando a análise tanto em seu contexto histórico como literário.

Usaremos, para efeito de entendimento e análise das autobiografias, o *Pacto Autobiográfico* de Lejeune e todas as características de autobiografias por ele elencadas. Entendemos, assim como Lejeune, que “existe uma dupla ambiguidade constituindo a autobiografia: entre o particular e a generalidade, entre a expressão de uma subjetividade e o prosaísmo” (LEJEUNE, 2008, p. 10). Essa ambiguidade também é posta por ele ao dar sentido ao termo autobiografia.

A palavra autobiografia possui tanto um sentido escrito – um relato de vida centrado na história da personalidade – como um sentido amplo – toda forma de escritos em que se fala de si diretamente (tanto diário íntimo ou as memórias como a autobiografia propriamente dita, ou mesmo todo escrito no qual o leitor supõe que o autor transpõe sua experiência pessoal). (LEJEUNE, 2008, p. 10).

Frente a outras considerações, as pesquisadoras e teóricas americanas Smith e Watson (2010) argumentam que “identificar a diversidade dos atos autobiográficos, tanto na contemporaneidade como historicamente, é essencial para uma leitura mais sutil dos textos” (SMITH E WATSON, 2010, p. 218 *apud* SPARKES, 2015, p. 21). As pesquisadoras tentam entender cada estudo autobiográfico de

acordo com seu assunto, seja ele: “guerra, prisão, doenças (como é o caso aqui colocado na comparação de Sparkes sobre Armstrong e Champion), viagem” (SMITH E WATSON, 2010, p. 218 *apud* SPARKES, 2015, p. 21), entre outros. No nosso estudo, trataremos da análise do ato de torcer como possibilidade de lazer nas duas obras.

Retomando algumas considerações de Lejeune, vários são os tipos de abordagem possíveis quando se toma a autobiografia como objeto de estudo – abordagem histórica, antropológica, psicológica e literária, por exemplo. Concordamos com Lejeune e daremos um passo além. Como faremos uma comparação entre duas autobiografias, várias abordagens possíveis serão utilizadas. Ao tratarmos de um fato datado nas duas obras, faremos uma abordagem histórica; por sua vez, ao lidarmos com a relação com outros torcedores e pessoas, uma abordagem antropológica; e assim por diante.

Para todas as abordagens utilizadas, teremos em mente os principais critérios estabelecidos por Lejeune para caracterizar o pacto autobiográfico. Sendo: a presença de um pacto evidente com o leitor, que segue um relato retrospectivo em primeira pessoa do singular e a identidade nominal entre autor, narrador e personagem. Pois, para Lejeune, e para efeito de nossa análise, o pacto se dá quando existe “o engajamento do autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade” (LEJEUNE, 2008, p. 45).

Outro fator preponderante para o entendimento da autobiografia é considerá-la como um discurso que apresenta o texto como um relato da história da personalidade de seu autor. Portanto, juntamente com as teorias de Lejeune, usaremos essa afirmação para podermos distinguir a autobiografia de um texto ficcional. Quanto a isso, Lejeune afirma que:

O autobiógrafo deve executar esse projeto de uma sinceridade impossível, servindo-se de todos os instrumentos habituais da ficção. Ele deve crer que há uma diferença fundamental entre autobiografia e a ficção, ainda que, na verdade, para dizer a verdade sobre si mesmo, ele empregue todos os procedimentos de seu tempo (LEJEUNE, 1998, p. 17 *apud* COELHO PACE, 2012, p. 57).

Portanto, ao compararmos duas autobiografias esportivas, contendo um

contexto histórico verdadeiro, datado e comprovado por outras fontes, tomaremos como verdade os relatos pessoais das duas obras para efeito de comparação. Para Lejeune, “o autobiógrafo coloca em cena seu passado, desdobrando-se em narrador e personagem do relato que escreve” (LEJEUNE, 2008, p. 59). Nesse movimento, “o narrador estabelece relações com seu personagem (com as lembranças e com sua figura do passado) e consigo mesmo (com a escrita no presente)” (LEJEUNE, 2008, p. 59). Diante dessa colocação, para a acadêmica e estudiosa das obras de Lejeune, Ana Amélia Coelho Pace, “duas posições se alternam, se completam e não se excluem, a proximidade e o distanciamento” (COELHO PACE, 2012, p. 62). A autora expõe as suas posições da seguinte maneira:

Ao intensificar a proximidade, o narrador garante a identidade entre o *eu* do presente e o *eu* do passado: buscando as origens da situação atual, reconhecendo as fontes de sua personalidade, ele busca momentos decisivos, que demonstrem a continuidade de sentimentos, a intensidade das lembranças. Em postura contrária, o narrador se situa distante em relação aos fatos vividos por ele; sua preocupação é explicar, justificar, sob o olhar do presente suas ações do passado. (COELHO PACE, 2012, p. 62).

Partindo dessas colocações e tendo, num primeiro plano, as circunstâncias e motivações do ato de escrever por cada um dos autores, as posições opostas colocadas por Coelho Pace nos ajudarão a reconhecer a dinâmica de cada um dos autores na sua escrita e nos possibilitará a identificação entre autor, narrador e personagem em cada obra.

Dentro do pacto de Lejeune, entendemos, do mesmo modo, que as identificações entre autor, narrador e personagem, importantes para o pacto com o leitor, devam ser “verdadeiros para quem escreve o texto” (LEJEUNE, 2008, p. 33), pois, assim, assinam um contrato de credibilidade dos relatos ali contados, das suas relações pessoais com seu eu, possibilitando diferentes abordagens de leitura ao leitor e ao pesquisador.

Pretendemos utilizar, além do *Pacto Autobiográfico* de Lejeune, as mesmas teorias de análise de narrativas empregadas por Sparkes (2015) na comparação entre as autobiografias de Lance Armstrong e Bob Champion. Sparkes se utiliza da teoria de narrativa temática, principalmente no caso de doenças difundidas pelo sociólogo da saúde americano Arthur W. Frank (1991, 1995 e 2002),

para ilustrar todo o processo em que os dois atletas se cuidam antes do câncer ser diagnosticado e como eles lidam com o tratamento e a cura da doença. Sparkes também se utiliza de outras teorias de narrativa, como a estrutural e a de conteúdo, para explicar o contexto histórico e formatar a interpretação de eventos. Para tanto, ele se baseia no livro de Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber, *Narrative research* (1998).

O fato de escolhermos, para o nosso *corpus*, textos com viés autobiográficos se configura, em nossa opinião, como um aspecto positivo em relação ao trabalho de comparação. Nesse sentido, os jogos de futebol não serão apenas disputas esportivas, mas espaços de relações pessoais e culturais, onde se articulam o escritor/torcedor/autobiógrafo e onde encontram seu lugar dentro de um determinado contexto histórico-identitário.

Esperamos que, no corpo desta tese de comparação entre autobiografias, um novo texto surja e circule. Entendemos que as obras aqui analisadas, ao mesmo tempo exercem e sofrem influência dos estudos em autobiografia. Quanto a isso, o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov nos apresenta este raciocínio:

[...] cada obra modifica o conjunto dos possíveis, cada novo exemplo muda a espécie, mais exatamente, reconhecemos a um texto o direito de figurar na história da literatura ou na da ciência se ele traz uma mudança na ideia que se fazia até então, de uma atividade ou outra (TODOROV, 1970, p. 10 *apud* COELHO PACE, 2012, p. 52).

Encerrando as considerações deste capítulo, evidenciamos que os autores e as obras em estudo apresentam características dialógicas quando abordam a questão do torcer como atividade de lazer. Verificamos, ainda, que os elementos aqui apresentados nos fornecerão o embasamento teórico para que possamos dar prosseguimento à tese e aos capítulos seguintes.

4 MUDANÇAS NO ATO DE TORCER

“Há uma qualidade que os fãs de futebol reivindicam por si mesmos e a usam como um distintivo de honra. Essa qualidade é lealdade. Todo fã de futebol é um homem de clube único. Você pode trocar de emprego, mudar de casa, mudar de esposa, mas nunca muda de time de futebol. Sua lealdade original ao futebol pode ser um acidente de nascimento, mas você está preso a ela”.

(CROWTHER⁵, 2006, p. 26 *apud* MILLWARD, 2011, p. 49)⁶

O estudo sobre autobiografias, memória e identidade apresentado no capítulo anterior já nos permite tecer uma comparação entre as obras de Nick Hornby e Grant Farred, iniciando este capítulo com algumas considerações sobre o estudo.

Como buscaremos a comparação entre as obras, tomaremos por base a definição de dialogismo que vem sendo citada desde Montaigne em seus *Ensaio*s do século XVI, quando o pensador já dizia que “todo texto se constrói de outro texto” (MONTAIGNE, 1972⁷ *apud* MACIEL, 2011, p. 141), pois o que buscamos fazer nesta comparação é a construção de um novo texto. Além disso, o pensador usou, já como forma autobiográfica, um “ensaio a si mesmo”: Montaigne faz do próprio eu seu objeto, realizando uma análise livre e crítica da sociedade e da cultura da época. Pressupostos que integrarão a comparação entre as obras.

A professora e pesquisadora Ana Amélia Maciel nos aponta que, para uma comparação efetiva, não devemos “considerar apenas o texto como base, como também sua relação com o contexto histórico-cultural” (MACIEL, 2011, p. 142). Para tanto, usaremos esse mesmo conceito para traçarmos nossa comparação, isto é, utilizaremos o texto como base, mas, a fim de chegarmos a uma comparação efetiva, lançaremos mão de utilizar o contexto histórico-cultural das décadas de 1970 e 1980, nosso recorte temporal das obras.

⁵ Crowther, P. **Our Club Our Rules**: F.C. United of Manchester. Manchester: Lulu Books, 2006.

⁶ Originalmente: *There is one quality that football fans claim for themselves and wear it as a badge of honour. That quality is loyalty. Every football fan is a one-club man. You can swap jobs, move houses, change wives, but you never change your football team. Your original football allegiance may be an accident of birth, but you are stuck with it.* (CROWTHER, 2006, p. 26).

⁷ Montaigne, M. **Ensaio**s. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Neste capítulo, tomando por base as obras que formam o corpus de análise da presente pesquisa, daremos início à comparação entre as trajetórias de Nick Hornby e Grant Farred, desde a infância, traçando semelhanças e diferenças de como o gosto pelo futebol se desenvolveu e, ainda, como se tornaram torcedores de seus times em particular. Valer-nos-emos das coincidências e curiosidades que, além de fazer parte do universo do futebol para os dois, também os diferenciam entre si.

Uma questão que prevalece na dualidade entre os dois está em suas classes de origem. Enquanto Grant tem sua família como classe trabalhadora, mas na África do Sul e durante o regime do Apartheid; Nick vem de uma família de classe média, na Inglaterra, que passava também por momentos socioeconômicos e políticos conturbados.

Na análise comparativa aqui proposta, como já mencionado, partiremos de sua tenra idade até meados de sua adolescência, quando ambos, Grant e Nick, dão uma guinada em suas vidas. Na sequência, teceremos a comparação entre os dois torcedores já em sua fase adulta. Relembramos que Nick Hornby vivia em Londres, mesma cidade do Arsenal, enquanto Grant Farred vivia na África do Sul, em pleno regime do Apartheid. Além disso, era um garoto negro torcendo pelo Liverpool, um time reconhecido por não permitir jogadores negros em suas equipes naquele momento.

Observamos ser importante apontar para a estruturação das duas obras antes de compará-las. A narrativa de Grant Farred segue uma lógica baseada na tortuosidade temporal, pois, ao ser demarcada por oito artigos análogos e distintos entre si, é possível perceber certos recuos e avanços no tempo que permeiam toda a narrativa. Grant, dentro de um mesmo parágrafo, narra um momento de sua infância, momentos futuros, como adulto, volta para sua juventude, e, em todos os casos, tendo não só o futebol e o modo de torcer como assunto predominante, mas também abordando questões políticas e sociológicas.

Sob a mesma lógica, identificamos que a narrativa de Nick Hornby está baseada na linearidade temporal. Ela consiste em 75 crônicas autobiográficas, divididas em três partes – a primeira vai dos 11 aos 18 anos (1968-75), a segunda vai dos 19 aos 29 anos (1976-86) e a última vai dos 29 aos 35 anos (1986-92). Cada

parte possui uma média de 23 textos (respectivamente, 23-29-23). Entre tantos textos, apenas três se referem à seleção inglesa de futebol, o que nos parece um fato interessante, pois, de modo contrastante, Grant se refere à seleção inglesa por várias vezes, especialmente para citar as performances de seus ídolos do Liverpool.

Nesse cenário, um elemento constituinte da identidade dos dois acontece no que Pollak (1992, p. 202) chama de “memória familiar”. Para o autor, “a memória familiar é o primeiro recurso de que o sujeito se vale. É onde o indivíduo encontra seus primeiros referentes, lembranças íntimas e memórias herdadas” (POLLAK, 1992, p. 202).

Dessa forma, podemos entender que Nick Hornby, enquanto torcedor do Arsenal, não apenas traduz o estilo de jogo do clube, como também estabelece diferentes estilos de torcer como atividades de lazer. Ao longo da narrativa que localiza o futebol em sua vida, Nick trabalha essencialmente com dois elementos, como nos aponta Lise: “o envolvimento febril e sofrido com o Arsenal; e a aversão a algumas formas de torcer – aqueles que só comparecem ao estádio quando o clube está em boa fase e os hooligans, que sequer são considerados torcedores pelo autor” (LISE, 2018, p. 63).

Observamos que Grant Farred, enquanto torcedor do Liverpool, desenvolve em maiores particularidades o estilo de jogo do clube, pois foca um pouco mais em alguns jogadores específicos, que, para ele, são deuses do futebol. Diferentemente da narrativa de Nick, Grant trabalha com outros elementos, como dito por Stefan Szymanski⁸: “uma obsessão de torcer pelo esporte conduzida em diferentes continentes e que nos mostra como o torcer no futebol transcende e incorpora a política” (FARRED, 2008, n.p).

Uma relação não contada nas obras, mas que poderia, de alguma forma, ter influenciado o modo de torcer e o torcer pelos times é a questão religiosa.

Enquanto o Arsenal tem forte ligação desde sua fundação com a Igreja Anglicana, igreja fundada por Henrique VIII; o Liverpool, assim como a torcida e a cidade, é dividido entre protestantes Anglicanos e uma minoria católica. Fato corriqueiro, não fosse Nick ateu e Grant católico. Enquanto Nick não tem nenhuma ligação religiosa com Arsenal, Grant praticamente também não a tem com o

⁸ Referência na contracapa do livro de Farred.

Liverpool, pois pertence a uma família católica, sendo que o catolicismo é praticado por menos de 10% da população sul-africana – majoritariamente protestante. Diante disso, é evidente que nenhum dos dois tem qualquer ligação religiosa com seus respectivos times.

Quanto a esse assunto, é interessante trazer à tona que a questão religiosa para com os times ingleses tem um caráter muito sério. Como exemplo, está o time escocês, Rangers, da cidade de Glasgow, que, até o ano de 1987, nunca teve um católico em todo seu elenco ou na comissão técnica. Apenas protestantes.

Podemos concluir, então, que não foi a questão religiosa que fez com que nossos torcedores seguissem seus caminhos, pelo contrário. Por outro lado, podemos facilmente perceber em várias passagens nas obras, que, como qualquer torcedor obsessivo e fanático por seu clube, eles recorrem a uma força superior para pedir vitórias e questionam essa força nas derrotas.

4.1 O início de tudo: da infância à adolescência

*LP – You'll never walk alone vs AR – We're on your side*⁹

Neste subcapítulo, procuraremos tecer possíveis comparações dialógicas entre as obras escolhidas como nosso objeto de estudo, não apenas em relação aos conceitos de autobiografia e memória aqui estudados, já que observamos que as referidas obras também diferem na forma de sua definição, como explicaremos a seguir.

Sendo assim, durante nossa comparação, analisaremos de que modo a memória e a literatura auxiliam na construção da forma das obras. Acreditamos que esta tese poderá nos dar respostas a alguns questionamentos, tais como o da professora e pesquisadora Natasha Santos Lise, que indaga: “de que forma a memória de um sujeito, junto à estética literária utilizada por este, auxiliam na construção de um elemento coletivo e passível de reverberação?” (LISE, 2018, p.15).

⁹ Cânticos das torcidas do Liverpool “Vocês nunca estarão sozinhos” vs do Arsenal “Nós estamos com vocês”, interessante por serem muito parecidos e entoados nos estádios para dar apoio aos times.

No primeiro questionamento sobre ir a um jogo de futebol, Nick respondeu ao seu pai: “Eu não tenho interesse no futebol” (HORNBY, 2000, p. 7), mas, curioso, assistiu àquele jogo pela televisão.

A primeira vez a gente nunca esquece, como diz o ditado popular. E assim aconteceu com Nick Hornby. Em 1968, após muita insistência de seu pai para que fossem a Highbury para assistir a um jogo de futebol, ele aceitou e ficou maravilhado com toda a experiência. “– Meu pai tentou de novo com o futebol naquele setembro de 1968 e deve ter ficado surpreso quando eu disse que sim. Eu nunca havia dito sim a nenhuma sugestão dele, embora raramente dissesse não”¹⁰ (HORNBY, 2000, p. 8).

Em passagens anteriores, contei sobre a minha própria experiência, quando fui, pela primeira vez, ao jogo do São Paulo. Assim como aconteceu comigo, Nick Hornby também não se lembrava muito daquele primeiro jogo, apenas que a partida se deu entre o Arsenal e Stoke City em setembro de 1968 e que seu time havia vencido por 1x0 num gol de rebote, numa batida de pênalti. Disse ele: “– Não lembro muito do futebol naquela tarde.”¹¹ (HORNBY, 2000, p. 10).

Outra parte das lembranças que tinha do jogo, que, pare ele, eram mais significativas, se referia ao ambiente em si. Num truque da memória que permite ver algumas coisas claramente, ele se lembrava das pessoas fumando charuto e cachimbo, do vocabulário vulgar e o volume que era usado pelos outros torcedores. Também marcou a quantidade massiva de torcedores, aproximadamente 20 mil. Por ter sido a primeira vez no estádio, essas memórias permanecem em qualquer torcedor.

Nick era um garoto de classe média, frequentava uma ótima escola e tinha pais recém separados. Tudo isso teve relação com o fato de se apaixonar por futebol da forma como aconteceu. Como ele diz: “E eu me pergunto quantos outros torcedores, se examinassem as circunstâncias que levaram à sua obsessão,

¹⁰ Originalmente: “*My father tried again with the football that September in 1968, and he must have been amazed when I said yes. I had never before said yes to any suggestion of his, although I rarely said no either.*”

¹¹ Originalmente: “*I don't recall much about the football that first afternoon.*”

poderiam encontrar algum tipo de drama freudiano equivalente?”¹² (HORNBY, 2000, p. 9). Podemos perceber que a escrita de Nick é repleta de questões referentes ao uso da memória, pois, aqui, nesse trecho em particular, ele está, no momento da escrita, vários anos depois, se referindo a uma situação que ocorreu no passado, mas com reverberações nos anos seguintes.

Nick estava perplexo com os sentimentos dos torcedores no estádio. Ele só percebia a raiva em todos, que, de repente, se transformava em silêncio absoluto e, novamente, em raiva. Ele entenderia, então, que esse seria o sentimento prioritário em sua vida e de todos os torcedores. Afinal, como ele mesmo diz, “... que o estado natural do torcedor de futebol é o de sofrer decepção amarga, não importa qual seja o placar”¹³ (HORNBY, 2000, p. 12). Nick compara o entretenimento com a ida ao cinema. As pessoas se emocionam, choram, mas ele nunca havia visto os rostos de alguém no cinema se contorcerem de raiva, desespero ou frustração. Entretenimento como sinônimo de dor, assim como é o futebol, era novo para ele e assim o seria até os dias de hoje.

Como curiosidade, Nick se apaixonou pelo futebol e pelo Arsenal em sua primeira ida ao estádio, no jogo e na vitória por 1x0 contra o Stoke City. Time este, o Stoke City, que se tornará o segundo time de Grant, já criando um ponto de atrito entre os dois autores aqui analisados. Quanto a “segundo time”, cremos que todos os torcedores tenham um segundo time, assim como colocado anteriormente sobre os Américas. É um time pelo qual o torcedor nutre algum sentimento, alguma simpatia, mas que não é o seu time do coração propriamente dito.

Em contrapartida, o mesmo não aconteceu com Grant. Isto é, ele não iniciou sua paixão pelo Liverpool indo ao estádio, mas apenas lendo reportagens sobre o time com, pelo menos, uma semana de diferença/atraso. Nem por isso ele tem dúvida que, desde o início, e sem influência de algum familiar, já era um autêntico torcedor do Liverpool. “--Não tenho dúvida de que compartilho minhas fantasias irrealizáveis com muitos fãs do Liverpool FC, uma comunidade cujas

¹² Originalmente: “*And I wonder how many other fans, if they were to examine the circumstances that led up to their obsession, could find some sort of equivalent Freudian drama.*”

¹³ Originalmente: “*... that the natural state of the football fan is bitter disappointment, no matter what the score.*”

fileiras ingressei quando jovem em fevereiro de 1970”¹⁴ (FARRED, 2008, p. 27).

Apesar de acompanhar o Liverpool por reportagens, Grant, incrivelmente, só veio a assistir a um jogo de seu time – nem sequer ao vivo como Nick, mas pela televisão – em 1977, sete anos após o início de sua paixão. Nas palavras de Grant:

[...] A importância do meu sonho é, antes de mais nada, que a maioria das minhas lembranças do Liverpool, todas as minhas lembranças, toda a minha narrativa sobre esse clube de futebol inglês, nasceram e foram nutridas sem o benefício de nunca ter visto meu time jogar. Não até maio de 1977, quando os vi pela primeira vez em uma partida na televisão, a final da FA Cup contra o Manchester United no Estádio de Wembley.¹⁵ (FARRED, 2008, p. 30).

Por tudo isso, podemos perceber que os dois autores, no início de suas jornadas como torcedores, contemplam não só elementos atrelados às suas personalidades, mas que também aparecem fortemente conectados ao torcer como lazer. E, desde aí, já nos apontam para as diferenças no modo de torcer de cada um.

Em contrapartida, pelo menos no caso de Grant, há uma contradição entre sua história e o que defendem alguns pesquisadores, como Taylor. Taylor diz que: “os indivíduos são socializados para adotarem um time de futebol pela família” (TAYLOR, 2013, p. 7).

Notamos que ambas autobiografias se iniciam com um elemento fundante apontado por Lejeune, sendo ele a relação de identidade entre *o autor, o narrador e o personagem*. Percebemos, ainda, que se encaixam em outra condição também já apontada por Lejeune, quando diz: “Uma autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

De acordo com Lise, “nesse sentido, apesar de Hornby contemplar elementos de sua personalidade, estes aparecem fortemente atrelados ao esporte;

¹⁴ Originalmente: “*I have no doubt that I share my unfulfillable fantasies with many a Liverpool FC fan, a Community whose ranks I joined as a young boy in 1970.*”

¹⁵ Originalmente: “*The salience of my dream is, rather, that most of my Liverpool recollections, all my memories, my entire narrative about this English football club, were born and nourished without the benefit of ever having seen my team play. Not until May 1977, anyway, when I first saw them in a televised match, the FA Cup final against Manchester United at Wembley Stadium.*”

como se tratasse de apenas uma faceta da vida – a de torcedor” (LISE, 2018, p. 64). O que de certa forma também se pode dizer sobre Grant, já que ambos nos apresentam uma “faceta da vida – a de torcedor”, mas com uma pequena diferença. Enquanto Nick foca mais no torcer por torcer, Grant foca mais no torcer político, pois sua capacidade de torcer está atrelada às questões políticas da África do Sul e do próprio Liverpool.

Ao tratarem da identidade familiar, ambos os autores aqui estudados se assemelham na forma como apresentam suas famílias. Assim, como afirmado por Lise, pode-se pensar em memórias do “torcedor Nick Hornby” (LISE, 2018, p. 63) e por que não do “torcedor Grant Farred”, que, embora sejam também filhos, maridos, pais e escritores, tudo isso apenas flutua na narrativa. Em outras palavras, pela leitura dos livros, não sabemos sequer o nome de seus pais ou mães, ambos citam os avós, mas sem dizer nem mesmo seus nomes. Sabemos apenas que Nick tem uma irmã chamada Gill e um meio irmão Jonathan, enquanto Grant cita apenas o nome do seu irmão Glenn, o que, como exposto por Lise, está “contrariando, de certa forma, o modelo mais comum de falar sobre a própria vida” (LISE, 2018, p. 63).

Ainda sobre a infância e costumes desse período, fato interessante, e similar ao que acontecia no Brasil,¹⁶ é que os torcedores jovens do Arsenal receberam da organização, em um determinado jogo, um álbum de figurinhas. Diferentemente do Brasil, elas não eram atreladas a nenhuma campanha empresarial, mas que, sem sombra de dúvida, operavam, como colocado por Nick, “como um fator crucial para a socialização na escola” (HORNBY, 2000, p. 14), isto é, significavam uma forma de fazer novos amigos. Tudo isso se tornou um fator muito

¹⁶ O primeiro registro de álbum de figurinhas colecionáveis de seleções no Brasil é da **Copa de 1950**, sediada aqui no nosso país. O álbum foi idealizado pela indústria de balas e chocolates *A Americana Ltda.* e os livretos contavam com duas versões: a vertical e a horizontal, com todas as seleções participantes. Os criadores do álbum tiveram a feliz ideia de atrelar o álbum de figurinhas ao que a empresa comercializava: balas. Ao invés de comprar pacotinhos com um número determinado de figurinhas, como é feito hoje, os cards vinham como brindes nas balas. Daí o nome “Balas Futebol! Craques do Campeonato Mundial de Futebol 1950 – Brasil”. Disponível em: <<https://blog.keydesign.com.br/album-de-figurinhas-da-copa/#:~:text=Os%20pioneiros&text=O%20primeiro%20registro%20de%20%C3%A1lbum,com%20to das%20as%20sele%C3%A7%C3%B5es%20participantes>>. Acesso em 24 ago. de 2020. Por outro lado, a primeira coleção de figurinhas de esporte de que se tem notícia no Brasil surgiu em 1919, com as Balas Sport. Produzidas pela *Grecchi & Cia.*, fábrica paulistana de doces, ostentavam em sua coleção Amílcar Barbuy, jogador do Corinthians e da seleção brasileira que conquistou o Sul-Americano do mesmo ano. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/exhibit/yQlyNecVT9T5Lw>>. Acesso em 28 set. de 2020

importante para Nick, pois ele era o único torcedor do Arsenal na sua série. Como ele diz: “Não como surpresa, eu era o único torcedor do Arsenal no primeiro ano”¹⁷ (HORNBY, 2000 p. 14) e, assim, trocando figurinhas, poderia fazer amizade com torcedores de outros times.

Para Grant, por sua vez, o fator de socialização era jogar futebol com seus amigos da escola e, depois de algum tempo, conversar sobre o futebol inglês com aqueles que, assim como ele, torciam por algum time inglês e não da África do Sul. Fato curioso também acontecera com ele, que era o único torcedor do Liverpool entre seus colegas de escola e que usava esses momentos de socialização para uma discussão sobre futebol, deixando de lado, mesmo que por alguns momentos, os problemas gerados pelo Apartheid e de raça. Quanto a isso, é interessante nos debruçarmos sobre o seguinte trecho do seu livro:

Em justas verbais na cidade com meus amigos do Arsenal, do Spurs e do Manchester United, suspendemos o debate sobre raça quando nos referíamos a nossas equipes ou seus apoios a elas e meu LDL (Long Distance Love), fato de ser um torcedor satélite.¹⁸ (FARRED, 2008, p. 54).

Nesta fase inicial da pesquisa e por tudo o que vimos até aqui, podemos descrever Nick usando a tipificação oferecida por Giulianotti como um “fã apenas”. Isto é, aquele que “estabelece uma forma de intimidade ou de amor pelo clube ou por seus jogadores, mas esse tipo de relação é unidirecional em suas afeições” (GIULIANOTTI, 2012, p. 21) e que irá mudar com o passar dos anos, jogos e resultados do Arsenal. E, para Grant, a definição que mais se aproxima à sua trajetória até aqui é a de um “flâneurs”, aquele que “adquire uma identidade pós-moderna de torcedor através de um conjunto despersonalizado de relacionamentos virtuais” (GIULIANOTTI, 2012, p. 21), pois ainda só tem notícias do Liverpool através da mídia.

Nas páginas 16 e 17 do seu livro, Nick descreve que ele considera sua relação com o Arsenal muito pessoal, mas que o Arsenal só tinha alguma importância quando jogava em Highbury e caso ele estivesse no estádio. Conta,

¹⁷ Originalmente: “*Unsurprisingly, I was the only Arsenal supporter in the first year.*”

¹⁸ Originalmente: “*In verbal jousts in the townships with my Arsenal, Spurs, and Manchester United friends, we suspended the debate about race when it came to our teams or their support and my LDL.*”

ainda, que pouco se importava com o Arsenal quando o time jogava fora, independentemente dos resultados desses jogos. A única exceção, contudo, era quando o time jogava fora pela FA Cup, que, para ele, era uma liga à parte.

Dando luz ao que Lejeune nos apresenta como indicadores da autobiografia – sejam eles o uso de 1ª pessoa, relação entre autor, narrador e personagem, e a forma que irá permear o restante da obra –, Nick conta trechos referentes aos momentos que antecedem os jogos, durante os jogos e que acontecem após a partidas sempre utilizando os pronomes *I* (eu) e *my* (meu/s), minha(s), como no exemplo: “*I had been forced to go to bed before the result came through – and my mother wrote the score down on a piece of paper and attached it to my bookcase*”¹⁹ (HORNBY, 2000, p. 16), sendo que, nesse exemplo, transcreveremos a tradução na nota de rodapé pois queremos enfatizar o uso dos pronomes no original em Inglês.

O mesmo em relação à forma de escrita acontece com Grant, isto é, o mesmo uso dos pronomes pronomes *I* (eu) e *my* (meus), minha(s), como no exemplo: “*As much as I loved Keegan, I never saw him play live in a Liverpool shirt – I (re)created every move by Keegan or Hughes in my mind*”²⁰ (GRANT, 2008, p. 30). Aqui, Grant não só nos explicita o uso dos pronomes, corroborando com Lejeune, como também nos atesta o que era sua realidade, já que não podia acompanhar aos jogos do seu time e apenas podia imaginar o que teria acontecido.

Inicia-se, aqui, o calvário apontado por Nick na sequência das décadas de 1970 e 1980. Nesse jogo que teve que ir para a cama mais cedo, como contamos no parágrafo anterior, na final da League Cup contra o Swindon Town no estádio de Wembley em 15.3.69, ele (não) viu seu time perder o que seria a primeira de inúmeras finais, e, como descrito por ele, “no momento da escrita do livro, ainda sentia a dor de todas as derrotas, mas não tão grande como aquela primeira” (HORNBY, 2000, p. 17).

Assim como torcedores de futebol são iguais em qualquer lugar do mundo, a crueldade juvenil quanto a isso também costuma ser. Essa derrota para o

¹⁹ “Eu fui forçado a ir para a cama antes que o resultado saísse - e minha mãe escreveu o resultado em um pedaço de papel e o colou na minha estante” (tradução nossa).

²⁰ “Por mais que eu amasse Keegan, nunca o vi jogar ao vivo com uma camisa do Liverpool - eu (re) criei cada movimento de Keegan ou Hughes em minha mente” (tradução nossa).

Swindon Town, um time da 3ª divisão do futebol inglês, proporcionou uma série de gozações e provocações dos seus colegas – especialmente os que torciam para outros clubes, o que, por um lado, era vexaminoso, mas, por outro, fomentou ainda mais a paixão de Nick pelo Arsenal.

Grant, durante sua narrativa, faz referências a vários jogadores importantes do Liverpool de todas as épocas, mas com ênfase especial aos meio-campistas, que era a posição na qual ele jogava no time da escola. Numa dessas referências, a Ian Rush e John Aldridge especificamente, ele nos aponta que seu calvário seria diferente ao de Nick. “Rushie e Aldo foram ícones para os meninos do futebol mundial no período das décadas de 1970 e 1980, quando o Liverpool dominava não apenas o futebol inglês, mas também se destacava no futebol europeu”²¹ (FARRED, 2008, p. 28), o que nos diz que o Liverpool não seria o problema em si. Mas as questões de distância, a falta de informações e os temas políticos, sim.

Lise (2018) nos recorda em sua tese que Nick só faz três referências aos jogos da Seleção Inglesa, como já mencionamos aqui. Sendo a primeira delas contra a Escócia em maio de 1969. Ele nos descreve e nos informa o porquê de não gostar muito da Seleção Inglesa. Primeiramente, Nick diz que, como quase todos os ingleses, ele também odiava a seleção e em segundo lugar, o porquê de seu grande ódio. A seleção era composta principalmente por jogadores do Tottenham, Leeds, Liverpool e Manchester United, o que, para ele, então, seria impensável torcer para uma seleção que era composta por jogadores desses times e não pelo time inteiro do Arsenal. Esse é um dos exemplos que apontam para a memória obsessiva de Nick por fatos relativos ao Arsenal.

Já na temporada 69/70, a primeira que Nick iria acompanhar completamente, ele estava bem frustrado e preocupado, pois, meses antes de a temporada começar, os jornais, única fonte de informação da época, não noticiavam nada sobre o esporte e sobre os clubes. Apenas durante a temporada em si traziam reportagens, estatísticas e notícias sobre os clubes e os campeonatos. Essa

²¹ Originalmente: “*Rushie and Aldo were icons to boys the footballing world over in a period of the 1970s and 1980s when Liverpool dominated not just English but also loomed large in European football.*”

temporada também foi a que Grant acompanhou pela primeira as reportagens sobre o seu time, com alguma defasagem em Cape Town e iniciou sua trajetória como torcedor do Liverpool.

Diferentemente de Nick, que não jogava futebol, Grant já tinha um gosto diferenciado pelo esporte. Grant jogava no time da escola e acompanhava alguns jogos com sua família. Jogos da seleção Inglesa e Sul-africana e alguns jogos de exibição que aconteciam na África do Sul. Nick, por outro lado, era membro dos escoteiros e sua maior aventura eram os encontros no país vizinho, o País de Gales. Enquanto Nick não tinha nenhuma ambição em relação ao futebol, Grant as tinha em grande quantidade. Além da ambição de ser jogador do Liverpool, algo que ele mesmo confessa impossível:

Eu sabia no início da adolescência que não era Keeg ou Kenny. Na década de 1970, meninos negros de 13 anos no apartheid da África do Sul não cresceram para jogar futebol em Anfield. Em qualquer caso, eu obviamente não tinha a habilidade deles²² (FARRED, 2008, p. 45).

Grant tinha, ou até nos arriscamos a dizer que ainda tem, a ambição de ser técnico do Liverpool. “Eu sonho em treinar o Liverpool para a glória, para vários triunfos na Europa, para o campeonato após campeonato na Premier League”²³ (FARRED, 2008, p. 27), diz. Este é geralmente o desejo de poucos torcedores, que normalmente têm o sonho de serem jogadores de futebol em primeiro lugar. “Comandar “the Pool” é, como todo verdadeiro fã lhe dirá, uma fantasia de segunda mão. Ou, pelo menos, uma fantasia substituta, o segundo sonho”²⁴ (FARRED, 2008, p. 27), completa.

Naquela temporada, os torcedores do Arsenal o apelidaram de “*boring, boring Arsenal*” (HORNBY, 2000, p. 26), isto é, “chato, chato, Arsenal”, pois o time, quando ganhava, era por 1x0 e, na maioria dos jogos, apenas empatava. Obviamente, Nick odiava o fato de o Arsenal ser chato e apresentar péssima

²² Originalmente: “*I knew by my early teens that I was no Keeg or Kenny. In the 1970s, 13-year-old Colored boys in apartheid South Africa did not grow up to play football at Anfield. In any case, I patently lacked their skill.*”

²³Originalmente: “*I dream of coaching Liverpool to glory, to multiple triumphs in Europe, to Premier League championship after championship.*”

²⁴Originalmente: “*Managing “the Pool” is, as every true fan will tell you, a secondhand fantasy. Or, at the very least, a substitute fantasy, the second dream.*”

performance. Tudo indicava que sua obsessão pelo Arsenal não havia começado bem. Interessante destacar que até mesmo Grant percebia o Arsenal como “chato” ou “entediante”, como veremos a seguir.

Em sua formação de torcedor, Grant, ao ler no jornal o nome “Liverpool”, sentiu algo diferente. “Algo clicou entre a palavra ‘Liverpool’ e minha psique infantil e eu me tornei, naquele exato momento, um fã”²⁵ (FARRED, 2008, p. 34). Assim, instantaneamente, se tornou um torcedor do Liverpool, mas poderia ter sido qualquer outro time, inclusive – como ele diz – “o entediante Arsenal”. Sobre esse time, Grant diz que era “tão empolgante quanto um filme mudo no rádio, essa era minha opinião sobre os ‘Gunners’, como o Arsenal é conhecido por seus fãs, que incluíam meu avô materno”²⁶ (FARRED, 2008, p. 34). Também vale a pena mencionar que esse trecho de Grant é uma das poucas referências de seus familiares na narrativa e mostra como torcer para o Liverpool era algo que ia em contra suas tradições familiares, fato que veremos mais adiante.

Por outro lado e ainda sobre a escolha entre um time e outro, Nick também desvenda o que, para ele, seria o significado de lealdade do torcedor pelo seu clube: “Eu descobri depois do jogo de Swindon que, lealdade, pelo menos no futebol, não era uma escolha moral como bravura ou gentileza; era mais como uma verruga ou uma protuberância, algo em que estava impregnado a você”²⁷ (HORNBY, 2000, p. 27). Essa ideia remete a Damo, como visto anteriormente, já que seria uma das características do pertencimento clubístico, que, para o autor, faz parte da identidade social do indivíduo.

Complementando a fala de Nick, e com uma visão um pouco mais politizada sobre a questão do pertencimento clubístico e do que seria ser um torcedor, Grant nos diz:

Talvez isso seja o verdadeiro torcer: um relacionamento afetivo intenso moldado pela política - um partidarismo profundamente arraigado. Não é

²⁵ Originalmente: “*Something clicked between the word “Liverpool” and my boyish psyche and I became, at that precise moment, a fan.*”

²⁶ Originalmente: “*The boring Arsenal (about as exciting as a silent movie on the radio, was my take on the ‘Gunners’ as Arsenal are known to their fans, who included my maternal grandfather.*”

²⁷ Originalmente: “*I had discovered after the Swindon game that loyalty, at least in football terms, was not a moral choice like bravery or kindness; it was more like a wart or a hump, something you were stuck with.*”

bem a crítica absolutista, amiga / inimiga, desenvolvida pelo pensador alemão "conservador" Carl Schmitt, mas tão próximo que você teria dificuldade para perceber a diferença"²⁸ (FARRED, 2008, p. 12).

No início dos anos 1970, o pai de Nick, que era militar, foi servir na França, deixando-o sem seu parceiro usual de ida aos estádios. Entretanto, na escola, ele se torna amigo de um aluno mais velho, chamado Rat, que também era torcedor do Arsenal e, juntos, irão a várias partidas do time, principalmente em Highbury. Segundo o próprio Nick, essa amizade trouxe sorte ao Arsenal, que conseguiu várias vitórias em casa. Nesta época, lá na África do Sul, Grant se limitava a tentar buscar informações sobre o Liverpool, uma atividade que perdurou por anos, nos jornais locais *Cape Times* e *Cape Argus* e com "in the three-week-old copies of *Shoot magazine*" (nos exemplares de três semanas atrás da revista *Shoot*) (FARRED, 2008, p. 32).

Naquele período, a Inglaterra passava por vários problemas socioculturais, e não seria diferente com o futebol. Nick abre um parêntese para comentar sobre os preços dos ingressos, por exemplo. Pode-se estabelecer a diferença apontada por ele entre os ingressos de 1970 e 1992, quando da escrita da obra. Em 1970, gastavam-se 60p (sixty pence), ou 60 centavos da libra esterlina para o metrô e o ingresso, ao passo que em 1992 gastavam-se 2,70£ para o metrô e 8,00£ para o ingresso. Em uma conversão²⁹, podemos perceber que 1£ em 1970 equivale a aproximadamente 7,47£ em 1992 e 15,57£ atualmente. A Inglaterra passava por um momento complicado em sua economia com uma inflação anual de 6,40% em 1970, uma grande melhora em 1992 com 3,74% e apenas 1,50% nos dias atuais. Considerando a perda no poder de compra apresentado pelo site pesquisado, percebesse que mesmo 60p em 1970 era um valor considerável, pois o era 1£ em 1970 equivale a apenas 12p nos anos 1990 e 6p em 2020. Ou seja, hoje em dia, e já em 1992, era bem mais barato ir aos estádios do que em 1970.

Para ir ao estádio, Nick contava com a ajuda de sua mãe, pois seu pai estava fora do país e o dinheiro era mais regrado. Por algumas temporadas, Nick e

²⁸ Originalmente: "Maybe this is what true fandom is: intense affective relationship molded by politics – a deeply held partisanship. Not quite the absolutist distinction, friend/enemy, developed by the "conservative" German thinker Carl Schmitt, but so close you'd struggle to tell the difference."

²⁹ Disponível em: <<https://www.in2013dollars.com/uk/inflation/1970>> Acesso em: 24 ago. 2020.

seu amigo Rat ficavam na “Schoolboys enclosure”, área destinada nos estádios aos alunos das escolas locais, e com uma péssima visão do jogo. Nick diz, em tom de tristeza, que “O esplendor de arte decô do West Stand (área com cadeiras cobertas do estádio) não seria possível sem os bolsos carregados de dinheiro do papai”³⁰ (HORNBY, 2000, p. 31).

Ainda que não tivesse que lidar com o preço dos ingressos, por razões geográficas, Grant tinha que lidar com outros tipos de problemas. O primeiro era em relação à língua. “Embora o regime do apartheid insistisse no bilinguismo na educação (inglês e africâner eram disciplinas obrigatórias), comparativamente poucas pessoas falavam inglês”³¹ (FARRED, 2008, p. 36), mas, diferente de seus amigos e torcedores, ele teve uma boa educação e isso o ajudou a ler as escassas informações sobre o Liverpool. O segundo acontecia também em virtude do Apartheid, o que dificultava seu acesso às informações dos times ingleses, pois a mídia apenas informava sobre os times Brancos da África do Sul.

Verificava os resultados dos times locais de futebol, rúgbi e críquete. Todas essas equipes eram Brancas, o que não é surpreendente porque a mídia do apartheid raramente noticiava sobre esportes de atletas negros; e eu os apoiava vagamente; por um senso de identidade regional, uma afiliação com Western Cape, onde nasci e cresci, mas sempre com uma consciência aguçada dos privilégios que o apartheid proporcionava aos esportistas brancos, e nunca com o tipo de profundidade que marca minha relação com o Liverpool”³² (FARRED, 2008, p. 34).

Sem se preocupar com os ingressos, e sempre em busca de informações sobre o Liverpool e o futebol inglês, Grant preferia gastar seu dinheiro com revistas que falassem sobre o tema, pois este era o único recurso que lhe cabia para imaginar o que acontecia no futebol inglês, curioso que era por informações:

Ao contrário de mim, eles não gastaram seu dinheiro de bolso comprando

³⁰ Originalmente: “*The art deco splendour of the West Stand was not possible without Dad’s deeper pockets.*”

³¹ Originalmente: “*Although the apartheid regime insisted upon bilingualism in education (English and Afrikaans were mandatory subjects), comparatively few people spoke English.*”

³² Originalmente: “*I checked the scores of the local football, rugby, and cricket teams. All these teams were White, not surprisingly because the apartheid media only rarely reported on sport by Colored or Black athletes, and I loosely supported them; out of a sense of regional identity, an affiliation with the Western Cape where I was born and raised, but always with a keen awareness of the privileges apartheid afforded White sportspersons, and never with the kind of depth that marks my relationship to Liverpool.*”

revistas britânicas para estudantes, como *Tiger and Scorcher*, que seguiam as aventuras de times de futebol como o eterno *Roy of the Rovers*, *The Football Family Robinson* e *Billy's Boots*, e as mazelas de um jogador chamado "Nipper Lawrence"³³. (FARRED, 2008, p. 37).

Em 31 de outubro de 1970, no jogo contra Derby, Nick experimenta sua primeira desventura com o que ele coloca de futuros hooligans. Na área dos *schoolboys* no estádio, todos ficavam juntos e a maioria era de regiões mais pobres. Algo, disse Nick, deve ter despertado a ira deles "...talvez nossos cortes de cabelo, nossos cachecóis do Arsenal limpos e cuidadosamente dobrados ou nossa análise fervorosa do programa antes da partida..."³⁴ (HORNBY, 2000, p. 32), mas, ao fim do jogo, fomos perseguidos. Rat escapou, mas fui alcançado por eles, jogado na parede, recebi alguns socos no rosto e o pior, roubaram meu cachecol vermelho e branco do Arsenal.

Em razão desse ataque dos futuros hooligans, Nick, desapontado, começa a suspeitar que muitos torcedores iam ao estádio por outras razões e não apenas pela devoção aos Gunners. Ainda assim, mente para sua mãe sobre o que ocorrera para não perder a oportunidade de continuar a frequentar os estádios.

Em 1971, sozinho, viajou para Southampton para ver o Arsenal jogar. Essa, apesar de ser uma viagem conhecida para ele, pois já a tinha feito outras vezes para visitar suas avós, reservava uma nova aventura. Como existe uma primeira vez para tudo, essa foi a primeira vez que apareceu na TV, ou BOX como os ingleses geralmente chamam a televisão. Num jogo sem muitos atrativos, apesar da vitória por 2x1, o fato pessoal interessante aconteceu, conta: "lá estou eu no canto inferior esquerdo da tela sempre que um escanteio é batido"³⁵ (HORNBY, 2000, p. 34). Ele havia ficado logo atrás da bandeira do escanteio, voltando a ser filmado uma outra vez no estádio em 1981.

Por falar em TV, esse foi um objeto que não ajudou Grant com sua obsessão pelo Liverpool: "Meu amor à distância (*long distance love*) – uma condição

³³ Originalmente: "Unlike me, they did not spend their pocket money buying British schoolboy magazines such as *Tiger and Scorcher*, which followed the adventures of football teams such as the ageless 'Roy of the Rovers', 'The Football Family Robinson', and 'Billy's Boots', and the fortunes of a scruffy player named 'Nipper Lawrence'".

³⁴ Originalmente: "maybe our haircuts, our clean lovingly folded scarves, or our fervent pre-match scrutiny of the programme."

³⁵ Originalmente: "there I am on the bottom left of the screen every time a corner is taken."

que abreviei como LDL – foi fomentado em um momento em que a mídia impressa, que era escassa, predominou; LDL surgiu em uma era que precedeu a cobertura televisiva, ao vivo ou gravada”³⁶ (FARRED, 2008, p. 32). Só foi possível acompanhar jogos pela TV no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, e mesmo assim, pouquíssimos jogos do Liverpool.

Neste mesmo ano, 1971, Nick passa por uma fase de depressão, tendo o Arsenal como válvula de escape, mas “A verdade simples é que as obsessões simplesmente não são engraçadas e os obsessivos não riem delas”³⁷ (HORNBY, 2000, p. 35), diz. Sua obsessão pelo Arsenal e os sentimentos pela ausência do pai ainda o deixavam aflito. Diferentemente de Nick, que chama seu amor com o Arsenal de obsessão, Grant, como dito anteriormente, o chama de condição, algo que sugere um tipo de enfermidade.

Mesmo com esse quadro depressivo, e o Arsenal não ajudando em sua recuperação, o que veremos de agora em diante é a transformação, na tipificação oferecida por Giulianotti de um *fã apenas* para um *fanático*: aquele “torcedor clássico [que] tem um investimento pessoal e emocional de longo prazo com o clube” (GIULIANOTTI, 2012, p. 15). Mesmo com o passar dos anos, jogos e resultados do Arsenal, tendo alguns momentos de ausência, nunca abandona seu time de coração. Só veremos esse movimento acontecendo com Grant no fim dos anos 1970, quando já assistia aos jogos pela TV e tinha mais acesso às informações sobre o Liverpool.

Em meados de 1971, em uma das folgas militares, Nick e seu pai foram assistir Arsenal e Newcastle, pois dia 17 de abril era seu aniversário. O presente, além da ida ao jogo, foi um rádio, e que como todo rádio em partidas de futebol, passa por momentos tensos na relação torcedor e partida: “Não precisa dizer que fiquei apertando e tentando amassar o rádio que havia ganhado de aniversário do meu pai” (HORNBY, 2000, p. 36). Gostaria, aqui, de abrir um espaço para um relato pessoal sobre rádios. Em meados dos anos 1980, ganhei um rádio de minha avó

³⁶ Originalmente: “*My long distance love - a condition I have abbreviated as LDL - was nurtured in a moment when the print media, which was scant enough, predominated; LDL grew out of an era that preceded television coverage, live or recorded.*”

³⁷ Originalmente: “*The simple truth is that obsessions just aren't funny, and that obsessives don't laugh.*”

para acompanhar os jogos do São Paulo. Por várias vezes, este rádio esteve em vias de voar ao centro do gramado em função da performance do São Paulo. Guardei esse rádio com muito carinho até hoje e acredito que ainda está em pleno funcionamento.

Em janeiro de 1972, numa viagem com o pai para Chelsea, uma região nobre na cidade de Londres, para assistir ao jogo do Chelsea, uma das poucas vezes em que foi a um estádio e não assistiu ao Arsenal jogar, Nick se sentiu descontente com sua situação de garoto de classe média do sul de Londres. Em Chelsea, estavam os atores, celebridades e famosos, o que tornava o futebol elegante. Ele não estava acostumado a tanto glamour.

Para estar com seu pai, tudo valia a pena e Nick pôde realizar outra paixão. Compra o segundo álbum da banda de rock inglesa Led Zeppelin e, alguns anos mais tarde a isso, se apaixona pela banda de punk rock The Clash. Como dito anteriormente, naquela década, esses estilos musicais estavam entre os principais nas atividades de lazer dos jovens ingleses, por serem a expressão da rebeldia e por serem acessíveis a várias classes sociais. Era uma juventude que não estava satisfeita com a atual situação do país. Eles queriam ser diferentes, e Nick também. Todos “...gostariam de ter vindo dos Projetos de Chicago, ou dos guetos de Kingston, ou das ruas perigosas do norte de Londres...”³⁸ (HORNBY, 2000, p. 40), queriam ter traços negros, a força, violência e rebeldia dessas regiões, uma condição a qual Grant não só conhecia bem, mas vivia diariamente.

Em fevereiro de 1972, no estádio Elm Park, Nick foi ver seu Arsenal jogar contra o time da terceira divisão, o Reading. O estádio ficava apenas a 4 milhas da casa de Nick, enquanto Highbury ficava a 30 milhas. Como era um estádio pequeno e sem ingressos separados por torcidas, Nick ficou ao lado de uma família torcedora do Reading. Para ele, foi o momento mais humilhante como torcedor do Arsenal, além de ganhar um sermão por não torcer pelo Reading, que era o time local, onde ele morava, ainda viu seu time perder por 2x1 e ouvir a seguinte frase, humilhante para qualquer torcedor depois da derrota de seu time: “Pelo menos você não vai

³⁸ Originalmente: “*Wished we came from the Chicago Projects, or the Kingston ghettos, or the mean streets of north London.*”

demorar muito para chegar em casa”³⁹ (HORNBY, 2000, p. 42). Depois desse acontecimento, assim como Grant assume o Stoke como seu 2º time, Nick assume o Reading como seu 2º time.

Naquele mesmo ano, Nick recebe a permissão de sua mãe para acompanhar o Arsenal pelo país. Fomentando ainda mais sua obsessão e o transformando ainda mais num torcedor fanático. Mas, como a obra traz flashbacks, o escritor Nick, em 1992, critica sua própria mãe. E, a nosso ver, faz isso de forma hilária. Disse ele:

O que ela pensou que estava fazendo? Ela nunca lia os jornais ou assistia ao noticiário? Ela não tinha ouvido falar dos hooligans? Ela realmente não sabia como eram os *Football Specials*, os trens infames que transportavam fãs por todo o país? Eu poderia ter sido MORTO⁴⁰. (HORNBY, 2000, p. 44).

Sua mãe não gostava que ele comprasse os álbuns do Led Zeppelin por achar sua música violenta, mas estava de acordo em deixá-lo viajar pelo país correndo risco de vida. Ela teve uma participação bem diferente em sua vida, se comparada à do seu pai. Seu pai, quando podia, o levava aos estádios, torcia junto, conversava sobre futebol. Mas era sua mãe que, enquanto Nick estava na escola, comprava os ingressos para os jogos do Arsenal e, às vezes, para outros jogos que ele demonstrava interesse. Era ela também que o levava à estação de trem e o buscava no retorno dos jogos.

Paralelamente, o pai de Grant teve alguma participação para a condição dele. Além de gostar de futebol, o levava para assistir, sempre que possível, aos jogos dos times locais, da seleção africana e, eventualmente, aos jogos de exibição que aconteciam com a visita de times ingleses. Nesses jogos de exibição, era possível ver antigos astros jogando e, assim, aguçar ainda mais a imaginação de Grant para um dia ver o Liverpool jogar.

Nos *Football Specials*, nos trens que transportavam as torcidas pelo país, Nick sempre levava um livro para tentar ler e ficava nos vagões onde estavam as pessoas mais velhas. Ele não gostava de participar da confusão nem da cantoria

³⁹ Originalmente: “*At least it wouldn’t take you long to get home.*”

⁴⁰ Originalmente: “*What did she think she was doing? Didn’t she ever read the papers or watch the news? Hadn’t she heard of hooligans? Was she really unaware of what Football Specials, the infamous trains that carried fans all over the country, were like? I could have been KILLED.*”

dentro do trem, mas as fazia dentro dos estádios, pois, para ele, o estádio era o local correto para tal atividade.

Sobre os *Football Specials*, eu também tenho lembranças de ônibus em São Paulo e em Belo Horizonte, ônibus esses que também levavam as torcidas aos estádios. Estavam sempre em péssimas condições após as partidas e as empresas reclamavam do vandalismo. Talvez as pessoas mais velhas tenham essa mesma lembrança, mas, no caso delas, indo aos estádios em bondes, principalmente quem morava em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

Quanto ao vandalismo no futebol, é importante falar sobre os Hooligans. Na colocação de Dunning, os “*Hooligans* sentiam prazer físico e mental para ultrapassar limites estabelecidos” e que o “exibicionismo e o desejo de mostrar um comportamento ruim servem de busca de aprovação dos outros participantes de suas ações” (DUNNING, 1999, p. 25). Essa afirmação é colocada por Nick, que vivenciou na pele a atuação dos hooligans. Ele nos diz que “Na primeira metade dos anos setenta, houve uma briga em todos os jogos do Arsenal que fui”⁴¹ (HORNBY, 2000, p. 47). Ele nos explica, ainda, que o início de todas as brigas se dava por uma correria arquitetada pelos torcedores do Arsenal em direção à arquibancada dos visitantes e, assim, na tentativa de escapar, a torcida adversária corria em direção à polícia, que pouco podia fazer. Nick também afirma que a maioria dos torcedores se machucava na correria e poucos nas trocas de socos e pontapés.

Nick nos aponta que a tragédia do Estádio do Heysel, na Bélgica, que ocorreu no dia 29 de maio de 1985, quando estava para ser disputada a final da Champions League, entre o Liverpool, da Inglaterra, e a Juventus, da Itália, se deu dessa mesma forma, com o início pela correria da torcida. Nesse mesmo dia, Grant estava assistindo ao jogo pela televisão, na esperança de ver seu Liverpool campeão da Europa. A fumaça de fogos e já a confusão entre as torcidas e a polícia deixaram a transmissão embaçada, mas até então Grant não sabia o que estava de fato acontecendo e colocou a culpa na televisão local: “É uma transmissão ruim da SABC (*South African Broadcasting Corporation*), pensei”⁴² (FARRED, 2008, p. 133),

⁴¹ Originalmente: “*For the first half of the seventies, however, there was a fight at every single Arsenal game I attended.*”

⁴² Originalmente: “*It’s a bad SABC (South African Broadcasting Corporation) feed, I thought.*”

mas nem mesmo a derrota para a Juventus por 1x0 abalava a incredulidade de Grant com o que de fato havia ocorrido, uma briga generalizada entre as torcidas, os hooligans ingleses e os ultras italianos. Mesmo com certa precaução da polícia belga, o balanço final foi o de 39 mortos e um número indefinido de feridos.

Com receio de novas confusões, mas com sua obsessão falando mais forte, Nick viajava para os jogos do Arsenal fora de casa, mas passava por momentos de tortura. Ficava tão nervoso que não conseguia acompanhar o jogo, pois, a todo o momento, um início de briga acontecia. Algumas vezes, até ficava no espaço reservado para a torcida local e não do Arsenal, onde ele se sentia mais seguro.

Nick se tornou um grande defensor do futebol limpo e de torcidas sem violência. Mesmo adolescente, mas já com alguma experiência no campo do torcer, sua visão já é um pouco diferente, não é só o fanatismo que importa para ele. Podemos entender isso na sua fala: “A cultura do futebol é tão amorfa, tão pesada, tão grande que inevitavelmente atrai mais pessoas do que somente aquelas que fantasiam sobre futebol”⁴³ (HORNBY, 2000, p. 53).

Na temporada 72/73, algo até então impensável para Grant acontece com Nick. No jogo entre Stoke City e Arsenal, ele tem a oportunidade de falar diretamente com um jogador antes da partida. Ele falou com Bob McNab, pois havia ido ao jogo com seu pai e estava na área vip do estádio onde os jogadores ficavam para distribuir brindes e dar autógrafos. Ele disse para Bob: – *Are you playing Bob?* (Vai jogar, Bob?) e Bob respondeu – *Yeah* (Sim) (HORNBY, 2000, p. 54). Mesmo sendo um diálogo bem curto, para ele, um torcedor fanático do Arsenal, foi um momento inesquecível.

Grant viveu um momento um tanto quanto parecido, mas muitos anos mais tarde, em 18 de março de 2004, numa palestra na *Liverpool John Moores University*. Os organizadores o haviam prometido ingressos para o jogo entre Liverpool e Wolves, mas ele disse que só daria a palestra se eles convidassem John Barnes para assisti-la. E o inesperado aconteceu, antes da palestra, John Barnes se

⁴³Originalmente: “*Football culture is so amorphous, so unwieldy, so big that it inevitably attracts more than its fair share of fantasists.*”

encaminhou até Grant, que disse “– É uma honra conhecer Deus”⁴⁴ (FARRED, 2008, p. 3), percebendo que Grant estava embaraçado, Barnes respondeu: “– Vou dar-lhe alguns minutos para se recompor antes de sua palestra. Conversaremos mais tarde!”⁴⁵ (FARRED, 2008, p. 3). Grant poderia não se lembrar de vários eventos em sua vida, mas esse específico ele não se esqueceria jamais, pois, diferentemente de Nick – que conversou com Bob McNab, que era apenas um jogador do Arsenal e não um dos seus ídolos –, Grant teve a oportunidade de falar com o seu maior ídolo de todos os tempos. Essa honra é dividida com Steven Gerrard, como descrito na dedicatória escrita por Grant: “*This book is dedicated to John Barnes and Steven Gerrard: To John Barnes, God To Steven Gerrard, God’s Own Son*”⁴⁶ (FARRED, 2008, n.p).

Com certo tom irônico, Nick, ao escrever o livro, diz que existe certa desconfiança em se ter conversas como a dele e a de Grant em obras autobiográficas, pois como o escritor lembraria as falas que aconteceram a tanto tempo atrás? Mas, como foi um acontecimento marcante, nesse caso, sua memória individual foi ativada. Pois, como colocado por Pollak (1992, p. 200), três elementos da memória individual são importantes: os acontecimentos vividos pessoalmente; os vividos por tabela: com pessoas, família e personagens; e, por fim, os lugares onde aconteceram. No caso de Nick, todos os elementos se juntam, pois foi vivido pessoalmente, estava com seu pai e Bob e, ainda, no estádio de futebol.

Depois de várias decepções com o Arsenal naquela temporada, Nick nos passa o sentimento que todo torcedor de futebol, mais cedo ou mais tarde descobre. “O clube significa mais para nós do que para eles”⁴⁷ (HORNBY, 2000 p. 54), sentimento direcionado aos jogadores e dirigentes.

Outra situação marcante na vida de torcedor de Nick foi sua ida com seu amigo Frog ao jogo do Crystal Palace e Liverpool. Em outubro de 1972, na saída do estádio, depois de uma nova briga entre torcedores, ele viu a primeira pessoa morta,

⁴⁴ Originalmente: “*It’s an honour to meet God.*”

⁴⁵ Originalmente: “*I’m going to give you a few minutes to compose yourself before your talk. We’ll chat later!*”

⁴⁶ Originalmente: “*Este livro é dedicado a John Barnes e Steven Gerrard: Para John Barnes, Deus. Para Steven Gerrard, o próprio filho de Deus.*”

⁴⁷ Originalmente: “*The club means more to us than it does to them.*”

na sua frente, em decorrência dessa briga entre torcedores. Fato este que o marcou por muito tempo.

Ver pessoas mortas era relativamente comum para Grant, que, sendo um garoto negro vivendo o apartheid na África do Sul, vivenciava a violência imposta pelo regime. Durante seus primeiros anos como torcedor, tinha outra aspiração, pois aquele momento para ele era "... uma relação entrelaçada entre política antiapartheid e 'torcer metropolitano'(se referindo à Londres); que expõe os processos pelo qual os locais – e o local – podem ser transcendidos por meio do imaginário para outro local"⁴⁸ (FARRED, 2008, p. 33). Ou seja, ele só queria deixar aquilo ali para vivenciar o torcer *in loco*, na Inglaterra.

Mesmo assim, aquela temporada ainda reservaria muitas emoções a Nick, e o torcedor fanático de Giulianotti iria se transformar no *Fanático* de Galeano, que é um *fã dentro de um hospício*. Hospício esse, que, agora aos 15 anos, ele já poderia frequentar. Finalmente, poderia assistir aos jogos do Arsenal no North Bank, arquibancada que fica atrás de um dos gols e era reservada aos torcedores mais ávidos, mais energéticos, os fanáticos de verdade.

Por outro lado, Grant não podia participar do mesmo tipo de hospício que Nick já podia. A arquibancada na qual ficavam os fanáticos do Liverpool era chamada de "The Kop" (FARRED, 2008, p. 35), em homenagem "ao batalhão de Liverpool que foi devastado na guerra Anglo-Boer na Batalha de Spioen Kop"⁴⁹ (que era o nome da colina onde a batalha foi travada) – que se traduz aproximadamente do Africâner como "cabeça de espião"⁵⁰ (FARRED, 2008, p. 36) uma designação que Grant duvida que muitos fãs de Liverpool saibam nos dias de hoje. Os elementos históricos, políticos e raciais convergiram para uma maior ligação entre o Liverpool e Grant.

⁴⁸ Originalmente: "The entangled relationship between antiapartheid politics and "metropolitan fandom"; it lays bare the processes by which locales—and the local—can be transcended through imaginary immersion in another site."

⁴⁹ Em 23 e 24 janeiro de 1900, foi travada a batalha de SpioenKop, na colina de mesmo nome, na 2ª Guerra Anglo-Boer quando as forças de Boer lutaram contra a dominação britânica. Nesta guerra, os britânicos foram derrotados e como curiosidade, algumas torcidas e times nomearam suas arquibancadas de "Kop stand", não só a do Liverpool, mas também a do Sheffield, entre outros.

⁵⁰ Originalmente: "After a Liverpool battalion devastated in the Anglo-Boer war at the Battle of Spioen Kop – which translates roughly from Afrikaans as "spy's head", a designation that I doubt many Liverpool fans are aware today."

Enquanto isso, Nick, inicialmente tímido e com receio de que um garoto branco, de classe média e de melhor escolaridade não iria se encaixar ali, no “hospício”. Mas depois dos ritos iniciais, a única frase que ele dizia era: “*I loved it there*” (Eu amava aquilo lá) (HORNBY, 2000, p, 67). Os diferentes sons da torcida, gritos para diferentes momentos da partida, a alienação de todos: “Aquilo era pra mim” (HORNBY, 2000, p, 67), disse ele. E lá permaneceu por 17 anos até o Taylor Report, ato que proibiu as arquibancadas nos estádios transformando-as em locais com assentos numerados após a tragédia de Hillsborough. Esse foi um incidente que ocorreu em 15 de abril de 1989 no Estádio Hillsborough, em Sheffield durante o jogo entre Liverpool FC e Nottingham Forest, válido pelas semifinais da Taça da Inglaterra. Durante a partida, 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados e outros 766 ficaram feridos.

Um comentário, irônico ou sádico que Nick, como torcedor apenas, provavelmente iria fazer, caso já conhecesse Grant seria que em ambos os incidentes aqui relatados, o Liverpool estava jogando e seus torcedores estavam presentes e sofreram com os acontecimentos. “Os grandes clubes parecem estar cansados de seus torcedores, e de alguma forma, quem pode culpá-los? Eles trazem consigo todos os tipos de problemas. Não apenas se comportarão, mas pagarão muito mais para frequentar os estádios”⁵¹ (HORNBY, 2000, p. 68). Nick, aqui, faz uma reclamação não só do comportamento das torcidas, que era muito violento e destrutivo nas décadas de 1970 e 1980, mas também da resposta dada pelos clubes que, como forma de manter fora dos estádios os hooligans e outros que pudessem lhes causar problemas, começaram a aumentar os preços dos ingressos, dificultando a entrada daquelas pessoas indesejadas nos estádios. Agora, em 1993, os torcedores tinham que pagar mais caro e se comportar dentro e fora dos estádios.

Nos anos em que fez parte do North Bank, arquibancada dos fanáticos, algo que sempre chamou a atenção de Nick foram os cantos da torcida. Os que mais lhe marcaram eram os cantos que a torcida cantava quando o time adversário

⁵¹ Originalmente: “*The big clubs seem to have tired of their fan-base, and in a way who can blame them? (...) They bring with them all set of problems (...) They will not only behave themselves, but pay much more to do so.*”

marcava um gol em Highbury contra o Arsenal. Os mais comuns eram “Você irá para casa em uma ambulância de Londres”, “Nos vemos lá fora”, “Clock End, faça seu trabalho”⁵² (HORNBY, 2000, p. 70). *Clock End* era a arquibancada que ficava mais próxima da área reservada à torcida do time adversário e era responsável por iniciar as provocações.

Intrigante que, nessa época, Nick participava de todos os cânticos e provocações e queria se tornar realmente um hooligan, tinha reais pretensões de se tornar um, mas, depois de algum tempo, percebeu que ele não tinha as características necessárias para tal e voltou a se empenhar em seus estudos.

Na temporada de 75/76, Nick deixa de acompanhar o Arsenal por vários motivos. Aqui, ele volta a ser apenas um fã, não o fã de Galeano, que uma vez por semana veste seu uniforme e vai ao estádio, mas o fã de Giulianotti, que apenas mantém seu amor pelo clube. Dentre as razões de Nick, estavam a escola, pois estava no último ano do ensino secundário, e, principalmente, o próprio Arsenal. Em suas palavras, explica esse distanciamento: “Parei em parte porque o Arsenal era terrível”⁵³ (HORNBY, 2000, p. 77), diz. Para ele, o time era tão ruim que não valeria a pena acompanhá-lo naquele momento. Comportamento extremamente comum de qualquer torcedor em qualquer canto do mundo.

Não tão comum para Grant, que, até então, não havia tido a oportunidade de acompanhar seu time. Desenvolveu sua paixão, criou memórias e esquecimentos à distância e sem ao menos ter visto seu time jogar, seja ao vivo no estádio ou pela televisão, sendo ainda considerado como um sonho para ele. “A saliência do meu sonho é, sim, que a maioria das minhas lembranças do Liverpool, todas as minhas memórias, toda a minha narrativa sobre este time de futebol inglês, nasceu e se alimentou sem o benefício de nunca ter visto meu time jogar”⁵⁴ (FARRED, 2008, p. 30).

Já aos 18 anos, outros interesses surgiram em sua vida, além do Arsenal. Sendo que o futebol já não lhe fazia muita falta. “Eu não sentia muita falta do futebol.

⁵² Originalmente: “*You’re going home in a London ambulance*”, “*We’ll see you outside*”, “*Clock End, do your job.*”

⁵³ Originalmente: “*I stopped partly because Arsenal were dire.*”

⁵⁴ Originalmente: “*The salience of my dream is, rather, that most of my Liverpool recollections, all my memories, my entire narrative about this English FC, was born and nourished without the benefit of ever having seen my team play.*”

Eu tinha trocado um grupo de amigos por outro”⁵⁵ (HORNBY, 2000, p. 78). Agora, com seus amigos de colégio, a vida era baseada em bebidas, drogas leves, literatura Europeia e Van Morrison (cantor da Irlanda do Norte de country e rock Irlandês). Nick havia descoberto outros prazeres na vida.

Nick se considerava um intelectual, e apenas assistia aos jogos pela televisão, mas sem o fanatismo de antes. Ele afirma essa condição de intelectual e renega seu fanatismo: “Eu era um intelectual agora e as peças de Brian Glanville no *Sunday Times* (jornal local) me ensinaram que os intelectuais eram obrigados a assistir ao futebol pela arte, e não pela alma”⁵⁶ (HORNBY, 2000, p. 79). Sobre o Arsenal nesta fase, Nick termina por assim dizer: “Eu sei que estava tudo acabado para mim”, “Eu não precisava mais disso!”⁵⁷ (HORNBY, 2000, p. 79). Será?

Ao passo que tudo estaria por se iniciar para Grant. Agora sim sua condição lhe iria trazer todos os prazeres e dissabores de ser um verdadeiro torcedor, como contaremos no próximo tópico.

4.2 Mudanças no torcer, problemas sociais, culturais e econômicos



Figura 3 Entrada do Estádio de Wembley

Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=placar+do+antigo+estadio+de+wembley>> Acesso em: 02 set. de 2020, capas dos livros (imagens pessoais)

Neste subcapítulo, já com nossos torcedores como jovens adultos, outras comparações serão possíveis. Namoros, festas, drogas, conjunções políticas são vivências que fazem com que os dois tenham uma visão diferenciada do que seja torcer.

⁵⁵ Originalmente: “*I didn’t miss football much. I had swapped one group of friends for another.*”

⁵⁶ Originalmente: “*I was an intellectual now, and Brian Glanville’s pieces in the Sunday Times taught me that intellectuals were obliged to watch football for its art rather than its soul.*”

⁵⁷Originalmente: “*I know it was all over for me”, I didn’t need it anymore!*”

Nesta fase, existe um confronto entre o que deve ou não compor o processo memorial-identitário (SOUZA, 2014, p. 114). Para a pesquisadora, o confronto se dá na escolha da versão do passado que é resguardada nas lembranças dos autores. Existe uma decisão do autor de escrever o que melhor lhe convém, preocupando-se, aqui, com qual trajetória de vida quer descrever; enquanto, na memória familiar, não existe esse conflito.

Para tanto, como se tratam de duas autobiografias com traços memorialistas, podemos notar que ambos os autores escrevem sobre os fatos passados, corroborando com Lejeune, que diz: “uma autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Sparkes (2004, p. 17 *apud* TAYLOR, 2013, p. 3) conta que, por esse motivo, avaliou a construção e a coexistência de identidades e “eus” múltiplos dentro de textos autobiográficos, as histórias individuais e temas para examinar autobiografias esportivas, nos revelando múltiplos “Nicks e Grants” dentro das obras.

Nick, agora com 19 anos, está desenganado com seu time. A grande paixão surgida no início dos anos 1970, agora, havia se transformado em desilusão. “– Como se viu, minha frieza em relação a tudo não teve nada a ver com o Arsenal⁵⁸” (HORNBY, 2000, p. 83). Isso deveu-se muito ao desempenho limitado do time nos últimos anos.

Entretanto, com a contratação de um novo técnico para a temporada de 1976, Terry Neil, e a aquisição de um jogador de boa fama, Malcom Macdonald, que jogava no Newcastle, “(...) minha devoção misteriosamente reascendeu...”⁵⁹ (HORNBY, 2000, p. 83), conta Nick. Tudo isso fez ressurgir sua paixão e sua volta aos estádios. Contudo, nessa fase de sua vida, não era apenas a sua paixão pelo futebol e pelo Arsenal seu foco central. Esses eram, em parte, mecanismos que reascenderam sua chama de torcedor: “– De fato, Macdonald e Neil e uma nova fase foram apenas parcialmente responsáveis pelo meu retorno”⁶⁰ (HORNBY, 2000,

⁵⁸ Originalmente: “*As it turned out, my coolness towards all things Arsenal had had nothing to do with.*”

⁵⁹ Originalmente: “*...my devotion mysteriously resurrected.*”

⁶⁰ Originalmente: “*In fact, Macdonald and Neil and a new era were only partly responsible for my return to the fold.*”

p. 84). Contudo, agora, ele já trabalhava numa empresa de seguros no centro de Londres e, com isso, novos interesses germinaram.

Por outro lado, Grant continuava em sua batalha para obter informação sobre o seu time. Ele conseguiria pela primeira vez assistir ao Liverpool jogar, mesmo que tenha assistido seu time jogar na televisão em 1977. Ele assistiu ao Liverpool jogar na final da FA Cup contra o Manchester United no estádio de Wembley, (temido por Nick), mas que daria ao Liverpool e Grant muitas alegrias. Para Grant, essa foi uma introdução cruel ao mundo dos jogos assistidos por ele, pois o Liverpool perdeu por 2x1, e a dor da derrota ainda o assombra nos dias de hoje: “A dor da derrota, como todos os fãs de esportes sabem, pode durar - talvez eu deva apenas dizer, dura – uma vida inteira”⁶¹ (FARRED, 2008, p. 30), pois, como já dissemos aqui, a primeira vez nunca se esquece.

Mesmo depois de ter assistido ao seu primeiro jogo televisionado do Liverpool, Grant continuava a buscar recortes de jornal e revistas e fantasiar o que acontecera quando seu time jogava. Esse, para ele, era um processo no qual as informações colhidas no papel continuavam a ser transformadas em imagens através de sua imaginação. Em suas palavras:

Por mais que eu tenha amado Keegan, nunca o tinha visto jogar ao vivo com uma camisa do Liverpool, exceto naquela tarde de maio, quase 25 anos atrás. Por sete temporadas antes desse momento, e por longos períodos depois, eu pude apenas imaginar todos os jogadores do Liverpool: eu "assisti" todos os jogos do Liverpool, vibrei com todos os gols, aplaudi cada entrada mais forte, (re)criei todos os movimentos de Keegan ou Hughes em minha mente. Os únicos elementos visuais do Liverpool que eu tive foram as poucas imagens isoladas que encontrei nos jornais locais da Cidade do Cabo, no Cape Times e no Cape Argus, ou nas cópias com três semanas de defasagem da revista Shoot, então a principal fonte do futebol britânico na África do Sul.⁶² (FARRED, 2008, p. 31).

⁶¹ Originalmente: “*The pain of defeat, as all sports fans know, can last – maybe I should just say, lasts – a lifetime.*”

⁶² Originalmente: “*As much as I loved Keegan, I never saw him play live in a Liverpool shirt except for that one May afternoon almost 25 years ago. For seven seasons before that, and for long periods afterward, I could only imagine every Liverpool player: I “watched” every Liverpool game, I cheered every goal, I applauded every tackle, I (re)created every move by Keegan or Hughes in my mind. The only visuals of Liverpool that I had were the isolated few pictures I encountered in the local Cape Town newspapers, the Cape Times and the Cape Argus, or in the 3-week-old copies of Shoot magazine, then the premier source for British football in South Africa.*”

Enquanto a paixão de Nick pelo Arsenal já sofrera altos e baixos, a paixão de Grant seguia num aumento gradual. Mesmo envolvido agora com problemas familiares, políticos e sociais em razão do Apartheid, Grant buscava formas de escapar desses problemas usando apenas sua imaginação, vislumbrando o que seria assistir a um jogo de seu time no estádio.

Em ambos os casos, podemos dizer que, mesmo torcendo de formas diferentes, os dois são torcedores que simbolizam seus times. Dizemos isso baseando-nos na afirmação de Hobsbawm: "O indivíduo, aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação" (HOBSBAWM, 1994, p. 171 *apud* DAMO, 1998, p. 50).

Também em 1977, Nick é aceito pela prestigiada Universidade de Cambridge, fato marcante que o difere dos outros torcedores de futebol. "É verdade que a maioria dos fãs de futebol não tem um diploma da Oxbridge,⁶³ eles são apenas pessoas"⁶⁴ (HORNBY, 2000, p. 88). Para ele, essas pessoas seriam aquelas que deixaram os estudos aos 16 anos, vários se tornaram hooligans e pequenos delinquentes. Podemos inferir, aqui, uma grande distinção entre classes presente na vida de Nick. O que, para ele, ser de uma melhor classe destoava com os anos em que foi torcedor fanático na North Bank.

Em Cambridge, e não podendo assistir aos jogos do Arsenal com a frequência que gostaria, começou a passar os sábados assistindo aos jogos do time da universidade, o Cambridge United. Como não poderia deixar de ser, se apaixonou pelo time e o adotou como seu 2º time, deixando de vez seu gostar pelo Reading.

Um aspecto importante para Grant é o seu sentimento de pertencimento. Ele vivia seu clube, mesmo à distância. Ele era o torcedor, no sentido de Giulianotti, um fanático, mas não podemos tipificá-lo assim pois ainda não ia ao estádio assistir aos jogos de seu time. Sabia tudo sobre seu time pelas revistas, jornais e um pouco pela televisão. "Este é o meu clube e, por extensão, a minha cidade, poderia criar estatísticas, discutir estilos, discutir os méritos dos diferentes treinadores e

⁶³ Oxbridge, designação dada aos alunos das Universidades de Oxford e Cambridge na Inglaterra.

⁶⁴ Originalmente: "It is true that most football fans do not have an Oxbridge degree, they are just people."

jogadores”⁶⁵ (FARRED, 2008, p. 132), ele se sentia em Liverpool mesmo estando em Cape Town.

Quanto a Nick, um sentimento de traição o consumia, pois estava dando mais atenção ao Cambridge United do que estava dando ao Arsenal. Então, um pensamento lhe veio à mente: “Não estou sendo infiel ao Arsenal, pois os dois times não habitavam o mesmo universo”⁶⁶ (HORNBY, 2000, p. 90). Sim, era verdade, pois enquanto o Arsenal estava na 1ª divisão, o United estava na 4ª divisão, divisão essa que se assemelha aos campeonatos de várzea disputados no Brasil. E, assim, ele pôde conviver bem com os dois times.

Grant não compartilha esse sentimento de traição de Nick por ter um segundo time. Ao contrário, para ele, “Outra característica de *long distance love* (amor à distância) é que você pode imaginar torcer por uma equipe ‘número dois’”⁶⁷ (FARRED, 2008, p. 133), e no caso dele, o escolhido foi o Stoke City. Seu pai o havia levado para ver o Stoke jogar em Cape Town nos jogos de exibição no início dos anos 1970, e ele ficou deslumbrado ao ver em campo Sir Stanley Matthews, o primeiro jogador a ser consagrado “cavaleiro” e também Gordon Banks, o goleiro da seleção inglesa que fez uma maravilhosa defesa de uma cabeçada certa de Pelé durante a Copa do Mundo de 1970, mesmo tendo assistido ao jogo da seção “Coloureds” (FARRED, 2008, p. 133), uma seção segregada onde os negros podiam assistir aos jogos no estádio de “Hartleyvale”, que nos dias atuais é usado como estádio de hockey.

A mistura que havia nos times da 4ª divisão chamava a atenção de Nick. Os times tinham jogadores magros e gordos, velhos e novos, todos com talento questionável e, geralmente, tinham um jogador que já havia jogado nos grandes clubes ingleses. Sem saber dessa queda de Nick pelo United e pelos jogos da 4ª divisão, Grant também participa desse momento, mesmo de longe. Afinal, eram esses times os convidados a fazer jogos de exibição na África do Sul e em outros países do Commonwealth (países com ligação à Inglaterra). Inclusive, ele nos narra

⁶⁵ Originalmente: “*This is my club, and by extension my city, I could site statistics, I could discuss styles, I could debate the merits of the different managers and players.*”

⁶⁶ Originalmente: “*I am not being unfaithful to Arsenal, because the two teams did not inhabit the same universe.*”

⁶⁷ Originalmente: “*Another feature of long distance love is that you can actually imagine a ‘number two’ team.*”

a ida aos estádios com seu pai, para o jogo do Stoke como dito acima, e outros, sem falar exatamente qual time estava jogando, para assistir aos jogos de exibição de times ingleses de pouca ou nenhuma expressão. A maioria desses times e jogadores participava dos jogos de exibição para suplementar suas rendas, enquanto, para Grant, essas partidas serviam para mostrar a supremacia branca num regime de exceção como o Apartheid.

Ainda na construção de sua identidade, pois, como colocado por Hall, a “construção da identidade, que, neste caso, ocorre por meio da diferença, ou seja, não na relação com o *eu*, mas sim na relação com o *outro*” (HALL, 2015, p. 65), Nick se atreve a tecer uma relação com torcedoras do sexo feminino.

Para Nick, as obsessões masculinas, fazendo um recorte dos torcedores de futebol ingleses, são álbuns de música, conhecimento sobre seu time, carros e rúgbi. Contudo, a visão é diferente quando pensa no que seria a obsessão feminina: “(...) há mulheres com obsessões, geralmente são, eu acho, sobre pessoas, ou o foco de sua obsessão muda com frequência”⁶⁸ (HORNBY, 2000, p. 95), sendo que não nos atrevemos a concordar ou discordar com a posição de Nick. Ainda quanto a isso, Nick chega a uma conclusão sobre as mulheres nos estádios. Depois do jogo entre United e Exeter City, para decidir qual iria subir de divisão, sua namorada, após o primeiro gol do Exeter desmaia ao lado dele, que, como reação, não faz nada, pois mesmo não sendo aquele fanático de antes, se preocupava demais com o jogo para se preocupar com o desmaio de sua namorada. Tendo sido levada por amigas para o centro médico, Nick só se importava com a busca do gol de empate. Com 21 anos, sua obsessão pelo futebol ainda comandava suas ações e reações. O jogo o cegava em relação aos outros. “Não quero cuidar de ninguém quando estou em uma partida. Eu não sou capaz de cuidar de ninguém em uma partida.”⁶⁹ (HORNBY, 2000, p. 97), disse. Pois, para ele, a reação das mulheres numa partida seria sempre a mesma: “as mulheres sempre vão desmaiar em jogos de futebol”⁷⁰ (HORNBY, 2000, p. 97), visão extremamente machista e absurda, mas que era

⁶⁸ Originalmente: “(...) there are women with obsessions, they are usually, I think, about people, or the focus for their obsession changes frequently.”

⁶⁹ Originalmente: “*I don't want to look after anybody when I'm at a match. I'm not capable of looking after anybody at a match.*”

⁷⁰ Originalmente: “(...) women are always going to faint at football matches.”

comum à época. Esse é um dos exemplos da força de argumentação das obras de Nick e Grant já apontada por Osmond (2003, p. 63-64), que mostra como autobiografias podem atuar “como instâncias de memória social para o indivíduo e sua época”, mesmo que não concordemos com o que é colocado. E, como alento próprio, para explicar sua falta de empatia, Nick coloca a culpa no futebol, “... e então é isso que o futebol fez comigo”⁷¹ (HORNBY, 2000, p. 98).

O futebol tem essa premissa de nos fazer sofrer, nos fazer carregar uma dor pela derrota por anos, mas, mesmo assim, continuamos firmes. Grant pensava assim, mesmo quando a ferida era grande. Naquele momento, em 1977, Grant se sente não só abandonado, mas traído. Para explicar tal sentimento, Grant usa a teoria do “*Wounded attachment*” (apego ferido) do filósofo político Wendy Brown que diz: “Apego ferido é o nome dado à experiência de ser abandonado por alguém muito próximo a você, alguém que você imaginou conhecer intimamente, alguém que você pensava que poderia – e iria – nunca traí-lo”⁷² (BROWN *apud* FARRED, 2008, p. 103). Essa ferida, essa traição, essa dor incondicional tomou conta de Grant no episódio da saída de Kevin Keegan, um dos melhores jogadores do Liverpool em 1977 para o Hamburgo SV da Alemanha. Grant disse que “essas feridas são muito profundas, muito primitivas, para sarar completamente. Eu sei que nunca superei Kevin Keegan ter deixado Liverpool em 1977”⁷³ (FARRED, 2008, p. 104), conta. Esse sentimento que só um torcedor fanático sente ao ser abandonado por um de seus ídolos. Outros jogadores também deixaram o Liverpool, mas, para Grant, nenhum marcou tanto como Keegan.

Identificamos, até aqui, o esforço de organização individual, a busca da memória e lembranças de Nick e Grant, sua organização e clareza ao narrarem os fatos. Isso corrobora Pollak, que, como dito anteriormente sobre a memória individual, ela “grava, recalca, exclui, relembra e é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

⁷¹ Originalmente: “*And then that is what football has done to me.*”

⁷² Originalmente: “*Wounded attachment is the name for the experience of being abandoned by someone very close to you, someone you imagined yourself to know intimately, someone you thought could – and would – never betray you.*”

⁷³ Originalmente: “*Those wounds are too deep, too primal, to ever heal fully. I know I never really got over Kevin Keegan leaving Liverpool in 1977.*”

No jogo final da FA Cup em 1978, Arsenal jogaria contra o Ipswich no estádio de Wembley. Até os dias atuais, Nick tem péssimas lembranças do Arsenal jogando naquele estádio. Além da derrota de seu time, o que já era costumeiro naqueles anos, Nick havia descoberto algo que o deixaria ainda mais frustrado e desanimado com o futebol. Descobriu que a Associação de Futebol Inglesa não disponibilizava ingressos para os torcedores das equipes participantes das finais. A Associação os distribuía de acordo com seus interesses para grupos distintos e, por isso, seu pai teve que pagar muito caro pelo ingresso tendo-o comprado de um contato dele.

Para Nick, o horror sempre acontecia em Wembley. Nesses dez anos como torcedor, em apenas duas ocasiões havia o Arsenal ganhado algum campeonato. Havia perdido três das quatro finais disputadas em Wembley. Mas aquela final em 1978 seria diferente. Nick não podia nem gritar, ou reclamar do jogo para outro torcedor do Arsenal, pois lá eles não estavam. Estavam apenas “aqueles tipos empresários, cuja dor se expressa em formas diferentes do que as nossas”⁷⁴ (HORNBY, 2000, p. 101).

Não diferente de outro torcedor, Nick tinha vários rituais aos quais se apegava na tentativa de ver seu time vencer. “Lembro-me de comprar o programa do mesmo vendedor e entrar no estádio pela mesma catraca”⁷⁵ (HORNBY, 2000, p. 102) além de tentar “(...) meias da sorte, camisetas da sorte, chapéus da sorte e amigos da sorte”⁷⁶ (HORNBY, 2000, p. 103), mas, durante muito tempo, nada disse pareceu funcionar a favor do Arsenal.

Por não frequentar os estádios para acompanhar os jogos do Liverpool, Grant não nos relata nenhum tipo de ritual ou mania de torcedor. Por outro lado, na mesma época de 1978, evidentemente com o olhar de quem está escrevendo mais de 30 anos depois, ele apenas comenta sobre a “Guerra Sucia” ou “*Dirty War*” (FARRED, 2008, p. 9), sobre a Copa do Mundo na Argentina, que foi uma competição contaminada pela violência, corrupção e intervenção direta dos

⁷⁴ Originalmente: “*Those businessmen types, whose hurt is expressed in forms different from our own.*”

⁷⁵ Originalmente: “*I remember buying the programme from the same seller and entering the stadium through the same turnstile.*”

⁷⁶ Originalmente: “*(...) lucky socks, lucky shirts, lucky hats, and lucky friends.*”

“generalíssimos”, pois a Argentina, que vivia uma ditadura militar comandada pelo general Jorge Rafael Videla Redondo, via na organização do torneio a oportunidade de popularizar o regime e promover a distração nacional dos problemas políticos e econômicos. Mais uma vez, um governante usando o futebol para distrair a população dos reais problemas da nação. Naquela Copa, em virtude de todas as ocorrências, o Brasil é considerado por alguns o campeão moral, pois esteve invicto durante toda a competição.

Na segunda de maio de 1979, três grandes eventos tomaram toda a atenção de Nick. O primeiro, e talvez o menos importante, eram as provas finais da universidade. Como bom aluno, estava preparado para as provas. O segundo, de grande importância não só para Nick, mas para todo o Reino Unido, a eleição que elegeria Margareth Thatcher como Primeira-Ministra, mudando totalmente os rumos da política e economia britânicos. O terceiro, o mais importante dentre todos, o jogo final da FA Cup entre Arsenal e Manchester United, novamente no palco das grandes derrotas do Arsenal, o terrível estádio de Wembley. Nenhum dos dois primeiros o preocupava, contanto que nenhum tivesse alguma influência direta no resultado da partida.

Para Nick, foi talvez uma das melhores partidas do Arsenal em muitos anos. No primeiro tempo, os Gunners marcaram duas vezes e terminaram o primeiro tempo com vantagem de 2x0 sobre o United. Apenas a critério de informação, o jornalista brasileiro Joares Suares, famoso por suas colocações, sempre disse em duas transmissões que 2x0 é o placar mais perigoso do futebol. Nick talvez não soubesse disso, pois torcera muito no segundo tempo achando que o título já estava ganho, mas, aos 87 minutos da partida os Red-devils marcaram e logo em seguida, aos 88 marcaram novamente, para desespero total da torcida do Arsenal. E, para deleite de Nick, no próximo minuto, o de 89, o Arsenal marcou o gol que lhe deu o título, não sendo necessário comentar aqui toda a alegria e a comemoração que viria a seguir.

Mas o fato curioso, que veio após todos esses momentos de tensão daquela semana particular, foi a decisão que Nick tomou. “Eu não tinha ambições quando decidi que poderia e iria escrever para viver, deixei o meu emprego e

esperei que editores ou produtores me ligassem”⁷⁷ (HORNBY, 2000, p. 103). Ou seja, ele deixou seu emprego de professor de Inglês para ser escritor, segundo ele, a melhor decisão de sua vida.

Nessa época, Grant ainda estava na escola, e nem pensava em se tornar escritor ou professor, porquanto de poucos relatos dessa fase, apenas da relação com poucas informações e alguns jogos na televisão do Liverpool.

O ano de 1980 havia começado muito bem para o atual campeão da FA Cup, o Arsenal. Chegou facilmente nas semifinais. Nessa temporada, Nick pouco pôde acompanhar o Arsenal no estádio em razão dos estudos e sua vida profissional. Acompanhava aos jogos pela televisão ou pelo rádio. Voltara a ser apenas um flâneurs como apontado por Giulianotti, que acompanha seu time pela mídia, mas ainda mantinha uma pitada de “fanático”.

Novamente, se encontram frente a frente, Nick e Grant. Ou melhor dizendo, Arsenal e Liverpool, pelas semifinais da FA Cup. A dificuldade sempre encontrada por Grant para acompanhar seu time, desta vez, aconteceu com Nick. Os jogos foram em Liverpool, chegaram a jogar quatro vezes num período de um mês. Como não havia prorrogação, caso o resultado fosse empate, seria marcado um novo jogo e assim aconteceu nas três primeiras partidas. E, para seu desespero, os jogos foram apenas transmitidos pelo rádio. Na quarta e derradeira partida, martírio total para Nick, que, na verdade, não estava acostumado a acompanhar seu time pelo rádio. “Eu não sou um bom ouvinte de rádio, mas poucos fãs o são”⁷⁸ (HORNBY, 2000, p. 110). Somada a tudo isso, estava a falta que estar no estádio o fazia “(...) a incapacidade de ver o campo me deixa muito mais nervoso do que se estivesse no jogo ou assistindo pela TV”⁷⁹ (HORNBY, 2000, p. 110). Na última partida, Arsenal havia marcado logo no início, mas Nick estava tão nervoso e envenenado pela nicotina de tantos cigarros que, para evitar o pior, teve que desligar o rádio. Para aliviar sua tensão, fumava freneticamente ao som das

⁷⁷Originalmente: “I had no ambitions when I decided that I could and would write for a living, packed my job in and waited around for publishers or producers to call me up.”

⁷⁸ Originalmente: “I’m not a good radio listener, but then very few fans are!”

⁷⁹ Originalmente: “(...) my inability to see the pitch makes much more nervous than I would be if I were at the game, or watching on TV.”

“propriedades talismáticas dos Buzzcocks”⁸⁰ (HORNBY, 2000, p. 111), sendo que Buzzcocks era uma banda britânica de punk Rock. Ele não acompanhou a vitória do Arsenal pelo magro placar de 1x0 simplesmente porque o sistema nervoso de um torcedor fanático não permitiu. E, então, o time foi para a terceira final da FA Cup em três anos consecutivos.

A derrota do Liverpool, por sua vez, não abalou Grant. Naquele momento, aos 18 anos – e com toda a informação sobre o Liverpool, sua história e sobre a cidade –, ele teve a capacidade de não se abater com a derrota, pois o que ele estava se propondo era algo muito maior. No seu íntimo, ele se mudaria para Liverpool: “Mudei-me para Liverpool, não fisicamente, é claro, mas mudei o centro cultural de toda a minha vida psíquica para aquela cidade “provinciana” do noroeste da Inglaterra, com sua complicada história racial e política”⁸¹ (FARRED, 2008, p. 131). Claro que essa mudança não foi tão simples. Um garoto negro da África do Sul, torcendo e querendo viver a realidade dos “Scousers” (pessoas que são de Liverpool e torcem pelo Liverpool). Temos que acrescentar um fator histórico, já que, no século XIX, Liverpool era o maior porto escravocrata do mundo, sendo chamada pelos ingleses de “Slavepool” (*slave* de escravo e *pool* de Liverpool) (FARRED, 2008, p. 131), além disso, o time do Liverpool era extremamente racista e, até 1980, nenhum jogador negro havia jogado com sua camisa. Mesmo querendo estar em Liverpool e se sentir em casa lá, sabia que isso seria, até aquele momento, muito difícil.

Como curiosidade dessa mudança mental de Grant, na realidade, em 1992, aos 30 anos, ele pode concretizar o seu sonho, não o de se mudar para Liverpool, mas foi a primeira vez que ele visitou a cidade e pôde reviver todas as histórias que havia lido quando jovem, sendo uma delas a de ver os grafites que haviam sido feitos pela torcida do Liverpool em relação aos jogadores negros que começaram a jogar pelo time nos anos 1980: “... sendo confrontado com slogans racistas pintados nas paredes do estádio⁸²: “*NF*”, “*White Power*”, “*No Wogs Allowed*”,

⁸⁰ Originalmente: “*Talismatic properties of the Buzzcocks.*”

⁸¹Originalmente: “*I moved to Liverpool, not physically of course, but I moved the cultural center of my entire psychic life to that “provincial” northwestern English city, with its complicated racial and political history.*”

⁸² Originalmente: “*Being confronted with racists slogans daubed on the stadium walls.*”

“*There’s no Black in the Union Jack*” and “*Liverpool are White*” (FARRED, 2008, p. 19), expressões que não precisam de tradução pois a mensagem é única. Poucos times ingleses tinham jogadores negros nas décadas de 1960 em diante e o Liverpool era um dos totalmente contrários à ideia. Mesmo assim, Grant não “enxergava nenhuma ambiguidade em ser torcedor do Liverpool, clube totalmente racista, e, por outro lado, lutar por igualdade racial” (FARRED, 2008, p. 137-138).

Arsenalesque (HORNBY, 2000, p. 116), assim é intitulado o capítulo que fala da final da FA Cup de 1980 contra o time da segunda divisão West Ham. Pelo título, podemos imaginar qual foi o resultado e como se deu o enredo da partida, 1x0 para os Ham. Mais uma grande e vexatória derrota dos Gunners em Wembley, estádio amaldiçoado para Nick⁸³. Seu sentimento e sua revolta foram os mesmos de tantas outras derrotas.

Depois de mais esse fiasco do Arsenal, Nick escreve um desabafo, que é pertinente a todos os clubes de futebol, aos torcedores e a todos que fazem parte do espetáculo, mas é principalmente o sentimento de todos os torcedores ao redor do mundo. Ele assim escreve:

Os times de futebol são extraordinariamente criativos nas maneiras que encontram para causar tristeza aos seus torcedores. Eles lideram em Wembley e depois perdem o jogo; eles vão para o topo da Primeira Divisão e então param de ganhar; empatam o difícil jogo fora e perdem o replay em casa; eles vencem o Liverpool em uma semana e perderam para Scunthorpe na próxima; eles o seduzem, no meio da temporada, a acreditar que são candidatos a promoção e depois vão por outro caminho ... sempre, quando você pensa que antecipou o pior que pode acontecer, eles aparecem com algo novo.⁸⁴ (HORNBY, 2000, p. 119).

Curiosidade interessante é o fato de Nick citar o Liverpool como referência não só nesta passagem, mas em outras durante sua narrativa através da obra, como se inconscientemente já quisesse alfinetar Grant e, em contrapartida,

⁸³ Ele teria ficado feliz de escrever sobre a demolição do estádio de Wembley em 2002 e sua reinauguração em 2007 para tentar espantar aquela onda de azar que pairava sobre o Arsenal nas decisões em Wembley, mas como a obra é de 1992, ficaria para outro livro que escreveria.

⁸⁴ Originalmente: “*Football teams are extraordinarily inventive in the ways they find to cause their supporters sorrow. They lead at Wembley and then throw it away; they go to the top of the First Division and then stop dead; they draw the difficult away game and lose the home replay; they beat Liverpool one week and lose to Scunthorpe the next; they seduce you, half-way through the season, into believing that they are promotion candidates and then go the other way...always, when you think you have anticipated the worst that can happen, they come up with something new.*”

Grant faz o mesmo no desenrolar de sua narrativa, como, por exemplo, nas passagens: “A sorte do Liverpool todos os sábados à tarde, para vê-los derrotar o Arsenal”⁸⁵ (FARRED, 2008, p. 27) ou em “Passei a não gostar de certos adversários, mas na verdade Everton e Arsenal são clubes que especialmente desprezo”⁸⁶ (FARRED, 2008, p. 39).

Mais uma temporada se iniciava, a de 80/81 e, como bom torcedor, Nick tinha esperança de que as coisas fossem diferentes. Já no primeiro jogo em casa, algo não estava certo. Muitos torcedores do lado de fora de Highbury, muita confusão para entrar, poucas catracas e muitos policiais. Ele conta que tinha ficado sem ar no meio dos torcedores e que, na época em que escreveu o livro, se lembrava daquele e outros momentos em que poderia ter morrido se a confusão tivesse escalonado em mais violenta. Fez uma analogia à tragédia de Hillsborough, pela semelhança dos fatos: “Mas pensei naquela noite, nove anos depois, na tarde do desastre de Hillsborough, e em muitas outras tardes, estive muito mais perto da morte do que gostaria de pensar”⁸⁷ (HORNBY, 2000, p. 121), a falta de segurança nos estádios e a violência das torcidas ainda eram fatores importantes à época.

Naquele momento, uma preocupação que assombrava Nick se referia à sua futura paternidade. Provavelmente, todos os torcedores fanáticos, em qualquer tipificação, ou pelo menos de seguidores ou fãs na tipificação de Giulianotti, Galeano ou outras, dividam a mesma preocupação apontada por Nick. “Deve haver muitos pais em todo o país que experimentaram a rejeição mais cruel e esmagadora de todas: seus filhos acabaram torcendo pelo time errado”⁸⁸ (HORNBY, 2000, p. 122). Preocupações de um pai como Nick em continuar, na família, o fanatismo pelo seu time de futebol são normais. O mais interessante é o fato de que, mesmo sendo fanático, e se utilizando de milhares de artifícios, geralmente tudo isso não resulta necessariamente em conseguir passar adiante, isto é, aos seus filhos, seu fanatismo por um time de futebol. Com Nick, não foi diferente: sua preocupação se

⁸⁵Originalmente: “*Liverpool’s fortunes every Saturday afternoon, to see them outplay Arsenal.*”

⁸⁶Originalmente: “*I came to dislike certain foes, but in truth Everton and Arsenal are clubs I especially despise.*”

⁸⁷Originalmente: “*But I thought about that evening nine years later, on the afternoon of the Hillsborough disaster, and about a lot of other afternoons, I have been much closer to death than I care about to think.*”

⁸⁸ Originalmente: “*There must be many fathers around the country who have experienced the cruelest, most crushing rejection of all: their children have ended up supporting the wrong team.*”

concretizou. Na entrevista que deu ao jornal *The Guardian*⁸⁹, em 2000, disse que seu filho, que fora diagnosticado com autismo, decidiu ser um Spurs, torcedor do Tottenham, muito a contragosto e tornando sem efeito todas as tentativas de seu pai.

Por outro lado, Nick teve uma vitória familiar. Seu pai havia se casado novamente e teve um casal de filhos. Jonathan, o mais velho, era muitos anos mais novo que Nick e, neste caso, as tentativas de Nick foram frutíferas, mesmo que pelas razões erradas. Seu irmão se tornou sim um torcedor fanático do Arsenal, mas porque gostava de ir ao estádio com o irmão para ver a violência da partida, brigas entre torcidas e entre os próprios torcedores do Arsenal. Não passou pelo processo de Nick, já foi direto para North Bank. Jonathan apenas dizia ao irmão: “Isto é incrível” (*This is incredible*) (HORNBY, 2000, p. 123) ao presenciar as brigas e confusões nos jogos, e Nick, para amenizar, dizia que ambos se tornaram torcedores do Arsenal por causa de uma falha genética.

Grant não nos revela nada sobre seus filhos, pois na época em que escreveu a obra, eles ainda não haviam nascido. Mas, ao ser perguntado, numa troca de e-mails que se deu no ano de 2020 conosco, ele disse que, em relação ao futebol, seus filhos são agnósticos, lhes faltam a fé pelo Liverpool.

Quanto à importância do futebol e seus clubes em suas vidas, é interessante avaliar a percepção dos autores aqui analisados.

O futebol tem uma importância extrema na vida de Nick, mas nem tanto quanto tem o Arsenal. “Eu sou um fã do Arsenal em primeiro lugar, e em segundo lugar, sou um fã de futebol”⁹⁰ (HORNBY, 2000, p. 127), fala que Nick usa para descrever sua relação com o futebol. Ainda para complementar a importância do futebol para ele e para todos os outros torcedores, sendo que, para ele especificamente, o futebol é mais importante do que entretenimento, Nick usa as palavras do ex-jogador Alan Durban⁹¹ (não nos oferece a referência): “(...) o futebol é um universo alternativo, tão sério e tão estressante como o trabalho, com as

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2000/nov/08/fiction.nickhornby>> Acesso em: 27 ago. 2020.

⁹⁰Originalmente: “*I am an Arsenal fan first, and a football fan second.*”

⁹¹ William Alan Durban é um ex-jogador de futebol e técnico internacional galês entre as décadas de 1970 e 1990. Ele jogou na Liga de Futebol de Cardiff City, Derby County e foi gerente-jogador da cidade de Shrewsbury.

mesmas preocupações e esperanças e decepções e elações ocasionais”⁹² (HORNBY, 2000, p. 127).

Grant, por sua vez, também nos traz a mesma ideia sobre a importância do futebol para ele. Mas a importância do Liverpool é expressada com as seguintes palavras (que ele divide com Bill Shankly)⁹³: “Existem apenas duas equipes em Liverpool: Liverpool e os Reservas do Liverpool”⁹⁴ (FARRED, 2008, p. 111), sendo que ele não tinha a mesma intenção de satirizar o Everton, o outro time da cidade de Liverpool.

O jogo entre Arsenal e Brighton em novembro de 1980 não teria nenhuma importância para Nick, não fosse o único jogo em que foi ao estádio com seu pai e seu irmão Jonathan, que praticamente tinha idade para ser seu filho. Jogo monótono, com pouca torcida, ideal para a família ir ao estádio, o que nos faz lembrar a ida em família ao estádio do Morumbi para assistir São Paulo e Mirassol, já contada aqui, nesta pesquisa. As mesmas características: família, jogo monótono, pouca torcida, mas com significado pessoal inimaginável.

No mesmo ano, Grant assistia, sem muito acreditar, à estreia de um jogador negro pelo Liverpool. Howard Gayle, o primeiro jogador negro a atuar numa partida pelo Liverpool. Seu caso é curioso, pois assinou contrato com o time em 1977, mas só jogou a primeira partida em 1980 e até o ano de 1983, quando foi dispensado. Ele jogou apenas 5 partidas em 6 anos de time. Importante elucidar que ele era de Toxteth, uma região de Liverpool, “a mais antiga comunidade negra nativa na Grã-Bretanha”⁹⁵ (FARRED, 2008, p. 135), segundo Grant. Apenas como algo a se pensar: a passagem de Gayle pelo Liverpool teria sido diferente se ele fosse branco?

No ano seguinte, sem ainda conseguir decolar sua carreira de escritor, Nick volta à sala de aula. Interessante destacar isso, pois também sou professor. Ele pretendia usar seu conhecimento sobre futebol e sobre música pop para poder se

⁹² Originalmente: “*That football is an alternative universe, as serious and as stressful as work, with the same worries and hopes and disappointments and occasional elations.*”

⁹³ Técnico do Liverpool de 1959 a 1974.

⁹⁴ Originalmente: “*There are only two teams in Liverpool: Liverpool and Liverpool Reserves.*”

⁹⁵Originalmente: “*the oldest indigenous black community in Britain.*”

identificar com os alunos, que tinham ao redor de sete a dez anos. Ledo engano, mais uma decepção em sua vida, o gap geracional era muito grande.

Grant, aqui no início dos seus estudos de linguística e estudos culturais e de raças em Cape Town, aparenta se aprofundar um pouco mais nas questões racistas não só do futebol, mas que de alguma forma o fazem lembrar das atrocidades que aconteciam na África do Sul. Ele cita uma confusão entre a comunidade negra e a polícia em Toxteth, cidade de Gayle, “Os distúrbios de 1981 em Toxteth foram distantes geograficamente, mas tão familiares para mim quanto enfrentar um veículo blindado em qualquer lugar nas ruas da África do Sul”⁹⁶ (FARRED, 2008, p. 135), distúrbios que se somaram ao de Brixton e outros em defesa da igualdade racial e menor perseguição contra os negros.

Quanto ao futebol especificamente, Grant nos conta outro relato, que ocorreu em 1981, na semifinal da European Cup. Howard Gayle, que jogava na posição quase extinta nos dias de hoje, ponta direita, contra o Bayern de Munique. Para Grant, ao entrar no segundo tempo da partida, ele mudou completamente a velocidade do jogo, algo para o qual os alemães não estavam preparados. Para Grant, ele foi o responsável pela vitória do time em mais de um sentido, “... ele teve uma performance excepcional, até mesmo o jornal local *Cape Town* havia dito, eles não tinham ideia de como parar sua corrida, ele venceu, de todas as formas, aquele jogo pelo Liverpool”⁹⁷ (FARRED, 2008, p. 138), mas não jogou na final contra o Real Madrid na vitória de 1x0 em Paris.

Entretanto, Grant apresenta uma teoria para a não participação de Gayle na final. Para ele, passa pelo técnico do time, Bob Paisley⁹⁸, “Paisley acreditava na brancura inerente à história do Liverpool FC”⁹⁹ (FARRED, 2008, p. 139), ou seja, por compartilhar as mesmas ideias racistas do Scousers, ele jamais escalaria um jogador negro numa final, mesmo que ele fosse necessário. Afinal, o pensamento dos dirigentes e torcedores do Liverpool era o seguinte, como apontado por Grant:

⁹⁶ Originalmente: “*The 1981 riots in Toxteth were far away geographically but as familiar to me as facing an armored vehicle anywhere on the streets of disenfranchised South Africa.*”

⁹⁷Originalmente: “*He’d played blinders, even the local Cape Town said so, they had no idea of how to stop his running, he won, by all accounts, that game for Liverpool.*”

⁹⁸ Assistente de Shankly de 1959 a 1974 e técnico de 1974 a 1983.

⁹⁹ Originalmente: “*Pasiley believed in the inherent, historical whiteness of Liverpool FC.*”

“Os jogadores negros não eram confiáveis, especialmente nos principais jogos europeus”¹⁰⁰ (FARRED, 2008, p. 139).

No jogo entre Arsenal e West Ham em maio de 1982, uma triste realidade se abate sobre Nick. A violência nos estádios estava cada vez maior, os torcedores que não eram hooligans estavam cada vez mais acuados. A organização violenta dos hooligans havia deixado as torcidas e criado seus próprios grupos, como: “F-Troop (Millwall), Inter-City Firm (West Ham), The Gooners (Arsenal) e The Urchins, R.R.S. Runcorn Riot Squad (Liverpool)” (HORNBY, 2000, p. 133), entre outros. Não se chamavam de torcidas, mas, sim, de “*Firms*” (firmas), pois tinham organização e hierarquias parecidas com firmas de negócios. Já se assemelhavam com o que temos no Brasil, as nossas torcidas organizadas.

A violência estava tão descontrolada que, nesse jogo, ele e o filho de um amigo, que tinha ido assistir ao Arsenal pela primeira vez, tiveram que invadir o gramado em razão da briga generalizada entre as torcidas e a polícia, e também pelo uso excessivo de gás lacrimogêneo por parte da polícia que estava em menor número. A violência naquela época era exponencial, muito em virtude das condições socioeconômicas mencionadas anteriormente, pouco ou nada tinha a ver com o futebol. Este funcionava apenas com uma válvula de escape da situação.

Como apontado por ambos, podemos concluir que a violência na época não se resumia apenas ao futebol, mas, sim, às condições socioeconômicas e políticas impostas pelo governo britânico.

Nick, como fanático por futebol, na falta de possibilidade de assistir aos jogos do Arsenal, se ocupava com qualquer jogo ao qual pudesse frequentar. Disse ele: “Assistirei a qualquer jogo de futebol, a qualquer hora, em qualquer lugar, e em qualquer condição climática”¹⁰¹ (HORNBY, 2000, p. 135). Ele frequentava os jogos do *Maidenhead United of the Athenian*, que disputava a Athenian League, considerada na época uma “non-league” (sem liga) (HORNBY, 2000, p. 137). Esta “sem liga” durou de 1963 a 1973, quando foi reconhecida pela Associação de Futebol Inglesa e passou a se chamar *Isthmian League*, que corresponde nos dias de hoje à 5ª divisão do futebol inglês.

¹⁰⁰ Originalmente: “Black players could not be trusted especially not in key European games.”

¹⁰¹ Originalmente: “I will watch any football match, any time, any place, in any weather conditions.”

Em maio de 1983, Nick foi a mais uma partida dessa liga, a *Isthmian League*. Para ele, era o local ideal, pois poderia apenas torcer e apreciar o jogo sem se importar com o placar. Ali, ele poderia apreciar os torcedores daqueles times, que, em sua concepção, eram “*ridiculously mad*” (ridiculamente loucos) (HORNBY, 2000, p, 137), mas ficava sem saber se eram apenas loucos pelo time ou também pela péssima qualidade do futebol que seus times apresentavam.

No verão de 1983, pela segunda vez, Nick desistiu de seu emprego para se dedicar em tempo integral ao trabalho de escritor. Tinha uma visão bucólica do futebol e das pessoas. “Talvez times de futebol e pessoas estejam sempre começando de novo”¹⁰² (HORNBY, 2000, p. 139) – mais o Arsenal do que ele próprio, pois o Arsenal lhe tinha mostrado mais altos e baixos do que ele havia experimentado em sua vida pessoal. No Natal daquele ano, tudo para Nick estava em baixa. Havia terminado seu livro “*Cannonball Kid*” (HORNBY, 2000, p. 140), mas, assim como o Arsenal (sem chance alguma no campeonato), nada havia conseguido com os editores. Nick então, num momento de delírio e por outro lado, e que poderia ser interpretado como de prazer para Grant, diz sobre si mesmo: “Se eu tivesse apoiado o Liverpool e apostado minha fortuna em Ian Rush (atacante do Liverpool responsável pela ótima fase do clube), já teria ganhado um prêmio Booker¹⁰³ antes de maio”¹⁰⁴ (Hornby, 2000, p, 140), ao descrever as decepções do escritor e também do torcedor do Arsenal Nick Hornby.

A resiliência de Nick era sempre posta à prova. Na temporada de 83/84, seu segundo time, Cambridge United, havia batido o recorde da liga permanecendo 31 jogos sem vitória, sendo que Nick compareceu a 30 deles. Jamais desistiria dele, “No entanto, seria absurdo fingir que minha lealdade foi duramente testada: eu nunca pensei em abandonar a equipe simplesmente porque eles eram incapazes de

¹⁰² Originalmente: “*Maybe football teams and people are always having fresh starts.*”

¹⁰³ O Prêmio Booker – O principal prêmio literário no mundo de língua inglesa, que trouxe reconhecimento, recompensa e leitores a ficção de destaque por mais de 50 anos. Concedido anualmente ao melhor romance do ano escrito em inglês e publicado no Reino Unido ou Irlanda. Disponível em: <<https://thebookerprizes.com/>> Acesso em: 28 ago. 2020.

¹⁰⁴ Originalmente: “*If he had supported Liverpool, and ties his fortunes to Ian Rush, he would have won a Booker prize by May.*”

derrotar alguém”¹⁰⁵ (HORNBY, 2000, p. 142); afinal, torcedor de verdade não abandona seu time jamais. Mas Nick, no final da temporada o fez, abandonou o United e nunca mais voltou ao estádio para assistir aos seus jogos.

Narrando sobre um outro time, neste mesmo ano de 1984, Grant nos conta sobre a magnífica exibição de John Barnes e o gol pela seleção inglesa contra o Brasil, no Estádio do Maracanã. Barnes, assim como Gerrard, foram os jogadores que confirmaram a devoção de Grant pelo Liverpool. O gol foi tão bonito, que ele o considera como “um dos maiores gols da história do futebol, o gol que Barnes marcou em 10 de junho de 1984”¹⁰⁶ (FARRED, 2008, p. 1) e, para completar sobre a beleza do gol, ele afirma: “Pelé, dizia-se, admirou o gol”¹⁰⁷ (FARRED, 2008, p. 2). Grant, mesmo não sendo inglês, torcia para a seleção inglesa quando os principais jogadores do Liverpool a defendiam, isto é, jogavam por ela.

Ao se aproximar dos 30 anos de idade, um certo estranhamento com a temporada de 84/85 começa a perturbar a Nick. Não com o time, mas com a torcida. Aqui, ele se assemelha mais com o *Torcedor de raízes*: sua adesão aconteceu no primeiro dia lúdico de sua vida, e continuará crescendo, é um fã apaixonado, se considera parte do processo, sem ele, o jogador estará órfão. Mesmo quando não vai ao estádio, o que é raro, encontra formas distintas de torcer, como rituais próprios, é supersticioso e sempre recorre à fé (...), como apontado por Carvalho (2014, p. 16-18). Esse torcedor é aquele que tudo sabe sobre seu time e, no caso de Nick, isso o estava incomodando.

Ele estranhava o fato de os outros torcedores do Arsenal no estádio não serem tão interessados em tudo que norteava o time assim como ele. Ele sabia os nomes de todos os jogadores, atuais e do passado, estatísticas e tudo mais, enquanto os outros torcedores só sabiam o nome do craque do time e de algum outro jogador para poder xingá-lo de North Bank.

Grant nutria um sentimento parecido. Nenhum de seus amigos torciam para o Liverpool, e alguns colegas de escola que alegavam torcer para o Liverpool

¹⁰⁵ Originalmente: “*It would, however, be absurd to pretend that my allegiance was sorely tested: I never once thought of abandoning the team simply because they were incapable of beating anyone at all.*”

¹⁰⁶ Originalmente: “*One of the greatest goals in the history of football, the goal Branes scored on the 10th of June 1984.*”

¹⁰⁷Originalmente: “*Pelé, it was said, admired the goal.*”

não tinham nenhum conhecimento sobre o time, sua história, jogadores, estatísticas, nada. Grant dizia que, mesmo em casa, não se sentia em casa, pois sua psique estava em Liverpool, mas seu físico estava em Cape Town e ele não podia ir a Anfield para assistir aos jogos do Liverpool, se sentia isolado do mundo em seu próprio país.

Os anos 1980 foram, sem sombra de dúvida, os mais violentos na história do futebol inglês. Principalmente pelo número de tragédias nas quais os times ingleses estavam presentes.

Nick e Grant não estavam presentes em nenhuma delas, mas, de alguma forma, as vivenciaram. Candau nos explica que a memória não tem como ser uma reprodução fiel do tempo passado, pois se está falando da recordação enquanto “[...] uma representação presente da consciência” (CANDAU, 2013, p. 49), por isso, temos que entender a intencionalidade no momento em que tais lembranças são evocadas. No caso de Nick, por exemplo, há vários relatos de eventos passados que se aproximam, em muito, das tragédias de Heysel e Hillsborough, nos quais ele mesmo diz que quase morreu ou poderia ter morrido. Enquanto, no caso de Grant, estavam as violências exercidas pela polícia em Cape Town contra a comunidade negra, mas que, com sorte, ele nunca sofreu diretamente contra si, apenas as assistiu em loco ou pela televisão.

Sob essa perspectiva, podemos inferir que, em relação à memória individual de Nick e de Grant, elas se identificam com as representações do que Candau se referiu anteriormente como “metamemória, ou seja, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2013, p. 24). Mesmo não tendo participado efetivamente dos eventos, o enunciado do grupo os fará ter tido a memória de ter participado.

Para Nick, o momento em que os estádios e a própria forma de torcer estavam passando por sérias mudanças, devido exatamente a tais acontecimentos, se traduz, como ele disse, em “episódios cômicos, não fossem trágicos” (HORNBY, 2000, p. 146). Essas memórias foram tão marcantes para Nick, que Natasha Lise, em sua tese, nos aponta que a recordação o afetaria de tal forma que “possivelmente, se *Fever Pitch* fosse publicado em outro momento, essas

lembranças pesarosas não teriam vindo à tona, sobretudo se pensado o tom de ‘poderia ter sido eu’, no texto de Hornby” (LISE, 2018, p. 23).

Para finalizar as considerações sobre as memórias de eventos violentos nos anos de 1980, Nick nos mostra que nem mesmo as tragédias fizeram com que a violência diminuísse, dizendo, ainda, que muitas delas já eram previsíveis. “Os incidentes ocorridos foram apenas uma amostra. Helsey estava chegando, tão inevitavelmente quanto o Natal”¹⁰⁸ (HORNBY, 2000, p. 147). Poucas semanas antes de Helsey, os torcedores do Chelsea invadiram o gramado após uma derrota para o Sunderland e atacaram violentamente os jogadores em campo.

Uma distinção importante apontada por Nick em relação ao hooliganismo se dá ao hooliganismo doméstico e ao que acontece em outros países com as torcidas inglesas. A principal diferença ocorre em razão das bebidas alcoólicas. Para Nick:

A bebida nunca teve uma influência muito grande na violência doméstica, viajar para o exterior, no entanto, com travessias de balsa isentas de impostos, longas e enfadonhas viagens de trem e doze horas para matar em um país estrangeiro, sim, este é um problema totalmente diferente¹⁰⁹. (HORNBY, 2000, p. 151).

Ele aponta que, durante as temporadas da década de 1980, os jogos eram marcados na parte da manhã, evitando que os torcedores pudessem ir aos pubs antes dos jogos. Era proibida a venda de bebidas dentro do estádio e aos arredores dele.

No Brasil, durante as primeiras décadas do século XXI, vários estados proibiram a venda de bebidas alcoólicas nos estádios para tentar mitigar a violência que ocorria nos jogos. Mas, para Maurício Murad, essa ação teve muito pouco resultado. Numa pesquisa no estado de Pernambuco,¹¹⁰ um grupo de pesquisadores da UFPE concluiu que, nos anos em que a bebida foi banida dos estádios,

¹⁰⁸ Originalmente: “*The incidentes that took place were just the pick of the bunch. Helsey was coming, as inevitably as Christmas.*”

¹⁰⁹ Originalmente: “*drink hasn’t ever had a very large influence on domestic violence, traveling abroad, however, with the duty-free ferry crossings, long, boring train journeys and twelve hours to kill in a foreign country... this is a different problem altogether.*”

¹¹⁰ Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/esportes/futebol/noticia/2018/05/20/proibicao-de-bebidas-em-estadios-nao-reduziu-violencia-diz-pesquisa-339838.php>> Acesso em: 31 ago. 2020.

aumentaram os casos de violência nos jogos. Em relação à pesquisa, Murad analisa a razão pela qual a ação falhou:

Às vezes não tinha cerveja dentro do estádio, mas tinha fora. Os caras bebem muito fora do estádio e depois entram embriagados. Isso é um fenômeno muito comum aqui no Brasil. É hipocrisia liberar bebida fora e proibir dentro, porque o ambiente do jogo fica envolvido com a embriaguez. (MURAD, 2017, p. 78).

Em razão das proibições de bebidas alcoólicas nos estádios, Nick, em 1986, compreende que agora havia uma nova forma de libertação por parte dos torcedores e uma nova cultura estava emergindo nos estádios, “*the air was thick with marijuana smoke*” (o ar estava coberto pela fumaça de maconha) (HORNBY, 2000, p. 153), algo que, infelizmente, nos estádios do Brasil também se tornara corriqueiro.

A torcida era sempre algo diferente em Highbury. Ao levar uma namorada à partida entre Arsenal e Watford, Nick a havia avisado sobre o comportamento da torcida, que, às vezes, apoiava o clube e, às vezes, o criticava com vaias e tudo mais num período de poucos segundos. Ela não compreendia o porquê daquilo. E, numa outra monstruosa derrota, a torcida, incrivelmente, no final do jogo, estava apoiando o time, os jogadores e a comissão. Segundo Nick, “as coisas que sempre tentei explicar às pessoas sobre futebol é que não é uma fuga ou uma forma de entretenimento, mas uma versão diferente do mundo”¹¹¹ (HORNBY, 2000, p. 156), foi uma explicação plausível para sua namorada naquele momento.

Mesmo não torcendo para a Seleção Inglesa, Grant faz um breve comentário do acontecimento da Copa do Mundo de 1986 sobre o jogo entre Argentina e Inglaterra. O famoso “*Hand of God*”, “*La Mano de Dios*”, “A Mão de Deus” (FARRED, 2008, p. 61), isto é, gol de Maradona e assim mesmo por ele chamado, já que foi feito usando a mão para dar um toque por cima do goleiro inglês Peter Shilton. Ele não discute sobre o gol nem a derrota inglesa, mas, sim, sobre um gênio do futebol que também é um trapaceiro. E em comparação com Barnes e Gerrard, um jogador menor.

¹¹¹Originalmente: “*The things that I have often tried to explain to people about football – that it is not an escape, or a form of entertainment, but a different version of the world.*”

Após sete anos sem ver seu time chegar nem ao menos perto de uma decisão, tudo parece mudar em 1987. Até a loucura de Nick: “Naquela noite, deixei de ser um lunático torcedor do Arsenal e reaprendi a ser um fã, ainda mal-humorado e perigosamente obsessivo, mas apenas um fã”¹¹² (HORNBY, 2000, p. 174), o que não foi bem o que aconteceu. Naquela noite, o Arsenal venceu o Liverpool (Nick não se cansa de citar jogos contra o Liverpool), pela final da Littlewoods Cup¹¹³, que mais tarde seria chamada de League Cup, pelo placar de 2x1 de virada no até então terrível estádio de Wembley. Mesmo dizendo que voltara a ser um fã apenas, ele diz que não se lembra de nada, e que esse teria sido “o segundo de três ou quatro momentos marcantes de uma vida no futebol em que meu delírio era tal que eu não tinha ideia do que estava fazendo, onde tudo ficou em branco por alguns momentos”¹¹⁴ (HORNBY, 2000 p. 173). Qual melhor descrição de um torcedor fanático que, entre em delírio e esquecimento completo quando da vitória de um título pelo seu clube? Comum a todos os torcedores não se lembrar por alguns momentos vitórias e títulos triunfais.

No mesmo ano de 1987, estrearia no Liverpool John Barnes, considerado por Grant como “*God*” (Deus) do futebol. Como descrito anteriormente por Polley, sua contratação não foi tão simples como a de qualquer outro jogador branco pelo Liverpool. Fato inegavelmente interessante, pois, assim como Grant, Barnes era negro e foi a “maior contratação de um jogador negro pelo Liverpool” (POLLEY, 2003, p. 135). Para os torcedores do Liverpool, clube eminentemente elitista e racista (POLLEY, 2003, p. 135), tal contratação gerou uma série de consequências. Mesmo com os comentários do gerente de futebol do Liverpool, Kenny Dalglish, tentando atenuar um pouco sua contratação – “Ele não é um jogador negro, ele é um jogador” (POLLEY, 2003, p. 135) – e defendendo apenas a qualidade do jogador, o fato não convenceu a torcida.

Nick, por sua vez, estava feliz que o novo jogador do Liverpool só faria sua estreia depois da Littlewoods Cup final. Já no primeiro jogo, Barnes joga muito

¹¹² Originalmente: “*That night I stopped being an Arsenal lunatic and relearnt how to be a fan, still cranky, and still dangerously obsessive, but only a fan nonetheless.*”

¹¹³ Littlewoods Cup é uma competição que muito se assemelha à Copa do Brasil, com 92 clubes de várias divisões do futebol inglês.

¹¹⁴ Originalmente: “*The second of three or four lifetime football moments where my delirium was such that I had no idea what I was doing, where everything went blank for a few moments.*”

bem e ajuda o Liverpool a ganhar do Arsenal em Highbury. Fato normal para Nick: ver seu time perder em casa, mas muito triste pela reação da torcida do próprio Liverpool que jogou bananas no campo em direção a Barnes simplesmente pelo fato de ser negro. Isso também foi colocado por Polley, quando conta que os torcedores do Liverpool entoavam cantos racistas e jogavam bananas na direção de Barnes (POLLEY, 2003, p. 135). Fato esse que só perdeu em caráter racista para os torcedores do Everton, rivais locais do Liverpool, que além de jogarem bananas, cantavam “Nigerpool! Nigerpool!”¹¹⁵ e “Everton are White!” (Everton é branco) (HORNBY, 2000, p. 180). Não por coincidência, até a data em que a narrativa de Grant foi escrita, o Everton não conseguiu achar nenhum jogador negro para defender sua camisa. Mas Barnes jogava como um jogador negro, o que, para Grant, era especial, pois Barnes foi capaz de apaziguar sua sensação de insegurança sobre jogadores negros depois da passagem de Gayle pelo Liverpool, pois o fez acreditar numa “convicção de que os jogadores negros eram tão bons quanto (senão melhores que) seus colegas brancos (ingleses)”¹¹⁶ (FARRED, 2008, p. 144.) A única reação de Grant em relação aos protestos racistas das torcidas em relação a Barnes era “Não consigo desassociar o Apartheid na África do Sul do Apartheid no Liverpool”¹¹⁷ (FARRED, 2008, p. 145), ou seja, a segregação racial era o que mais incomodava Grant tanto na África do Sul quanto no time e cidade de Liverpool.

Numa das três únicas crônicas escritas por Hornby sobre a seleção Inglesa, ele não mais destaca como era leve torcer por ela. Em um amistoso contra a Seleção Holandesa em 1988, novamente em Wembley, Nick explica como era pesaroso ir aos jogos da seleção. A Inglaterra passava por uma grande crise socioeconômica e esportiva. A violência estava a flor da pele, e, em uma partida na qual os torcedores eram de vários times e divisões diferentes, classes econômicas distintas, credos diferenciados, alguns times com jogadores negros e outros estrangeiros, havia motivos mais do que suficientes para grande violência nos jogos da seleção. E, neste jogo amistoso, não foi diferente: não se poderia separar as

¹¹⁵ Uma junção entre as palavras *NIGER* (negro) e Liverpool, afirmando que o Liverpool era negro.

¹¹⁶ Originalmente: “*my belief that Black players were as good as (if not better than) their White (English) counterparts*”.

¹¹⁷ Originalmente: “*I cannot disconnect Apartheid SA from Apartheid LP.*”

questões socioeconômicas da violência no futebol. Tanta foi a confusão, que Nick só conseguiu entrar no estádio após o primeiro gol da Inglaterra. Nick nos conta que todos foram ao estádio para assistir aos principais jogadores holandeses, Gullit e Van Basten, que eram o pilar do ataque da Holanda, mas abrimos um parêntese aqui para acrescentar Koeman e Rijkaard que formavam o pilar defensivo e criativo da seleção holandesa.

A Holanda havia virado logo em seguida para 2x1 e a seleção inglesa jogava tão mal que “pouco antes do intervalo desistimos e fomos para casa”¹¹⁸ (HORMBY, 2000, p. 194). Nick compara o problema da seleção jogando pessimamente e gerando enorme violência em seus jogos com a de qualquer clube que não joga bem, não ganha muitos títulos, assim com seu Arsenal: “O problema aqui é que, a menos que um time esteja jogando bem, ganhando coisas, enchendo seus estádios, os clubes simplesmente não podem se dar ao luxo de alienar as próprias pessoas que deveriam expulsar”¹¹⁹ (HORNBY, 2000, p. 195).

Para Grant, contudo, o ano de 1988 ainda traria muitas emoções. A final da FA Cup. Naqueles tempos época, já era um torcedor ávido por acompanhar aos jogos pela televisão, e por que não, “cornetar” o técnico do seu time. Como Grant praticamente não fala das derrotas do Liverpool, este é um dos poucos momentos narrados por ele, mas, claro, com um tom de injustiçado. “Não posso esquecer a injustiça da derrota para a tática violenta de Wimbledon na Copa da Inglaterra de 1988. Jogamos tão bem com nosso novo time”¹²⁰ (FARRED, 2008, p. 133), time que havia sido remontado após Helsey. O time adversário havia jogado um anti-jogo, parando o time do Liverpool com muitas faltas. Mas Liverpool teve a oportunidade de marcar numa cobrança de pênalti, com Aldo, um dos bons jogadores do time. Assistindo ao jogo, o “técnico e torcedor” Grant havia gritado para que o técnico do Liverpool não o deixasse cobrar, “Não deixe Aldo bater o pênalti”, “ele vai chutar no lado direito Beasant (goleiro adversário) vai defendê-lo”¹²¹ (FARRED, 2008, p. 134),

¹¹⁸ Originalmente: “Just before half-time we gave up and went home.”

¹¹⁹ Originalmente: “The problem here is that unless a team is playing well, winning things, filling their stadia, clubs simply cannot afford to alienate the very people they are supposed to be purging.”

¹²⁰ Originalmente: “I cannot forget the Injustice of the loss to the thuggish tactics of Wimbledon in the 1988 FA Cup. We played so beautifully with our new team.”

¹²¹ Originalmente: “Don’t let Aldo take the penalty”, “he’s going to go right and Beasant’s going to save it.”

e foi exatamente assim como aconteceu. Já que a máxima do futebol é a mesma em qualquer lugar do mundo, “quem não faz, leva”, Wimbledon marcou nos últimos minutos e levou a taça.

No ano seguinte, Nick esteve poucas vezes nos estádios, em razão de sua vida profissional. Mas, como curiosidade, Nick nos traz a informação de que, no mesmo momento da tragédia de Hillsborough em 15 de abril de 1989, ele estava em Highbury assistindo à magra vitória do Arsenal sobre o Newcastle e só veio a ter mais informações do que realmente teria acontecido após a partida, pois, até o intervalo, só “Havia rumores vindos daqueles com os rádios, algo sobre Liverpool”¹²² (HORNBY, 2000, p. 209). Não se sabia, então, o que estava acontecendo, apenas que o Liverpool fazia parte da situação, para total desespero de Grant.

Desespero esse que ocorreu, dessa vez, não pela violência imposta pelos hooligans dos dois times que iriam jogar pela semifinal da Copa da Inglaterra, Liverpool e Sheffield, mas, sim, pela desorganização da equipe de Sheffield que gerou uma sobrelotação do estádio que estava em péssimo estado de conservação e que, além disso, o local não cumpria as normas mínimas de segurança. Como balanço dessa tragédia, durante a partida, 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados e outros 766 ficaram feridos. Foi o maior desastre do futebol inglês e um dos maiores do mundo, o que veio a modificar drasticamente o futebol inglês e mundial como descrito anteriormente no subcapítulo 2.4.

Mas o ano de 1989 ainda traria mais emoções para os dois. Dessa vez, Grant não estaria mais em casa, em Cape Town. Havia se mudado para os Estados Unidos pouco depois da tragédia de Hillsborough. Sua nova casa agora era Nova York para estudar na *Columbia University*. Mas, mesmo nos Estados Unidos, Grant relata a dificuldade para assistir aos jogos do Liverpool, uma vez o que o futebol bretão não tinha tanta cobertura na época.

“*The greatest moment ever*” (O maior momento de todos) Liverpool vs Arsenal 26.5.89 (HORNBY, 2000, p. 217). Assim Nick inicia uma das últimas narrativas do nosso recorte temporal. Em 23 anos como torcedor, apenas 7 times haviam vencido a Primeira Divisão do Campeonato Inglês, o Arsenal apenas uma

¹²² Originalmente: “*There were rumors emanating from those with the radios, something about Liverpool.*”

em 1971 (pois a final de 1989 ainda não havia ocorrido) e acachapantes 11 vezes o Liverpool. Nessas duas décadas de 1970 e 1980, Nick acreditava que o Arsenal nunca mais ganharia a Liga novamente durante sua vida. Já Grant, com Barnes no time, pensava que nunca mais a perderia.

Como qualquer bom torcedor, no início de cada temporada, tendemos a pensar que essa seria a vez de o nosso time se consagrar campeão. Contudo, com as péssimas temporadas do Arsenal, Nick já havia deixado de acreditar nessa possibilidade. “Era como se, entre 1975 e 1989, assim como alguns deixam de acreditar em Deus, eu deixara de acreditar no Arsenal. Eu apenas tinha certa esperança”, diz (HORNBY, 2000, p. 216-217).

Importante ressaltar que, nessas crônicas que datam do fim da década de 1980, o autobiógrafo tem mais elementos para recontar sua própria vida. Sua memória individual, alimentada pela memória coletiva dos jogos e todos que ali participaram está mais vívida. De acordo com Molloy, “Uma vez que ele vive no livro que escreve e se refere à sua própria vida” (MOLLOY, 2003, p. 33), as representações mais próximas trazem à tona suas lembranças com um grau menor de esquecimento.

Em 1989, mesmo relutante, Nick permitiu acreditar que seria possível vencer aquele campeonato. Faltando 3 jogos, 5 pontos na frente do Liverpool. Jogos em Highbury, tudo indicava que seria daquela vez.

Por mais fanático que Nick pudesse ser, sabia que o Arsenal nos últimos anos sempre lhe falhara. O normal aconteceu, perderam em casa para Derby e empataram com Wimbledon. O Liverpool tinha ainda dois jogos, contra Westham e o próprio Arsenal, com o complicador de serem ambos os jogos em Anfield, casa do Liverpool.

Tudo ficou para ser decidido no último jogo. Precisavam ganhar a partida marcando dois gols a mais que o Liverpool, ou seja, Nick já esperava e estava relativamente preparado para o que iria acontecer.

Como o jogo seria em Anfield, e para a felicidade de Nick não em Wembley, ele tinha alguma esperança, mas, naquele dia, em razão da distância e a violência, não iria ao estádio. Descartou seus rituais, como compra de programa e outros, foi até o estádio do Arsenal e comprou uma nova camisa, depois no trabalho,

passou mal, pois a ansiedade o consumia. Em vez de assistir ao jogo em casa, foi à casa de alguns amigos, onde assistiu ao jogo pela televisão.

Marcamos logo no início do 2º tempo, mas, depois, o Liverpool exercia uma grande pressão e, neste momento, já estariam esperando o pior. Mas, no último minuto da partida, depois dos 90 regulamentares, o meia Michael Thomas marcou nos últimos segundos. “Eu estava deitado no chão e todos na sala pularam em cima de mim. Dezoito anos, tudo esquecido em um segundo¹²³ (HORNBY, 2000, p. 217). Assim são os torcedores: basta uma vitória ou um título e tudo o que passou, o sofrimento, a angústia e as vezes em que quase perdeu a vida torcendo por seu time, são esquecidos como num passe de mágica. Essa é, sim, a graça do futebol. Sua única reclamação era que nada poderia descrever aquele momento, nenhum dos momentos que as pessoas descrevem como único e melhores de suas vidas se igualavam ao seu sentimento ali (HORNBY, 2000, p. 222).

Fato curioso, como já descrito acima, é o de que Grant não comenta derrotas, apenas uma ou outra, e sobre esta épica batalha contra o Arsenal, ele não faz nenhuma referência em toda a obra. Mas entendemos bem o porquê neste momento de comparação, um torcedor com sua “condição” jamais daria o braço a torcer e comentar sobre uma derrota tão dolorosa para os torcedores do Liverpool como essa que reacendeu a paixão de todos os torcedores do Arsenal.

No mesmo ano, em 25-10-89, Arsenal e Liverpool se encontrariam novamente, mas, dessa vez, em Highbury. Como era no jogo de meio de temporada, e o campeonato estava esquentando, os torcedores do Arsenal ainda comemoravam o título da temporada anterior, aquele parecia ser o jogo perfeito para que, mais uma vez, Nick deixasse de fumar.

O jogo foi calmo, e Nick estava com seu chiclete de nicotina, mas, mesmo com a vitória por 1 x 0, percebeu sua loucura, sua obsessão pelo Arsenal. Elas seriam mais fortes do que sua vontade de parar de fumar e aquele não seria o momento ideal para deixar seu vício pela nicotina.

No último jogo da década de 1980, Arsenal 4 vs Norwich 3, todas as possibilidades foram conferidas. Na última crônica de Nick sobre a década de 1980,

¹²³ Originalmente: “*I was flat out on the floor, and everybody in the living room jumped on top of me. Eighteen years, all forgotten in a second.*”

ele nos brinda a descrição do que seria, pelo menos para ele, o jogo perfeito, na visão do torcedor.

- 1- Gols: o máximo possível
- 2- Péssimas decisões da arbitragem
- 3- Uma torcida barulhenta
- 4- Chuva, superfície gordurosa e escorregadia
- 5- O time adversário perde uma penalidade
- 6- Membro da equipe adversária recebe cartão vermelho
- 7- Algum tipo de incidente vergonhoso (Hornby, 2000, p. 229)
- 8- Emoção até o último segundo de partida. (*Este por nós acrescentado em razão do que aconteceu no jogo*).

Tudo isso nos deixa uma pergunta: Qual torcedor, fanático ou não, não gostaria de terminar a temporada com o título e um jogo de grandes emoções?

Chegando ao fim dessa comparação, entendemos que, na verdade, não existe uma tipificação única para Grant e Nick. Ambos passaram por todas as fases descritas por Guilianotti, Galeano, Damo, Carvalho e outros, eles são uma mistura de todos os torcedores e têm alguns aspectos aflorados de cada tipificação oferecida em razão do momento do clube e do momento pessoal de cada um. Em resumo, eles são “torcedores de futebol”, ou, nas palavras de Marcelino Silva, “verdadeiros *sportsmen*” (SILVA, 2006, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse sobre os estudos autobiográficos vem crescendo a cada dia, transformando-se em um tema que tem suscitado novos estudos e denominações por parte dos pesquisadores do gênero. Diante disso, tomamos como objetivo principal desta tese a realização de um estudo comparativo entre as obras *Fever Pitch*, de Nick Hornby, e *Long Distance Love – a passion for football*, de Grant Farred. A proposta foi a de visualizar a relação entre memória, identidade e autobiografia, com foco no seu subgênero: autobiografia esportiva. Para tanto, observamos de que forma os autores apresentam o papel do torcedor de futebol em suas respectivas obras.

Nossa intenção foi tentar preencher uma lacuna em relação ao estudo comparativo das obras que compõem o corpus de análise, já que não encontramos registros de pesquisas ou trabalhos publicados com essa conotação, permitindo, com isso, que novos estudos nesta mesma linha sejam realizados – tanto na área dos Estudos do Lazer como em outras áreas que analisem autobiografias.

Para fundamentar a análise das duas narrativas e atender aos objetivos da nossa pesquisa, estudamos obras complementares sobre autobiografias; autobiografias esportivas; memória, lembranças e esquecimento; futebol e situação política, social e cultural na Inglaterra e África do Sul.

Nos primeiros capítulos, que versam sobre os temas acima descritos, principalmente “autobiografia”, um tema polêmico, tomamos como embasamento teórico a pesquisa das teorias autobiográficas, em especial o pacto autobiográfico, gênero que foi cunhado pelo pesquisador francês Philippe Lejeune. Inicialmente, foi publicado na revista *Petique*, em 1973, e definitivamente em livro com a publicação da obra *Le Pacte Autobiographique* em 1975.

Investigamos, ainda, os conceitos de Andrew C. Sparkes sobre autobiografias esportivas, como também as definições sobre memória e identidade adotadas por Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak e Maurice Halbwachs. Os conceitos sobre historiografia de Alain Courbin e Matthew Taylor, entre outros,

também foram utilizados.

Consideramos que algumas dessas teorias explicam a questão autobiográfica esportiva e memorialista em relação às obras apontadas como nosso objeto de estudo e nos possibilitam uma triangulação entre as obras em si e o contexto histórico e social de cada um dos autores.

Além da leitura analítica dos livros selecionados, realizou-se uma pesquisa em trabalhos publicados sobre os autores em livros, jornais e periódicos. As décadas de 1970 e 1980 foram selecionadas para que fosse possível efetuar uma comparação entre as obras, sabendo que elas têm, como centralidade, além do torcedor de futebol e a passionalidade clubística, a literatura esportiva inglesa.

Tomando por base as obras que formam o corpus de análise da presente pesquisa, traçamos uma comparação entre as trajetórias de Nick Hornby e Grant Farred, desde a infância, traçando semelhanças e diferenças de como o gosto pelo futebol se desenvolveu e, ainda, como se tornaram torcedores de seus times em particular. Focamos em momentos que desvendam como suas obsessões futebolísticas afloraram, nos valendo das coincidências e curiosidades que, além de fazerem parte do universo do futebol para os dois, também os diferenciam entre si.

Uma questão que prevalece na dualidade entre os dois está em suas classes de origem. Enquanto Grant tem sua família como classe trabalhadora, mas na África do Sul e durante o regime do Apartheid, Nick vem de uma família de classe média, na Inglaterra, que passava também por momentos socioeconômicos e políticos conturbados.

Na análise comparativa aqui proposta, partimos de sua tenra idade até meados de sua adolescência, quando ambos, Grant e Nick, dão uma guinada em suas vidas. Na sequência, tecemos a comparação entre os dois torcedores já em sua fase adulta. Relembramos que Nick Hornby vivia em Londres, mesma cidade do Arsenal, enquanto Grant Farred vivia na África do Sul, em pleno regime do Apartheid. Além disso, era um garoto negro torcendo pelo Liverpool, um time reconhecido por não permitir jogadores negros em suas equipes naquele momento.

Podemos entender que Nick Hornby, enquanto torcedor do Arsenal, não apenas traduz o estilo de jogo do clube, como também estabelece diferentes estilos de torcer como atividades de lazer. Ao longo da narrativa que localiza o futebol em sua vida, Nick trabalha essencialmente com dois elementos, como nos aponta Lise (2018, p. 63): “o envolvimento febril e sofrido com o Arsenal; e a aversão a algumas formas de torcer – aqueles que só comparecem ao estádio quando o clube está em boa fase e os hooligans, que sequer são considerados torcedores pelo autor”.

Observamos que Grant Farred, enquanto torcedor do Liverpool, desenvolve em maiores detalhes o estilo de jogo do clube, pois foca um pouco mais em alguns jogadores específicos, que, para ele, são deuses do futebol. Diferentemente da narrativa de Nick, Grant trabalha com outros elementos, como dito por Stefan Szymanski: “uma obsessão de torcer pelo esporte conduzida em diferentes continentes e que nos mostra como o torcer no futebol transcende e incorpora a política” (SZYMANSKI *apud* FARRED, 2008, n.p).

Como destacado na comparação entre os dois torcedores, ambas as narrativas – que tratam de suas lembranças futebolísticas, sociais e políticas, mas também de certas aversões – nos mostram que os autores são realmente fãs do esporte, são torcedores que fazem de tudo para torcer por seus times, mas sem nenhum desrespeito às regras, com histórias pautadas na própria vida.

Embora apresentem estruturas narrativas literárias um tanto quanto diferentes, as obras analisadas retratam o real sentimento do torcedor. No caso de Nick, há mais sofrimento do que alegria em razão dos resultados do Arsenal. Já para Grant, também há um grande sofrimento, mas causado pelo distanciamento geográfico entre ele e o Liverpool e não em razão dos resultados do time em si.

Daí a perspectiva utilizada na elaboração dos capítulos desta tese, como uma narrativa que se inicia pelo posicionamento teórico-metodológico para, em seguida, abordar o plano contextual das possíveis comparações entre as obras. Como temas que foram suscitados com as comparações, podemos citar o trágico, ou violento no futebol; vitórias e derrotas; jogadores de seus times; torcer a qualquer custo; títulos e falta de títulos, obsessão ou condição do torcer pelo torcedor. Nessas

correlações imbricadas nas questões históricas, sociais e econômicas de cada um é que se estabelece uma resposta aceitável para a problematização da presente pesquisa.

Sob nosso ponto de vista, este trabalho traz uma contribuição ao campo dos Estudos do Lazer e ao campo dos estudos sobre o futebol e suas representações sociais. Este estudo apresenta uma teoria, os estudos sobre autobiografias esportivas com foco no torcedor e não em celebridades, que é pouco difundida nos Estudos do Lazer no Brasil e, dessa forma, pode fomentar o interesse de outros pesquisadores por esta temática.

AUTOBIOGRAFIAS

FARRED, Grant. **Long Distance Love: A Passion for Football.** Philadelphia: Temple University Press, 2008

HORNBY, Nick. **Fever Pitch.** London: Penguin Books, 2000.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. Fútbol y Patria: el fútbol y (la invención de) las narrativas nacionales en la Argentina del siglo XX. **Papeles del CEIC** (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco, vol. 2, n. 25, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AQUINO, Jefferson Nicássio Queiroga. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro**. 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado) – EEEFTO. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas de subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARMSTRONG, Lance; JENKINS, Sally. **It's not about the bike**: My journey back to life. London: Yellow Jersey Press; Random House. 2000.

ASSAF recebe Mauricio Murad, autor do livro *A violência no futebol*. **Entrevista em vídeo**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MxKoK9hyly4>> Acesso em: 23 set. 2015.

CALDEIRA, Lúcio Garcia. **Batalhas do futebol**: Um resumo da história de todas as Copas do Mundo. Varginha, MG: Editora Sul Mineira, 2013.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Futebol**: paixão e política. São Paulo: DP&A, 2000.

CARVALHO, José Eduardo de. **Atleta do futuro**. 150 anos de futebol. São Paulo, SP: SESI-SP Editora, 2012.

CHAMPION, Bob; POWELL, Jonathan. **Champion's story: A great human triumph.** London: Fontana Paperbacks, 1981.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLIFFORD, Geraldine J. The autobiography of Sidney Leavitt Pressey: a commentary. *In.*: **Yearbook of the national society for the study of education**, 17th h. Chicago: The University of Chicago Press, 1971, p. 266-276.

COELHO PACE, Ana Amélia Barros. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune.** 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

COELHO, Eduardo (Org.). **Donos da bola.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

COENGA, Rosemar Eurico. Entre a memória e a autobiografia: Estudo comparativo entre Jorge Luís Borges e José Saramago. *In.*: VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica UFMT, 2016, Cuiabá. **Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676.**

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978).** Niterói, RJ: Faperj, 2014.

CROWTHER, P. **Our Club Our Rules: F.C. United of Manchester.** Manchester: Lulu Books, 2006.

DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 1, n. 4, 1982, p. 54-60.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França.** SP: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo Perspec**, São Paulo, v.15, n.3, 2001, pp.82-91.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier** - o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1998.

DAVIS, Leon. Football fandom and authenticity: a critical discussion of historical and contemporary perspectives. **Soccer & Society**, Abingdon (Inglaterra), v. 16, n. 2-3, 2015, p. 422-436.

DIAS, Cleber. Por um programa investigativo para os esportes na natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, abr. 2008.

DOWDLE, Stephanie. **La Copa Mundial 1978: La Manipulación de La Junta Ante el Mundo**. Ann Arbor: Universidade de Michigan, 2011. Disponível em: <<http://deepblue.lib.umich.edu/itstream/2027.42/85260/1/sdowdle.pdf>> Acesso em: fev. 2015.

DOYLE, Paul. How Englands First Heavy Metal Football Conquered Europe. **The Guardian**, 20. jun. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2017/jun/20/how-englands-first-wave-of-heavy-metal-football-conquered-europe>> Acesso em: 03 abr. 2019.

DRUMOND, Mauricio. **Estado Novo e Esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Visão de Campo, 2014.

DUARTE, Orlando. **Enciclopédia – Todas as Copas do Mundo**. São Paulo: Makron Books, 1998.

DUNNING, Eric. **Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London: Routledge, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo. *In*: THOMPSON, E.P; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio (Orgs). **Peculiaridades de E.P. Thompson**: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

FRANK, Arthur. **The wounded storyteller**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GALEANO, Eduardo. **As Veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz & Terra, 1980.

GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2018.

GALEANO, Eduardo. **Soccer in Sun and Shadow**. London: Verso Publisher, 1998.

GALLE, Helmut. Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. **Matraga**: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 13, n.18, p.64-91, 2006.

GEHRINGER, Max. **Almanaque dos Mundiais**: os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006. São Paulo: Globo, 2010.

GERGEN, Mary M.; GERGEN, Kenneth J. Autobiographies and the shaping of gendered lives. *In*: COUPLAND, Nikolas; NUSSBAUM, Jon F. (Orgs.). **Discourse and lifespan identity**. London: Sage, 1993, p. 28-54.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e *flâneurs*: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, jun. 2012.

GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Christianne L. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. *In*: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Desafios e perspectivas da educação para**

o lazer / Desafíos y perspectivas de La educación para el ocio = Challenges and projects of education for leisure. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011.

GOMES, Christianne L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens** (English Translation), New York: Roy Publishers, 1950.

JOHN, Ian St.; LAWTON, James. **The Saint, my autobiography.** London: Hodder & Stoughton, 2005.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. **“Deixem em paz os nossos cracks”**: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

LANGE, David. Football in the United Kingdom – Statistics and facts. **Statista**, 12 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.statista.com/topics/3156/football-in-the-uk/>> Acesso em: 20 jan. 2020.

LEJEUNE, Philippe. A Plea for a Guide to Autobiographical Europe. Life Writing in Europe. *In*: **Founding Conferece IABA Europe**, Amsterdam: 29 out. 2009. Disponível em: < <https://www.autopacte.org/81amsterdamangl.pdf> > Acesso em: out. 2020.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LINHALES, Meily Assbú. Jogos da Política, Jogos do Esporte. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Esporte**: políticas públicas. Campinas/SP: Autores Associados, 2001, p.31-56.

LISE, Natasha Santos. **Arsenal, we're on your side**: uma análise do futebol em Nick Hornby. 2018. 108 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MACHADO DA SILVA, Luiz A. – O significado do botequim. *In*: MACHADO DA SILVA, Luiz A. *et all.* **Cidade Usos e Abusos**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

MACIEL, Ana Amélia Dantas. **Autobiografia e memória**: uma comparação entre as obras *Historie de ma Vie* e *Voltar a Palermo*. 2011. 198 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MAIORES torcidas do Brasil: veja evolução de pesquisas de 1993 a 2019. **Globo Esporte**, 17. jul. 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/maiores-torcidas-do-brasil-veja-evolucao-de-pesquisas-de-1993-a-2019.ghtml>> Acesso em: 20 jan. 2020.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 12.ed. Campinas: Papirus, 2012.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer: necessidade e manifestação humana (excerto de “Políticas do Lazer: mercadores ou educadores?”). *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Esporte**: políticas públicas. Campinas/SP: Autores Associados, 2001, p. 5-12.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Tempo e memória: a construção social do passado na história. *In*: ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Associação Nacional de História (ANPUH), 2007.

MARTOLIO, Edgardo. **Glória Roubada**: o outro lado das Copas. São Paulo: Figurati, 2014.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e História do esporte**. Rio de Janeiro: Arquivos 7 Letras, 2013.

MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito**: a escrita autobiográfica na América hispânica. Tradução Antonio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. 2.ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

MURAD, Mauricio. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 99, set./out./nov. 2013, p.139-152.

OSMOND, Gary. **Shimmering waters**: Swimming, autobiography, and social memory. *Sporting Traditions*, 20 (1), 63-71, 2003.

PADILHA, Marcos Lopes; MORANDINI, Eduardo; SANTOS, Marco Aurélio; TOLEDO, Luiz Henrique. **Boteco**: espaço de lazer e sociabilidade na metrópole. 1988. Trabalho de conclusão do curso (Seminários em Antropologia I) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLEY, Martin. **Moving the Goalposts**. A history of sport and society since 1945. Abigdon (Ingraterra): Taylor & Francis e-Library, 2003.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. 1998. 127f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RIBAS, Lycio Velloso. **O mundo das copas**: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

RODRIGUES, Nelson, **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROJEK, Chris. O Lado obscuro da Lazer: Formas anormais. *In*: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Desafios e**

perspectivas da educação para o lazer / Desafíos y perspectivas de La educación para el ocio / Challenges and projects of education for leisure. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011.

SALEN, Katie; ZIMMERMAN, Eric. **The Game Design Reader: A Rules of Play Anthology**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2006.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Sheila dos Santos; MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Escritas de si e espaço biográfico – revisão teórico-crítica. **MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, Três Corações, v.7, n. 2, jul./dez. 2016.

SILVA, Silvio Ricardo da. A construção Social da Paixão no Futebol: o caso do Vasco da Gama. *In*: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 21-52.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida e bem feliz...** da relação torcedor com o clube. 2001. 130p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274864>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

SILVA, Silvio Ricardo; NETO, Gerogino Jorge de Souza; CAMPOS, Priscilla Augusta Ferreira. Lazer, Torcidas e Futebol. *In*: ISAYAMA, Helder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo (Orgs.). **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p. 111-123.

SITE OFICIAL DO ARSENAL. Homepage. Disponível em: <<http://www.arsenal.com/home>> Acesso em: 05 out. 2020.

SITE OFICIAL DO LIVERPOOL. Homepage. Disponível em: <<http://www.liverpoolfc.com/>> Acesso em: 05 out. 2020.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos - PGGL**, João Pessoa, vol. 16, n. 1, 2014.

SPARKES, Andrew C. e STEWART, Carly. Taking sporting autobiographies seriously as an analytical and pedagogical resource in sport, exercise and health. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 8, Issue 2, p. 113-130, 2015.

SPARKES, Andrew C. Sporting Heroes, Autobiography and Illness Narratives: A Brief Comparison of Bob Champion and Lance Armstrong. *In*: ROBINSON, David et al. (orgs). **Narrative, Memory and Identities**. Huddersfield: University of Huddersfield, 2009, p. 113-125.

TAYLOR, Matthew. From Source to Subject: Sport, History, and Autobiography. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 2, p. 469-491, 2008.

TERCIOTTI, Talita Vidigal. Futebol e nacionalismo na revista *Veja* (1969 - 1970). *In*: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994, p.92-101. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p92-101>> Acesso em: out. 2020.

VILLELA, Gustavo. Após gol contra na Copa de 94, zagueiro da Colômbia é assassinado. **Acervo Globo**, Rio de Janeiro, 02. jul. 2014. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/apos-gol-contra-na-copa-de-94-zagueiro-da-colombia-assassinado-13106167#ixzz6a0Fi3z21>> Acesso em: 05. out. 2020.

VULLIAMY, Ed. Were the 70's footballs Golden age? **The Guardian**, 10 ago. 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2014/aug/10/were-seventies-football-golden-age-of-innocence-book>> Acesso em: 03 abr. 2019.

WOOLRIDGE, Joyce. These Sporting Lives: Football Autobiographies 1945–1980. **Sport in History**, v. 28, Issue 4, p. 620-640, 2008.

WORLD CUP 1996: Did England rig the result? **The National Archives**. Disponível em: <<http://www.nationalarchives.gov.uk/education/resources/world-cup-1966>> Acesso em: 16 out. 2016.

1 ANEXO I

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, MINHA PAIXÃO



O time de futebol **São Paulo Futebol Clube** é um dos principais times de futebol do Brasil com sede na cidade de São Paulo.¹²⁴ O time teve sua primeira fundação em 25 de janeiro de 1930, quando da junção de dois clubes de futebol amador, quais sejam, o Clube Atlético Paulistano e a Associação Atlética das Palmeiras. Essa junção se deu em virtude de um desacordo com a CBD¹²⁵ que não os reconhecia. Nesse ensejo, jogadores, dirigentes e ex-sócios dos dois times resolveram fundar um novo clube que fosse reconhecido pela CBD, criando-se, então, o São Paulo Futebol Clube da Floresta. Mas, após uma série de problemas e novas junções, numa reviravolta, o clube teve que ser refundado em 16 de dezembro de 1935, apenas como São Paulo Futebol Clube, preservador das glórias e tradições do São Paulo Futebol Clube da Floresta, o qual foi fundado em 25 de janeiro de 1930, e extinto em 14 de maio de 1935. O dia 25 de janeiro é considerado data magna do São Paulo Futebol Clube, em homenagem à primeira partida oficial de futebol do clube.

As três cores do São Paulo foram definidas na fundação do clube, em 25 de janeiro de 1930, e são rigidamente imutáveis: vermelho, branco e preto, as mesmas cores dos integrantes de sua fundação. O vermelho representa aqueles vindos do CA Paulistano e, o preto, os sócios da AA das Palmeiras. O branco era comum a ambos. Daí a origem do nome da torcida e apelido do time “Tricolor”. As cores também são as representantes do Estado de São Paulo, como dizem os estatutos do clube: “as cores do São Paulo Futebol Clube são as da bandeira paulista, vermelha, branca e preta.”¹²⁶

O lema do clube, da torcida e dos jogadores é a expressão “Tricolor ou Tricolor do Morumbi”, frases que estampam todo e qualquer hino das torcidas e notícias sobre o time. Logicamente rivais tentam criar outros, mas sem grande sucesso.

¹²⁴ <http://www.saopaulofc.net/> Acesso em: 05 out. 2020.

¹²⁵ Confederação Brasileira de Desportos

¹²⁶ <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/simbolos> Acesso em: 05 out. 2020.

Já em relação ao seu escudo, o coração de cinco pontas do Tricolor nasceu poucos dias após o marco inicial de 26 de janeiro de 1930. O escudo foi desenhado para um concurso interno pelo estilista alemão Walter Ostrich (popularmente conhecido como Oliver), com a colaboração de um dos fundadores do clube, Firmiano de Moraes Pinto Filho. Poucas mudanças foram feitas ao decorrer dos anos, a mais visível foi o escudo que tinha as letras do acrônimo pontuadas¹²⁷ após cada uma para o escudo sem pontuação alguma, como vemos acima. Mudança essa que ocorreu em 1982.



Como um dos fatos curiosos e irônicos relativo ao São Paulo, está a famosa frase "Onde a moeda cai em pé".¹²⁸ Esta frase se encontra no hall de entrada para os jogadores no Estádio do Morumbi. Em 1942 o título do Campeonato Paulista bateu na trave. Um jogo ruim, aliado a uma arbitragem estranha e catastrófica, de um completo desconhecido que nunca apitou nada importante antes e nem depois - além de um cenário político complexo no jogo decisivo -, impediram o sucesso do Tricolor.¹²⁹

Veio então a temporada de 1943. No conselho arbitral que definiria o regulamento da competição, os presidentes das equipes debatiam favoritismos, quando um dirigente afirmou que tudo aquilo não seria necessário. Que para definir o Campeão Paulista bastaria ao árbitro jogar a moeda ao ar. Se desse cara, o campeão seria o Corinthians. Se desse coroa, o Palmeiras.

- "Mas e o São Paulo?" - Questionou Décio Pacheco Pedroso, presidente do Tricolor, ao que responderam: - "Só se a moeda cair em pé".



05 out. 2020.

<http://www.saopaulofc.net/spicpedia/a-historia-do-sp>

O São Paulo logo se esforçou para reforçar seu elenco, contratou Zezé Procópio, Noronha, Ruy, Zarzur e Antônio Sastre - que os



rivais satirizavam por "Desastre", por considerá-lo velho. Mais uma vez o tempo seria o senhor da razão. Na última rodada do campeonato, novamente a decisão ficou entre São Paulo e Palmeiras. O Tricolor jogava por um empate para comemorar o título. Empate esse que veio, 0 a 0 e São Paulo campeão.

A moeda caiu em pé!

Como todo time grande, campeão, o São Paulo também tem seu majestoso estádio. O famoso Morumbi, mas que realmente se chama Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Cícero Pompeu de Toledo foi o presidente do São Paulo que articulou e incentivou a construção de um estádio próprio para o clube. Infelizmente, ele faleceu em 1958, dois anos antes de ver o estádio inaugurado em 1960, mesmo estando apenas parcialmente construído. Em sua homenagem, o estádio leva seu nome. Somente em janeiro de 1970 o estádio teve sua construção concluída e teve sua segunda inauguração. Alguns detalhes sobre o estádio: o maior estádio particular do país, com capacidade para receber 67.032 pessoas. O Cícero Pompeu de Toledo é o 3º maior na classificação geral, atrás apenas do Maracanã e do Mané Garrincha. Ao longo de seus 58 anos de vida, o Morumbi pode comportar cerca 150 mil torcedores, mas, por medidas de segurança, a capacidade foi reduzida aos poucos até atingir a atual.¹³⁰

Diferentemente do que será trabalhado nesta tese em relação aos times do Arsenal e Liverpool, ambos da Inglaterra, não me remeterei apenas à relação dos títulos entre as décadas de 1970 e 1980, mas sim aqueles que tiveram para mim maior expressividade. O São Paulo é 6 vezes campeão Brasileiro, 3 vezes campeão da Copa Libertadores da América e 3 vezes Campeão Mundial Interclubes. Dentre todos estes títulos só não acompanhei o primeiro brasileiro, quando o São Paulo foi campeão no Mineirão, em Belo Horizonte batendo o Atlético Mineiro nos pênaltis. Fato curioso, este jogo aconteceu em 05 de março de 1978, e não em 1977. Apesar dos demais títulos do São Paulo, em sua grande maioria os pude acompanhar e sofrer bastante, geralmente em pequenas comemorações com meu pai e meu irmão mais velho, e, após 2004, com meu filho. O São Paulo possui

¹³⁰ <http://www.worldstadiums.com> Acesso em: 05 out. 2020.

também 22 títulos do campeonato Paulista, alguns dirão que são 21 por não considerar o Super Campeonato Paulista de 2002, mas infelizmente só tenho recordações daqueles conquistados após 1980.

Dentre os seus maiores rivais no esporte estão o Palmeiras, com quem faz o clássico “Choque Rei”, o Corinthians, e o Santos com quem faz outro famoso clássico, o “SanSão”.

Outro dado importante sobre o São Paulo é o fato de fazer parte de uma seleta lista de clubes brasileiros que desde que chegaram à primeira divisão do Campeonato Brasileiro, nunca caíram para a série B, sendo eles: Chapecoense, Cruzeiro, Flamengo, Santos e São Paulo. Mesmo tendo por vezes permeado a zona de rebaixamento, nunca fomos rebaixados.

O tricolor do Morumbi tem uma grande tradição em disputar a Taça Libertadores da América. Foram 18 participações distribuídas em 181 jogos disputados. O clube chegou a atuar em sete edições seguidas, entre 2004 e 2010, e com esses números é o time brasileiro que mais jogou a Copa Libertadores da América. O time chegou a seis finais da competição, levando a taça em três oportunidades.

Somos a 3ª maior torcida do país, que sempre está junto do clube nas horas boas e nas ruins. Que protesta quando é preciso e que apoia nos momentos que o time mais necessita.

O retrospecto do São Paulo em relação aos clubes da tese é totalmente favorável ao Tricolor. Em 04 de junho de 1949, o Arsenal em excursão pelo país, jogou com o São Paulo e perdeu de 1x0 numa partida amistosa. Já o Liverpool, em 18 de dezembro de 2005 perdeu pelo mesmo placar de 1x0 na final do Campeonato Mundial Interclubes, quando do terceiro título Tricolor.

Entendo também, assim como foi publicado em um artigo da revista Exame de 09 de fevereiro de 2000, que o amor aos clubes é a mola propulsora dos esportes coletivos, principalmente o futebol. O real torcedor acompanha seu time em qualquer momento e em qualquer competição. Ele tem o desejo de se sentir

informado, de saber o que acontece com seu time e acima de tudo, participar da emoção de uma partida.

A fim de completar a informação sobre minha experiência no estádio com meu filho e pai, eis aqui uma outra razão. Tivemos a honra de ter acompanhado a atuação do nosso ídolo, o mito Rogério Ceni. Neste jogo em específico, não teve nenhum trabalho e nem marcou nenhum gol. Foi quase, numa falta que passou próximo ao travessão. Importante salientar que Rogério Ceni, ao longo de seus 25 anos de carreira no São Paulo, além de ser um excelente goleiro, se tornou o maior goleiro artilheiro do mundo com 131 gols, sendo 62 de falta e 69 de pênalti. Ceni ainda carrega a marca de ser o jogador que mais vezes atuou pela mesma equipe, 1237 partidas disputadas. Só o São Paulo para ter um ídolo assim.

Ao chegar ao fim deste pequeno preâmbulo sobre meu clube de coração, acredito ser importante ressaltar de que este trabalho não terá o São Paulo como fonte principal. Assim como eu tive uma formação de torcedor um pouco diferente, este trabalho fará o estudo comparado sobre obras memorialistas de dois torcedores britânicos, um torcedor do Arsenal e outro do Liverpool, que também tiveram diferentes formações de torcedor.

A deferência por este estudo baseia-se na minha própria afetividade memorialista em relação ao São Paulo Futebol Clube, desde a infância e formação como torcedor até a fase adulta. Assim, despertou-se em mim o interesse por estudar obras que versam sobre o mesmo tema, num recorte que contemple a relação entre Lazer e Esporte/Futebol. Sendo assim, as obras que formam o corpus de análise da Tese são as autobiografias de dois torcedores e escritores britânicos tendo como foco da pesquisa, as memórias do torcer dos mesmos.

ANEXO II

ARSENAL VS. LIVERPOOL

Para um melhor entendimento desta tese, trazemos um breve histórico dos dois times, Arsenal e Liverpool, que contemplam a paixão dos torcedores Grant Farred pelo Liverpool e Nick Hornby pelo Arsenal.

Para que possamos entender um pouco mais o que é torcer por um dos times de futebol descritos nesta tese, se faz necessário um breve levantamento histórico para traçarmos as raízes de cada time, de suas torcidas e fatos distintos e interessantes de cada time. Vale destacar que as principais informações contidas aqui são pertinentes às décadas de 1970 e 1980, que são as décadas aqui estudadas.



¹³¹O time de futebol **Liverpool Football Club ou L.F.C** é um dos principais times de futebol da Inglaterra com sede na cidade de Liverpool. O time foi fundado em 1892 por John Houlding, quando o outro time local, Everton, que jogava no estádio de Anfield Road, propriedade de Houlding, decidiu não jogar mais naquele estádio por razões financeiras. Então, John Houlding fundou o *Liverpool Football Club* em 15 de março de 1892 para jogar no Anfield pois o mesmo estava desocupado. Os “The Reds”, como são mais conhecidos mandam seus jogos em seu estádio desde a sua criação.

LFC, ou “The Reds”, são assim chamados em virtude das cores de fundação e dos uniformes do time. Os uniformes sempre tiveram a cor vermelha como predominante, mas só após em um jogo de 1964, o uniforme se tornou todo vermelho. O idealizador desta jogada de marketing, podemos assim dizer, foi o manager Bill Shankly. Liverpool jogou todo de vermelho pela primeira vez contra o Anderlecht, como Ian St. John, jogador do time, lembrou em sua autobiografia:

Shankly achou que esse esquema de cores causaria impacto psicológico no adversário - vermelho de perigo, de poder. Ele entrou no vestiário um dia e jogou os calções vermelhos para Ronnie Yeats: "Ponha estes shorts e vamos ver como fica", disse ele. "Cristo, Ronnie, você parece incrível, aterrorizante. Você parece que tem sete pés de altura." "Por que não ir a todo assim, chefe?", eu sugeri. "Por que não usar meias vermelhas? Vamos sair todo de vermelho." Shankly aprovou e um kit icônico nasceu. (JOHN; LAWTON, 2005, p. 76)

¹³¹ <https://www.liverpoolfc.com/> Acesso em: 05 out. 2020.

Já em relação ao seu escudo, nele está o Liverbird (uma phoenix) que é o símbolo da cidade de Liverpool e foi adotado como escudo do clube em 1901, embora não tenha sido incorporado no uniforme até 1955. Ao lado temos o escudo usado nos anos 70 e parte dos 80 e o escudo que o sucedeu¹³².



133

O lema do clube, da torcida e dos jogadores é "*You'll never walk alone*", que traduzido significa "*Você nunca caminhará sozinho*". Este lema faz parte do hino que é cantado loucamente pelos seus torcedores e também está gravado em uma das entradas do estádio, acima dos Shankly Gates, que é a principal entrada dos torcedores do Liverpool.

Podemos aqui acrescentar um fato irônico, não fosse a situação em que Grant vivia na África do Sul, na qual, enquanto o lema do seu time lhe dizia que ele nunca caminharia sozinho, não era o que realmente acontecia em relação ao seu próprio exercício de torcer pelo Liverpool na África do sul na década de 1970.

¹³² <https://www.liverpoolfc.com/history/crests> Acesso em: 05 out. 2020.

¹³³

<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjvpNHNhKzdAhUFIZAKHRLIDDcQjB16BAgBEAQ&url=https%3A%2F%2Fshop.photo4me.com%2F419849%2Fcanvas&psig=AOvVaw2ELFWHK095v1xtMoH9Lqxz&ust=1536517422420379> Acesso em: 05 out. 2020.

O período mais importante de sua história em relação a títulos se deu entre as décadas de 1970 e 1980, décadas em que algumas competições foram vencidas de forma invicta. O LFC é uma das equipes mais vitoriosas da Inglaterra e da Europa, tendo conquistado 5 Liga dos Campeões, sendo 4 delas dentro das décadas estudadas neste projeto; 3 Copa da UEFA, sendo 2 nas décadas citadas; 3 Supercopa da UEFA, sendo 1 nestas décadas; 18 Campeonatos Ingleses, sendo 11 só nestas décadas; 7 Taças da Inglaterra, sendo 3 nestas décadas; 8 Taças da Liga sendo 4 nestas décadas e 15 Supertaças da Inglaterra, sendo 9 nestas décadas. Não por coincidência as décadas estudadas nesta tese e que receberam maior atenção de seu torcedor, Farred Grant em sua autobiografia. Como colocado por ele, os principais jogadores da época, e que o ajudaram a desenvolver sua paixão pelo Liverpool eram Bill Shankly e Bob Paisley que lideraram o Liverpool a onze títulos nacionais e a sete troféus europeus.

Infelizmente, como fato relevante à década de 1980, sinto-me na necessidade de relatar que o time do Liverpool esteve envolvido em duas das maiores tragédias da história do futebol europeu e mundial. Em 29 de maio de 1985, em Bruxelas na Bélgica aconteceu a tragédia de Heysel, na final da Copa Europa entre Liverpool e Juventus, quando 39 pessoas, principalmente torcedores italianos foram mortas devido a acidentes causados por hooligans ingleses no estádio de Heysel. Já em 15 de abril de 1989, no estádio Hillsborough, em Sheffield, quando Liverpool e Nottingham Forest jogavam pela semifinal da FA Cup, 96 torcedores do Liverpool que viajaram até Sheffield nunca retornaram. Uma das causas foi atribuída à superlotação causada por negligência da polícia de Sheffield, no que ficou conhecido como o Desastre de Hillsborough. No estádio de Anfield Road, existem mensagens e um memorial, assim como no website oficial, com os nomes de todos que faleceram nos dois eventos seguidos das mensagens, "*In Memoria e Amicizia*" para a tragédia de Heysel e "*Will never be forgotten*" para a tragédia de Hillsborough.

Dentre os seus maiores rivais no esporte estão o Everton, com quem faz o clássico da cidade de Liverpool, chamado de Merseyside Derby, o Manchester United e o Arsenal. Sendo esta tese sobre torcedores do Liverpool e Arsenal, isso nos dá uma mostra da grande rivalidade entre eles.

Liverpool foi o primeiro clube Inglês profissional a ter o logotipo do patrocinador em suas camisas, após aprovação de um acordo com a Hitachi, de 1979 a 1982. Desde então o clube foi patrocinado pelas tintas Crown de 1982 a 1988, eletrodomésticos Candy de 1988 a 1992. Como estamos estudando apenas as décadas de 70 e 80 informações após estas datas não serão incorporadas ao estudo.

Liverpool apenas adotou uma empresa de material esportivo nos anos 1970. Iniciou com a empresa Inglesa UMBRO entre os anos de 1973 a 1985. Em 1985 adotou a empresa alemã ADIDAS, com quem manteve parceria até os anos 90. Em todos os momentos, mantendo o vermelho nos uniformes, tanto de jogo quanto de treino.



¹³⁴O time de futebol **Arsenal Football Club** é também um dos principais times de futebol da Inglaterra com sede na cidade de Londres. O time foi fundado em 1886 por um grupo de trabalhadores da Woolwich Arsenal Armament Factory, uma fábrica de armas que, em 1886, por diversão, decidiram criar uma equipa de futebol. O clube a princípio se chamava Dial Square.

Pouco tempo depois o clube mudou de nome e passou a se chamar Royal Arsenal. Então, em 1891, o clube mudou de nome novamente, vindo a chamar-se Woolwich Arsenal. Em 1910 Henry Norris assumiu o controle do Arsenal, pois o mesmo passava por uma enorme crise financeira, principalmente por causa de sua localização, que ficava no sudeste de Londres e não atraía um bom número de torcedores. Norris então procurou tirar o clube de Woolwich, levando-o em 1913 para o bairro de Highbury localizado no norte de Londres na esperança de atrair mais torcedores e passou a chamar-se apenas Arsenal. Os "The Gunners"¹³⁵, como são mais conhecidos mandaram seus jogos no Arsenal Stadium, ou Highbury como

¹³⁴ <https://www.arsenal.com/> Acesso em: 05 out. 2020.

¹³⁵ The Gunners – No escudo do time há o desenho de um canhão. Foi implantado desde as origens do clube, que havia sido criado pelos funcionários da fábrica de armas chamada Woolwich Arsenal Armament Factory em Woolwich (no sudeste de Londres), e por isso usada uma arma no escudo. Sendo esta arma um canhão, e então o apelido de "The Gunners", que significa canhões.

era mais conhecido entre 1913 e 2006, em Highbury¹³⁶.



7.

Já em relação ao seu escudo, o canhão sempre esteve presente. Várias mudanças foram feitas ao decorrer dos anos, mas o canhão sempre esteve lá. Ao lado temos o escudo usado¹³⁷ nos anos 70 e parte dos 80.

O lema do clube, da torcida e dos jogadores é a expressão em Latim “*Victoria Concordia Crescit*”, que em Inglês é traduzida como “*Victory Grows Through Harmony*”, e em Português “*A vitória cresce através da harmonia*”. Este lema faz parte do hino que é cantado loucamente pelos seus torcedores desde 1949 e, desde então também está gravado no escudo do time.

Um dos períodos mais sombrios em relação a títulos de sua história se deu entre as décadas de 1970 e 1980, décadas em que apenas venceu poucas vezes e algumas competições com pouca expressão. Apesar de ser uma das equipes mais importantes da Inglaterra e da Europa, o mesmo não se reflete aos títulos. Tendo conquistado ao todo 1 Recopa Européia; 1 Taça das Cidades com Feiras; 13 Campeonatos Ingleses, sendo apenas 2 nestas décadas; 13 Taças da Inglaterra, sendo 2 nestas décadas; 2 Taças da Liga sendo 1 nestas décadas e 15 Supertaças da Inglaterra, sendo que nenhuma fora conquistada nestas décadas. Não

136

https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fwww.arsenal.com%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Fstyles%2Flarge%2Fpublic%2Fimages%2Fhighbury12.jpg%3Fitok%3D73pmaC-o&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.arsenal.com%2Fhistory%2Farsenal-stadium-highbury&docid=AUXF2huyc7-tkM&tbid=K51QJHhXrECurM%3A&vet=10ahUKEwiYyb3Emq_dAhWBCpAKHVdRDS0QMwhUKBUwFQ..i&w=1045&h=588&bih=663&biw=1280&q=highbury%20arsenal&ved=0ahUKEwiYyb3Emq_dAhWBCpAKHVdRDS0QMwhUKBUwFQ&iact=mrc&uact=8 Acesso em: 05 out. 2020.

¹³⁷ <https://www.arsenal.com/news/news-archive/the-arsenal-crest> Acesso em: 05 out. 2020.

por coincidência as décadas estudadas nesta tese e que receberam maior atenção de seu torcedor, Nick Hornby em sua autobiografia. Como colocado por ele, foi um período difícil, que o fez até trocar a paixão pelo Arsenal pelo time da sua universidade.

Dentre os seus maiores rivais no esporte estão o Tottenham, com quem faz o clássico do norte da cidade de Londres, chamado de North London Derby, o Manchester United e o Liverpool. Sendo esta rivalidade entre o time do Liverpool e Arsenal a que mais nos interessa.

Como fatos curiosos sobre o Arsenal, podemos citar dois. É o time detentor do recorde de maior período de invencibilidade no Campeonato Inglês e também o de ser o único a ganhar a Premier League invicto. Um outro grande feito é o de ser, junto ao Dublin-URU, Santa Cruz, Atlético Mineiro, e do Flamengo, um dos 5 únicos clubes do mundo que já venceram a Seleção Brasileira de Futebol.

Arsenal foi um dos primeiros clubes Ingleses de futebol profissional a ter o logotipo do patrocinador em suas camisas, após aprovação de um acordo com a JVC, de 1982 a 1999. Após esta data, o clube foi patrocinado por outros patrocinadores. Como estamos estudando apenas as décadas de 70 e 80 informações após estas datas não serão incorporadas ao estudo.

Arsenal também foi um dos primeiros clubes ingleses a adotar uma empresa de material esportivo. Iniciou com a empresa Inglesa BUKTA, entre os anos 1930 e 1970. Após, teve como fornecedor esportivo a empresa Inglesa UMBRO entre os anos de 1970 a 1986. Em 1986 adotou a empresa alemã ADIDAS, com quem manteve parceria até os anos 90. Em todos os momentos, mantendo o vermelho e branco nos uniformes, tanto de jogo quanto de treino.

Nos deparamos aqui com mais uma coincidência, pois ambos Arsenal e Liverpool tiveram as empresas UMBRO e ADIDAS como fornecedores de material esportivo nas mesmas décadas.